

# TRABALHOS DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

---

VOLUME XXV — FASC. I

SUBSIDIADO PELO INSTITUTO NACIONAL DA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA,  
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, CÂMARA MUNICIPAL DE CHAVES  
E EMPRESA DAS ÁGUAS DE CARVALHELHOS

---



PORTO — 1985

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA «DR. MENDES CORRÊA» — Faculdade de Ciências

CONSELHO DIRECTOR DA SOCIEDADE PORTUGUESA  
DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

PRESIDENTE

JOAQUIM RODRIGUES DOS SANTOS JÚNIOR  
Prof. jub. de Antropologia e Sociologia da F. C. da Univ. do Porto

Res. Quinta da Caverneira — Aguas Santas — 4445 Ermesinde

VICE-PRESIDENTE

ABEL SAMPAIO TAVARES  
Prof. apos. da F. M. da Univ. do Porto

Res. Rua de Tânger, 1661-2.º E — 4100 Porto

SECRETARIO

AGOSTINHO FARINHA ISIDORO  
Assessor no Inst. Antrop. «Dr. Mendes Corrêa» da F. C. da Univ. do Porto

Res. Rua Germano de Paiva, 41 — 4450 Matosinhos

TESOUREIRO

AGOSTINHO CAMPOS FERREIRA  
Licenciado em Economia (U. P.)

Parque D. Maria II, 34 - 2.º Dt.º — 4780 Santo Tirso

VOGAL-BIBLIOTECARIO

OSVALDO DA SILVA FREIRE  
Assistente da F. C. da Univ. do Porto

Res. Rua de D. Manuel II, 104 — 4000 Porto

(VER PAGINA 185)

## **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**



# TRABALHOS

DE

# Antropologia e Etnologia

Publicação da

SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

---

VOLUME XXV — FASC. I

SUBSIDIADO PELO INSTITUTO NACIONAL DA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA, FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, CAMARA MUNICIPAL DE CHAVES E EMPRESA DAS ÁGUAS DE CARVALHELHOS

---

PORTO — 1985

Sede da Sociedade: INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DR. MENDES CORRÊA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS — UNIVERSIDADE DO PORTO

## ERRATAS

<i>LINHA</i>	<i>ONDE SE LÊ</i>	<i>LEIA-SE</i>
7	poente do recinto	do recinto
9	as portas	a porta
34	freguesia	freguesia
18	necessário	necessária
29	publicada	publicado
13	Há muitos	Há muito
28	Paredes da Beira	Paredes da Beira.
29	foram já	Foram já
22	da igreja	da capela
27	Monticida	Mouticida
3	»	»
13	tenha	tinha
19	provavelmente como	provavelmente, como
29	Astone	A stone
4	Estnologia	Etnologia»

# O Castro da Curalha

## 10.<sup>a</sup> Campanha de escavações (Chaves)

POR

**Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior \***

Prof. catedrático jubil. da F. C. Univ. do Porto  
Presidente da Soc. Portug. de Antrop. e Etnol.  
Bolseiro do Inst. Nac. de Investigação Científica

e

**Adérito Medeiros Freitas \*\***

Licenciado em Ciências Geológicas da F. C. U. P.  
Professor efectivo do Liceu de Guimarães  
Sócio da Soc. Portuguesa de Antrop. e Etnologia

Há mais de 30 anos que um de nós (J. R. S. J.) trabalha em escavações de castros de Trás-os-Montes. Em todos eles, como aliás em todos os castros de qualquer outra região, o mato que cresce viçoso dum ano para outro, é sempre motivo de trabalho no corte e arranque do mesmo.

Comecei há 3 anos no Castro de Carvalhelhos, a ensaiar o ataque ao mato, — ervavam, arbustos e até pequenas e tenras árvores (p. ex. tufos de carvalho) — com pesticidas.

Em Carvalhelhos empregamos os pesticidas seguintes: o herbicida *Roundup* e o *arbusticida Mouticida*.

A aplicação feita em diluição conveniente e na quadra própria deu em Carvalhelhos, resultados concretos, pois o

---

\* Quinta da Caverneira — Aguas Santas — 4445 Ermesinde.

\*\* Rua Saraiva Brandão, 260 8.º-Dto. — 4800 Guimarães.

mato, na sua quase totalidade, secou. Nos tufos mais espessos, sobretudo de carqueja, deve-se insistir com a palverização, um pouco mais do que nas plantas amplamente folhosas.

Dum modo geral os resultados têm sido, se não inteiramente bons, pelo menos razoáveis, o que me anima e continuar os ensaios até apurar as diluições ótimas.

Resolvi neste ano de 1984 fazer o 1.º ensaio no Castro da Curalha.

#### TAREFA EM JULHO DE 1984 POR J. R. S. J.

Abalamos do Porto em automóvel próprio no dia 8 de Julho, domingo, eram 8 horas e 45 minutos.

Chegamos a Chaves à meia tarde.

Apesar de ser domingo, foi possível o encontro à boca da noite com o Sr. João Baptista Martins, vereador do pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Chaves, pois nessa noite, no salão nobre da Câmara, o Prof. Herculano Saraiva ia fazer a conferência *Camões seria trasmontano?*, a que assisti.

Ficou combinado que no dia seguinte, segunda-feira, o Sr. J. B. Martins mandaria pôr dois bidões de 200 litros no Castro.

No dia 9 os bidões com a água chegaram ao Castro ao fim da manhã e foram postos a poucos metros da muralha cimeira.

A colaboração e ajuda prestada pelo Dr. João Baptista Martins aos trabalhos no Castro da Curalha, tem sido sempre pronta e eficiente, pelo que, mais uma vez, reconhecidamente se agradece. Agradecimentos são também devidos ao Sr. Eng. Branco Teixeira, ilustre Presidente da Câmara Municipal de Chaves. Com a dedicação dos colaboradores, especialmente do Dr. Adérito Medeiros Freitas, e com a ajuda de valiosos subsídios concedidos, tem-se feito como que a ressurreição do Castro. De grandes montões caóticos de milhares e milhares de pedras, que o mato espesso em grande parte só parcial-

mente destapava, com muito trabalho e dedicação, refizeram-se grandes pedaços da muralha cimeira, descobriu-se a 2.<sup>a</sup> muralha que foi quase totalmente refeita, encontrou-se a 3.<sup>a</sup> muralha, e o número de casas até à data assinaladas na Curalha sobe a 24, das quais apenas 6 estão isoladas e 18 em grupos, com as casas de cada grupo pegadas e de paredes meias.

É de crer que quando se puder prospectar cuidadosamente a faixa intramuralha a sul do pinheiro manso se venham a descobrir mais casas.

Tinha pedido (J.R.S.J.) ao Sr. João Baptista Martins, para conseguir um ou dois pulverizadores para a aplicação dos pesticidas.

Não lhe foi possível consegui-los por ser quadra da sulfatação das videiras.

Porém o Presidente da Junta da Freguesia local conseguiu um atomizador com que se trabalhou.

Parece que há vantagem em fazer o serviço com pulverizador. No entanto, em Carvalhelhos as aplicações dos pesticidas foram feitas com o atomizador da Empresa das Águas de Carvalhelhos que no-lo tem cedido, bem como um dos seus empregados para com ele aplicar os pesticidas, e resultaram.

A dificuldade em conseguir pessoal jornaleiro mantem-se.

Valeu-nos um estudante que, sob a orientação directa do meu colaborador Norberto Santos, meu filho, nos dois dias de 9 e 10 despejou umas dezenas largas de atomizadores, com a ajuda do meu filho que pôs o atomizador às costas, especialmente num primeiro ensaio, a mostrar a maior ou menor demora do borrifado, consoante o maior ou menor espessamento do tufo herbáceo ou arbustivo e a aplicação baixa do jacto.

Na tarde do dia 9 tivemos a visita de uma gentil senhora que caminhava vagarosamente pelo reduto cimeiro, parando aqui e ali para mirar atentamente as particularidades que mais a imprecionavam.

Aproximei-me e propuz-me desempenhar o papel de guia. Soube então que era a Senhora Eng.<sup>a</sup> D. Maria Eugénia Branco Teixeira, que estava à frente da Administração Florestal de Chaves.

Na troca de impressões fiz sentir a dificuldade em conseguir pessoal jornalheiro, sobretudo para arrumar muitas pedras que, em camada quase contínua, cobriam especialmente a faixa a sul do pinheiro manso.

A senhora engenheira, que manifestou um grande interesse pelo que viu, prontificou-se a mandar no dia seguinte 7 homens para cortar uns espinheiros e alguns carvalhos, remover as muitas pedras espalhadas por todo o chão, e arrumá-las consoante eu indicasse.

Fiquei gratamente surpreendido com a oferta que acabara de me fazer e muito reconhecidamente lhe agradeço tão gentil propósito.

No dia seguinte, tinha eu chegado ao castro havia cerca de meia hora, chegou pelas 8 horas uma camionete com os 7 homens prometidos na véspera.

Trabalharam toda a manhã e de tarde até às 17 horas.

Prestaram bom serviço e deram grande adiantamento ao arrumar das pedras, muitas delas acavalgadas sobre outras mais ou menos enterradas, que desenterraram à picareta.

Ficou a faixa a sul do pinheiro manso na maior parte limpa de pedras soltas.

As muitas pedras, que ainda tapavam as paredes e o miolo da casa que descobri na campanha do ano passado e fica cerca de 20 metros a sul do pinheiro manso, foram em parte desviadas e arrumadas ao lado, para a possível reconstituição das paredes. Ao remover as pedras amontoadas no meio da casa começou a aparecer cerâmica muito fragmentada, pelo que mandei parar aquele serviço e seguirem para diante.

Em próxima campanha está destinado escavar cuidadosamente o miolo daquela casa com toda a terra passada a crivo ou à ciranda.

Na tarde do dia 9 iniciou-se a pulverização pela faixa intramuralha a norte do pinheiro manso onde predominava a ervagem.

No dia seguinte, como os 7 homens iam trabalhar na faixa a sul do pinheiro manso, ficou aquela faixa por pulverizar; por isso a pulverização fez-se na metade norte e poente poente do recinto cimeiro e na faixa extramuralha no topo leste e no lado norte, numa largura de 12 a 15 metros e no comprimento de 54 metros entre as portas do lado leste e a do lado norte.

Neste dia 10 de Julho já passava das 20 horas quando se despejou o último atomizador.

Não tive ensejo de voltar à Curalha mas o dedicado companheiro Dr. Adérito Medeiros Freitas, que ali trabalhou no mês de Setembro, informou que as plantas da área pulverizada tinham secado.

Em Outubro de 1984 não pude fazer a habitual campanha que, quase todos os anos, tenho feito, visando especialmente e descoberta de casas, quase todas reduzidas a escassos restos das suas paredes; nem sempre facilmente assinaláveis.

Depois de assinalada a 3.<sup>a</sup> muralha descoberta na campanha de 1984 pelo Dr. Adérito Medeiros Freitas, e parcialmente refeita com as pedras que dela foram derruídas, poderá passar-se à fase de escavações sistemáticas.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»  
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto  
Novembro de 1984

#### TAREFA EM SETEMBRO DE 1984 POR A. M. F.

Quando recordamos o aspecto do *Castro da Curalha* na nossa primeira acção ali desenvolvida (Agosto de 1974) e o comparamos com o aspecto actual, sentimos que a nossa acção em dez anos de actividade, não foi trabalho em vão.

Efectivamente, ano após ano, o *Castro da Curalha* vai tomando forma, revelando a sua primitiva extensão e estrutura. Hipóteses aparentemente bem fundamentadas vão sendo postas de parte ou substituídas por outras no final de cada campanha.

O *Castro da Curalha* é, hoje, um monumento de inegável interesse cultural e turístico, como provam os inúmeros visitantes, nacionais e estrangeiros (espanhóis, franceses, alemães, suíços, etc), que durante os curtos períodos de cada campanha quase diariamente ali se deslocam. Alguns deles permanecem no *Castro* durante horas, observando e indagando sobre as estruturas que, ano após ano, vão sendo postas a descoberto: quando instalados em Chaves por alguns dias, repetem, por vezes, a sua visita, facto que evidencia o grande interesse que o *Castro da Curalha* neles despertou.

Como tem acontecido desde 1974, os trabalhos realizados no *Castro da Curalha* foram superiormente orientados pelo Prof. Doutor Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior, Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia que delegou, em mim, a responsabilidade desta campanha.

Tal como aconteceu nas últimas campanhas, o grupo de trabalho era constituído por 8 pessoas, contando comigo. Os restantes sete elementos, por ordem de antiguidade nos trabalhos da *Curalha*, foram os seguintes: *Luís Albino dos Santos Lemos* (6 campanhas), *António Jorge Medeiros Ribeiro* (5 campanhas), *José Manuel Machado Oliveira* (3 campanhas), *Luís Manuel Medeiros Ribeiro* (2 campanhas), *Manuel Pegarinhos Borges* (2 campanhas), *António Anastácio Afonso* (1 campanha) e *Daniel Baptista Machado* (1 campanha).

Os sete elementos do grupo trabalharam, em conjunto, 95 dias e um total de 760 horas. Cumpre-me aqui, salientar, o cuidado, o interesse e a qualidade do trabalho realizado por este grupo.

Todos eles naturais da freguesia de *Carracedo de Montenegro*, que dista de *Curalha* cerca de 30 quilómetros, foram

por mim transportados diariamente, num e noutro sentido, numa carrinha. O número de quilómetros percorridos todos os dias foi de, aproximadamente, 60, através de uma estrada em péssimo estado e que constituiu, como é natural, um grande sacrifício, não só pelo desgaste pessoal como e principalmente, pelo desgaste material que isso significou.

### *Trabalhos realizados.*

#### 1 — *Corte do mato.*

Ao iniciarmos cada campanha é esta a nossa primeira actividade, a qual se subdivide em duas fases distintas:

A primeira consiste na limpeza da área onde vai incidir o trabalho projectado, quer dentro quer fora das muralhas, onde já foram realizados trabalhos desde 1974. Todo o mato que cresceu durante este período de tempo (Setembro de 1983 a Setembro de 1984) foi cortado e, depois de seco, queimado. Entre as muitas espécies de plantas que vão crescendo ano após ano, predominam os carvalhos, giestas, silvas, pinheiros, fetos e várias gramíneas. Para a destruição destas últimas e também de arbustos o Prof. Doutor Santos Júnior aplicou, pela primeira vez no castro da Curalha *herbicida* e *arbusticida*, como se relata na tarefa que fez em 9 e 10 de Julho.

A segunda fase consistiu no corte do mato mais crescido (árvores e arbustos) pela primeira vez, desde que, em 1974, iniciámos os trabalhos no Castro da Curalha. Este corte foi feito, este ano ao longo da face externa da muralha cimeira, desde a direcção da porta de SW na muralha central, até à porta de E da mesma muralha, numa faixa que se estendeu até cerca de 2 metros para fora da 2.<sup>a</sup> muralha. Este corte é sempre feito ao nível do solo; as raízes só são removidas quando as pedras caídas das muralhas e das casas são levantadas e repostas nos seus lugares; trata-se de um trabalho difícil e, por vezes, moroso.

2 — *Descoberta e restauro da 2.ª muralha* (continuação das campanhas de 1982 e 1983).

O conhecimento completo da estrutura, extensão e posição desta 2.ª muralha em relação à muralha central, foi o nosso principal objectivo nesta 10.ª *Campanha de Actividades*.

A primeira tarefa consistiu no corte de todo o mato, de modo a termos a descoberto toda a zona, com cerca de 100 m de comprimento, onde iam incidir, fundamentalmente, os nossos trabalhos.

A segunda tarefa, sempre mais difícil, foi a remoção das muitas toneladas de milhares de pedras de granito (algumas de grandes dimensões pesando centenas e, até, milhares de quilos), bem como grandes quantidades de terra a fim de encontrarmos a base da sua face externa. Este trabalho é sempre dificultado pela enorme quantidade de raízes de muitas espécies de plantas arbustivas e arbóreas, que se cruzam em todas as direcções, obrigando-nos à remoção de pedras que, sem a sua presença, não seria necessário.

Dada a inclinação do terreno e a grande espessura de pedras amontoadas em todo o espaço entre as duas muralhas (Fig. 2) só nos ocupámos, nesta 10.ª campanha, do alinhamento externo.

A base (alinhamento externo) desta 2.ª *muralha* ficou, no final desta campanha de actividades, totalmente conhecida, não sem que tivessem que ser vencidas algumas dificuldades, à custa de muito trabalho e persistência. Assim, enquanto que a S e SE o amontoado de pedras nos dava uma orientação quanto à sua possível posição, entre as portas E e N da muralha central todos os vestígios da sua presença tinham, praticamente, desaparecido (Fig. 10); é que esta zona, virada a N e para a povoação de Curalha, é a de mais fácil acesso e, compreende-se, aquela donde maiores quantidades de pedras foram retiradas das muralhas para a construção das casas, dos muros de vedação das propriedades e calcetamento das ruas daquela povoação.

No final desta campanha pudemos mais uma vez verificar que algumas hipóteses, por nós anteriormente formuladas, não estavam correctas. Assim, e ao contrário do que havíamos imaginado, esta segunda muralha envolve totalmente a muralha central (Fig. 1) e mede, na sua face externa, 325 metros, dos

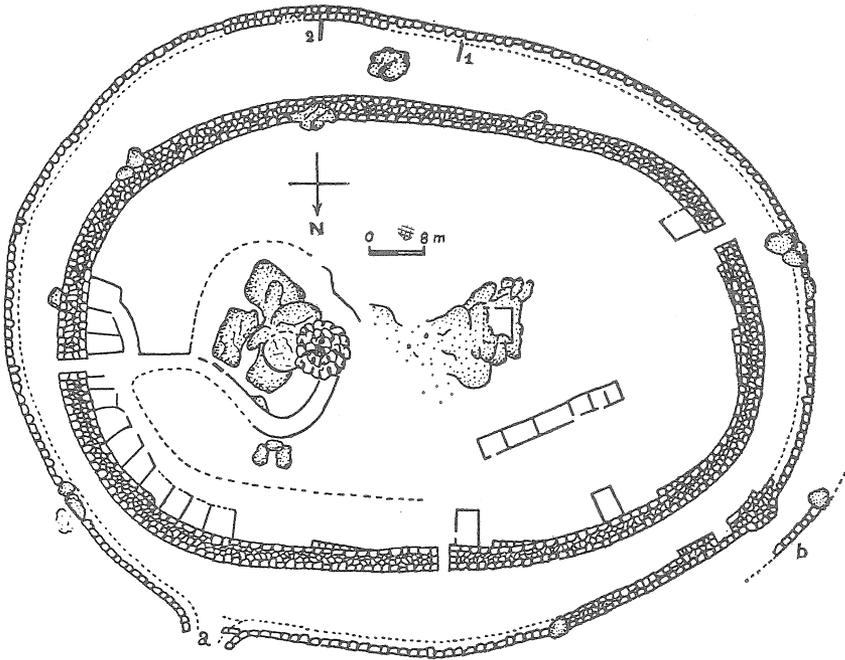


Fig. 1 — Planta do Castro da Curalha, no final da campanha de 1984, mostrando as posições relativas das 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> muralhas, da possível posição de uma porta nesta última (a) e de um pequeno troço da 3.<sup>a</sup> muralha (b).  
1 e 2, a S, são possivelmente, muros de casas.

Este desenho e os seguintes foram feitos por A. M. F.

quais: 50 metros foram parcialmente reconstruídos na campanha de 1982; 85 metros foram parcialmente reconstruídos na campanha de 1983; os restantes 100 metros foram parcialmente reconstruídos nesta campanha de 1984.

A medida que vamos prosseguindo com o trabalho de remoção das pedras a fim de conhecermos a posição da base da muralha, temos o cuidado de ir separando todas aquelas que, pelas suas características (uma face picada e mais ou

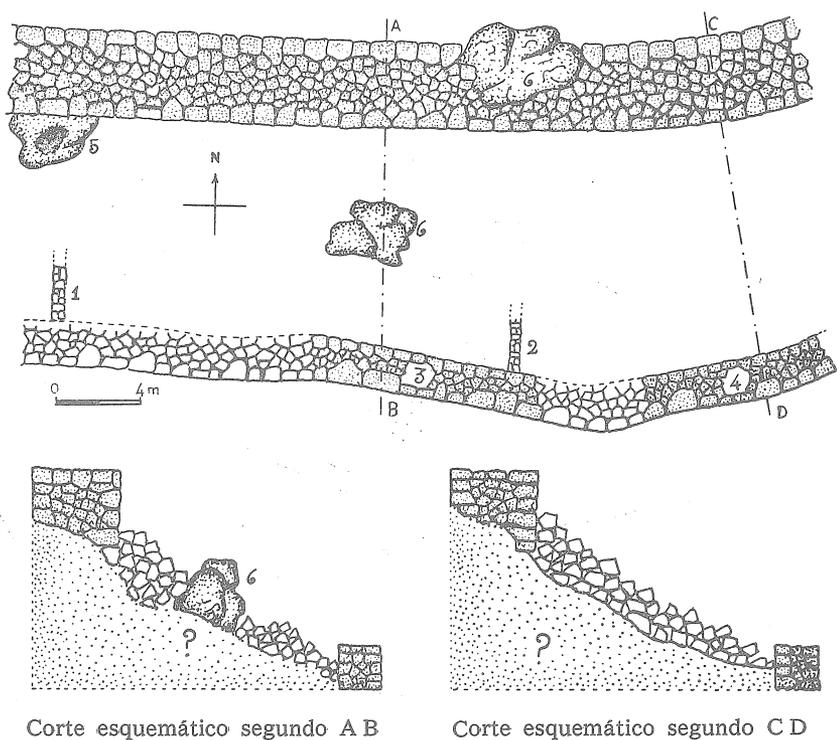


Fig. 2 — Troço das 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> muralhas, a Sul, mostrando: os muros (1 e 2) pertencentes, possivelmente, a duas casas; porções da 2.<sup>a</sup> muralha, a ponteadado (3 e 4), nas quais já é conhecida a sua face interna; grandes blocos graníticos nas suas posições naturais (5 e 6).

menos plana) temos a certeza de terem pertencido a uma das suas faces. No entanto e como se compreende, eram estas as preferidas por quem ia às muralhas buscar o material de que tinha necessidade para as suas construções, não sendo de

admirar que sejam, estas, as menos frequentes, rareando mesmo nalgumas zonas, principalmente à superfície.

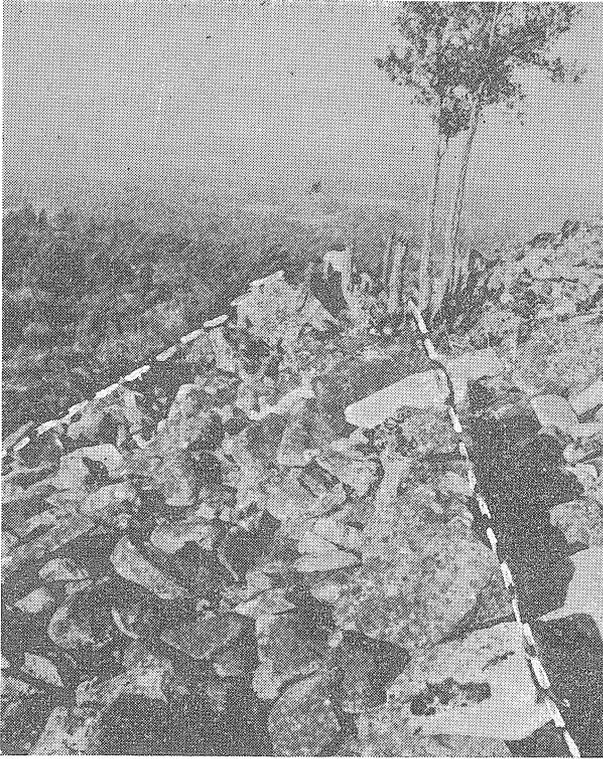


Fig. 3 — Porção da 2.<sup>a</sup> muralha (troço 3 da fig. 2), com a indicação, a tracejado, dos seus limites interno e externo.

Esta fotografia e as seguintes foram tiradas por A. M. F.

Uma vez detectada a base da muralha (Figs. 5, 7 e 11) procedemos à sua reconstrução utilizando o material seleccionado; todo o material irregular quaisquer que sejam as suas dimensões, foi utilizado para enchimento, isto é, para o «miolo» da muralha.

A altura desta 2.<sup>a</sup> muralha (face externa) atinge e ultrapassa mesmo, a NW, os 3 metros. O troço da muralha onde incidiram os trabalhos desta campanha foi elevado até uma altura máxima de 2,5 metros e mínima de 1,5 metros. Ao contrário do que admitimos ainda no final da campanha de



Fig. 4 — Trabalhos de reconstrução da 2.<sup>a</sup> muralha (troço 3 da fig. 2). Na sua construção foram aproveitados grandes blocos graníticos nas suas posições naturais.

1983, a distância que separa as duas muralhas entre as portas SW e E, da muralha central é variável. Em frente à porta de SW a distância entre a face externa da muralha central e a face interna da 2.<sup>a</sup> muralha é de, aproximadamente, 6,30 metros; caminhando para E essa distância vai aumentando até atingir um máximo de 11,60 metros; a partir daí, a distância entre as duas muralhas vai sucessivamente diminuindo para, em frente

da porta E da muralha central, ser, apenas, de 4,90 metros. Não é esta, no entanto, a distância mínima; entre as portas E e N da muralha central e a seis metros da primeira, a distância entre as duas é de 2,5 metros (Figs. 1 e 8) sendo esta, pois, a distância mínima. A partir daqui, aquela distância vai novamente aumentando e, a 32 metros da porta E é já de 7 metros; dá-se em seguida, um aumento brusco da referida distância,



Fig. 5—Base e face externa da 2.<sup>a</sup> muralha, a SE (a seguir ao troço 4 da fig. 2). Em primeiro plano vemos grandes blocos de granito fazendo parte da muralha e que para ali foram transportados.

pelo facto da 2.<sup>a</sup> muralha se curvar para fora e para N (Fig. 8) dando origem a uma saliência que julgamos corresponder a uma porta e que será, a verificar-se esta hipótese, a primeira, por nós encontrada e, segundo tudo leva a crer, a única, nesta 2.<sup>a</sup> muralha; a seguir a esta possível porta, a distância entre as duas muralhas continua a aumentar para atingir, em frente à porta N, um valor aproximado de 10,5 metros.

A S, na zona onde as duas muralhas atingem o máximo de afastamento, descobrimos dois muros (1 e 2 das Figs. 1 e 2) entestados na face interna da 2.<sup>a</sup> muralha, que admitimos pertencerem a duas casas rectangulares, semelhantes a todas as outras que já foram postas a descoberto; têm uma espessura de 60 cm e foram postos a descoberto numa extensão de, respectivamente, 2,5 e 2 metros.



Fig. 6—Aspecto do troço da 2.<sup>a</sup> muralha, a SE, a que se refere a fig. 5, depois de ter sido reconstruída até uma altura de cerca de 2 metros.

Também nesta mesma zona foi possível delimitar dois troços desta 2.<sup>a</sup> muralha (3 e 4 da Fig. 2) com, respectivamente, 10,4 e 8 1,0 metros de comprimento. Verificámos, nestes dois troços, que a largura desta 2.<sup>a</sup> muralha (salvo as excepções já apontadas no relatório de 1982 e relacionadas com a necessidade de estruturas de defesa), se mantém igual a 2 metros,

tal como tínhamos verificado a N, NW e W nas campanhas de 1982 e 1983.



Fig. 7 — Base da 2.<sup>a</sup> muralha em frente à porta E da muralha central, depois de ter sido posta a descoberto. Foi necessário, aqui, remover grandes quantidades de pedras e de terra, trabalho muito dificultado pela presença de uma densa rede de raízes de plantas.

Grandes blocos de granito foram, aqui, utilizados na construção desta 2.<sup>a</sup> muralha (Figs. 5 e 6). Nalguns troços foram aproveitados grandes blocos da mesma rocha na sua posição natural Fig. 5).

Devido à sua posição, voltada para S e com um acesso bastante mais difícil, as zonas SW,S e SE de Castro da Curalha

são aquelas onde se encontra, amontoada, a maior quantidade de pedras resultantes da destruição das muralhas e das casas. Elas enchem, totalmente, todo o espaço entre as duas muralhas, numa extensão de 150 metros e com uma espessura que admitimos atingir, nalguns sítios, mais de 2,5 metros de altura. Se atendermos que a maior parte destas pedras resultaram da muralha central, interrogamo-nos sobre a altura que aquela muralha devia ter na época da ocupação do Castro.

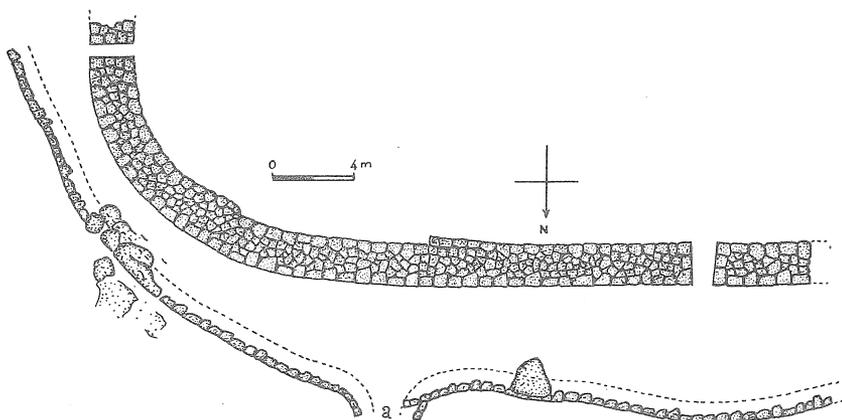


Fig. 8 — Posições relativas das 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> muralhas a N e NE, indicando a possível posição (a) de uma porta existente nesta última. A NE, a distância entre as duas muralhas atinge o seu valor mínimo (cerca de 2,5 m).

### *Espólio*

Num simples trabalho de reposição de pedras nas muralhas, não era de esperar um espólio abundante e variado; e o trabalho de remoção de terra esteve limitado, apenas, a algumas zonas muito restritas.

No entanto, nos 15 dias úteis desta campanha de Setembro de 1984, foram encontrados:

1 — Junto da parede 2 (Fig. 2), 63 fragmentos de cerâmica, entre as rochas aí amontoados, caídas das casas e das

muralhas. Dada a sua cor e a espessura, julgámos pertencerem todos ao mesmo vaso pelo que admitimos, desde logo, a possibilidade de uma reconstrução quase total. Porém, uma análise mais cuidada dos fragmentos dos bordos mostrou-nos que, entre eles, existiam pelo menos três tipos de ornamentação em relevo, o que nos levou a abandonar, definitivamente, aquela hipótese (Figs. 12, 13 e 15).



Fig. 9 — Em último plano, um troço da muralha central, por nós totalmente reconstruído na campanha de 1981. O sulco que se vê em primeiro plano, indica a posição da base, posta a descoberto, da 2.<sup>a</sup> muralha.

Os três fragmentos esquematizados na Fig. 15 (A, B e C) mostram as diferenças ornamentais apontadas:

*Esquema A:*

Fragmento do bordo de um vaso com, aproximadamente, 40 cm de diâmetro na boca. A espessura média é de 1,3 cm;

no bordo a espessura é de 2 cm. Tem cor cinzenta. Na sua matriz, essencialmente argilosa, nota-se a presença de pequeníssimas partículas de moscovite e grãos de quartzo, por vezes com alguns milímetros de diâmetro. 4 cm abaixo da base do



Fig. 10 — Em último plano, à direita, a muralha central (a NE). A saliência rochosa (A) é um bloco granítico na sua posição natural que fez parte (face externa) da 2.<sup>a</sup> muralha. A tracejado indicamos a posição aproximada do limite externo da 2.<sup>a</sup> muralha, antes de ter sido posta a descoberto e depois de termos cortado o mato.

anel do bordo, uma ornamentação em relevo, nitidamente diferente da existente nos fragmentos B e C. Este fragmento mede 24 cm de comprimento e 12 cm de largura (Fig. 12).

*Esquema B:*

Fragmento do bordo de um vaso com, aproximadamente, 40 cm de diâmetro na boca. A espessura varia entre 1,2 e

1,6 cm. Possui cor cinzenta e, na matriz, pequeníssimas palhetas de moscovite e algumas areias de quartzo. 4 cm abaixo da base do bordo, uma ornamentação em relevo que apresenta, relativamente aos outros dois fragmentos, uma diferença nítida, apesar de ser de mesmo tipo. Este fragmento mede 16,5 cm de comprimento 11 cm de largura.

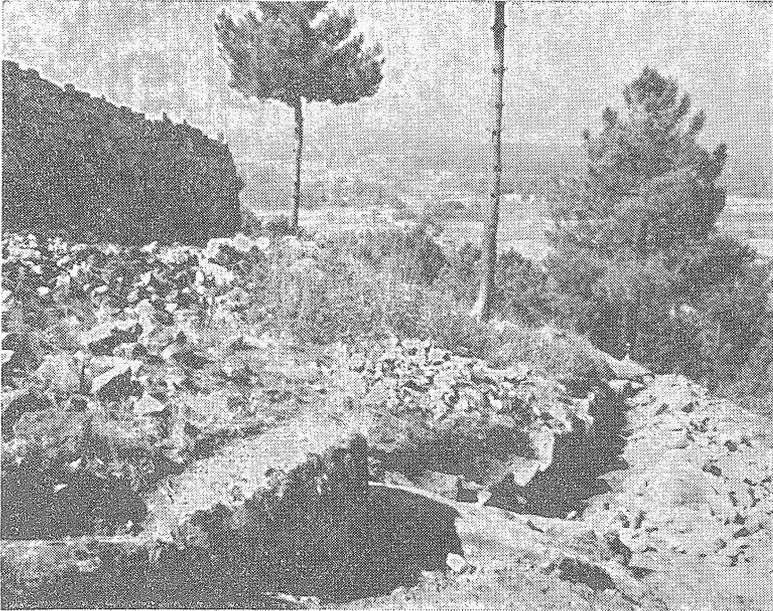


Fig. 11 — Um aspecto da zona (a NE) a que se refere a fig. 10, depois de termos posto a descoberto a base da 2.<sup>a</sup> muralha. À esquerda, a muralha central.

### *Esquema C:*

Fragmento do bordo de um vaso com 13 cm de comprimento e 11 cm de largura. Tal como os anteriores possui cor cinzenta e, na matriz argilosa, numerosas palhetas de moscovite e areias de quartzo, bem como um outro mineral

que parece ser um feldspato, possivelmente ortoclase. A ornamentação, abaixo do bordo, é do mesmo tipo da dos fragmentos anteriores, mas nitidamente diferente.

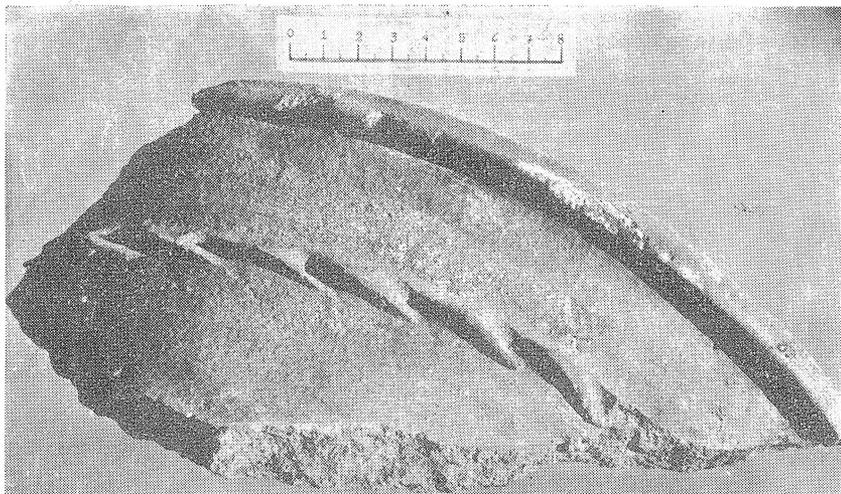


Fig. 12 — Fragmento de cerâmica com 24 cm de comprimento, 12 cm de largura e 1,3 cm de espessura média. Tem cor cinzento-clara (esquema A da fig. 15).

2 — Nos trabalhos de remoção de pedras e terra para pôr a descoberto da 2.<sup>a</sup> muralha, encontrámos mais 40 fragmentos cerâmicos pertencentes a numerosos vasos, de menores dimensões que os anteriores. Destes fragmentos, 7 pertencem a bordos e 3 a fundos.

Os esquemas D, E, F e G da Fig. 16, mostram as características de quatro dos mais significativos destes fragmentos.

#### *Esquema D:*

Fragmento do bordo de um vaso que tem, na boca, um diâmetro de, aproximadamente, 26 cm. Parece ter pertencido a

um vaso de pequena profundidade (1). A sua cor é cinzento-escuro e na matriz, fina, podem detectar-se alguns (poucos) grãos de quartzo e pequeníssimas palhetas de moscovite. A sua espessura média é de 7 mm. Encontrámos deste vaso, três

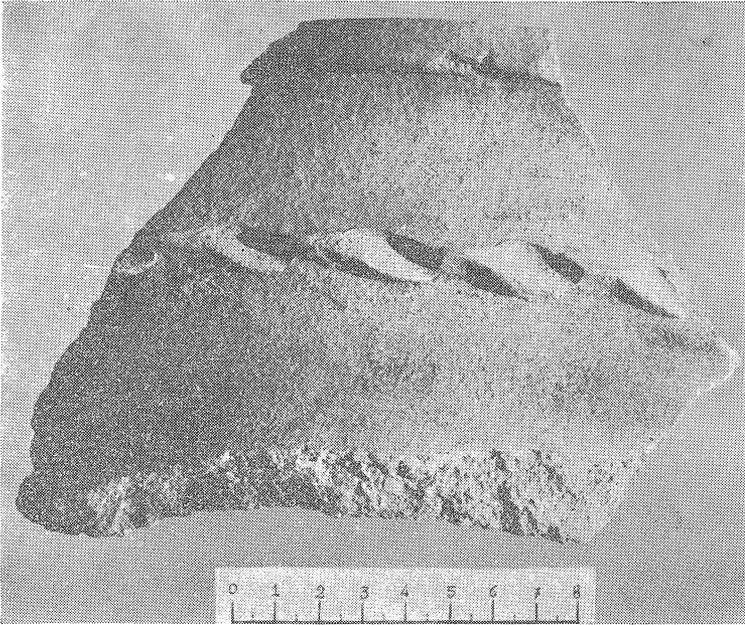


Fig. 13 — Fragmento de cerâmica com 16,5 cm de comprimento, 11 cm de largura 1,2 cm de espessura média (esquema B da fig. 15).

fragmentos do bordo com, respectivamente, 9 cm  $\times$  7 cm, 10 cm  $\times$  5,5 cm e 7,5 cm  $\times$  4,5 cm. É possível que outros fragmentos (não de bordo) com idêntica cor e espessura, pertençam ao mesmo vaso. A 1,5 cm abaixo do bordo existe uma ornamentação em relevo, do mesmo tipo mas menos acentuada que a dos fragmentos da Fig. 15.

---

(1) Bordo apumado indica possivelmente vaso alto apumado.

*Esquema E:*

Fragmento do bordo de um vaso de cor cinzento-escuro, com matriz argilosa muito fina e algumas (poucas) palhetas de moscovite de pequenas dimensões, bem como alguns grãos de quartzo.

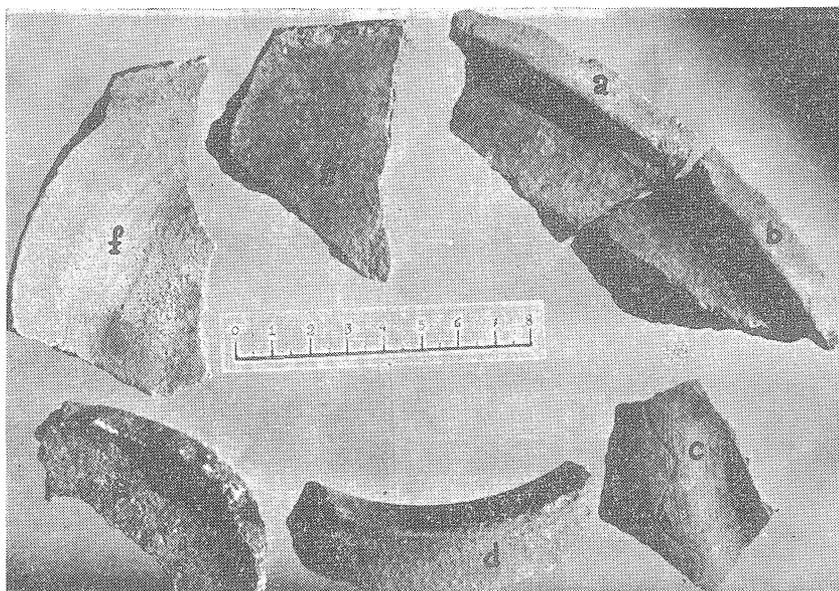


Fig. 14 — Sete fragmentos de cerâmica com cor e espessura diferentes, excepto os fragmentos *a* e *b*, por um lado, e *f* e *g* por outro, que se ajustam e pertencem, por isso, aos mesmos vasos.

O diâmetro da boca era de, aproximadamente, 10,5 cm. No bordo, a espessura máxima é de 8 mm e, lateralmente, apenas de 3 mm. Este fragmento mede 8 cm de comprimento e 3 cm de largura máxima. (Fig. 14 - a).

*Esquema F:*

Fragmento do fundo e porção lateral de um vaso, com um diâmetro aproximado (no fundo) de 11 cm. Tem cor cinzento-clara, com uma faixa estreita mais escura do lado externo,

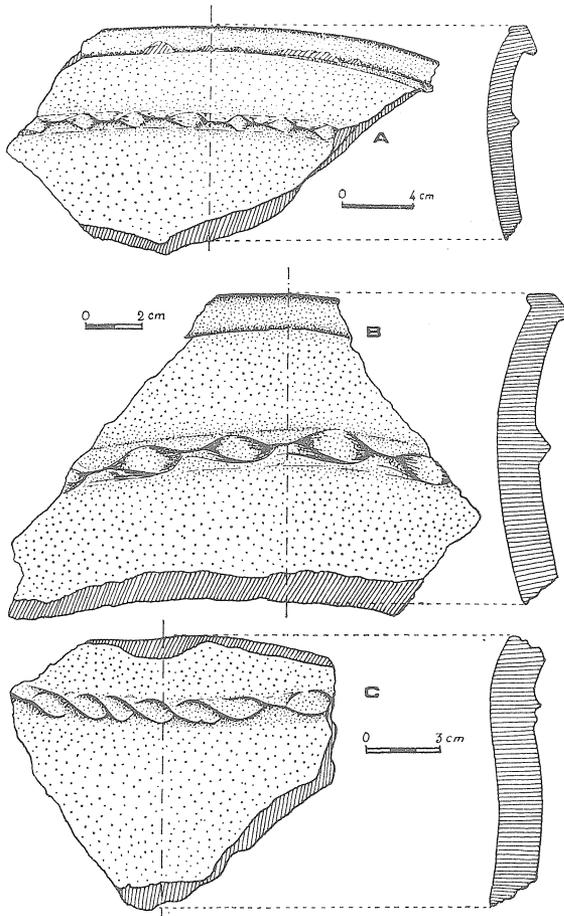


Fig. 15 — Três fragmentos de cerâmica com cor, espessura e constituição semelhantes, mas com ornamentação nitidamente diferente, embora do mesmo tipo.

possível resultado de um maior aquecimento durante o período de cozedura. Tal como nas fragmentos anteriores distinguem-se perfeitamente, à vista desarmada, palhetas de moscovite e alguns grãos de quartzo, dispersos numa matriz argilosa.

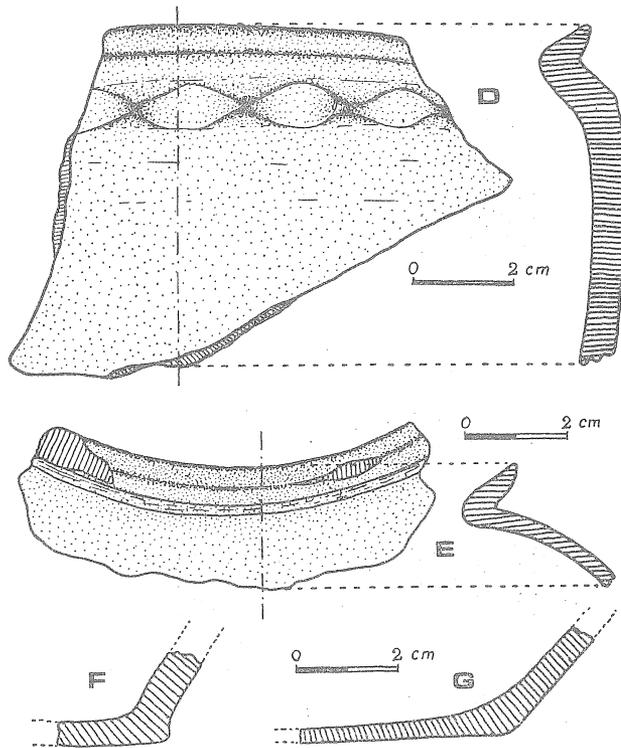


Fig. 16 — Quatro fragmentos de cerâmica correspondentes a dois bordos e dois fundos, com cor e espessura diferentes.

A espessura da parte lateral é de 8 mm e a mínima, no fundo, de 5 mm.

Este fragmento tem um comprimento de 7,5 cm e uma largura máxima de 3,5 cm. (Fig. 14 - e).

*Esquema G:*

Fragmento do fundo de um vaso e porção lateral com cor avermelhada e ao qual corresponde um diâmetro, (no fundo) de, aproximadamente, 13 cm. Tal como nos fragmentos anteriores identificam-se, à vista desarmada, pequeníssimas palhetas de moscovite e alguns grãos de quartzo disseminados numa matriz argilosa. A espessura média da parte lateral é de 5 mm e, no fundo, a espessura mínima é de 3 mm. A espessura máxima verifica-se na zona de transição da parte lateral para o fundo e é de 8 mm. Deste vaso foi encontrado um outro fragmento, que se ajusta perfeitamente a este e que mede 7 cm de comprimento por 5 cm de largura (Fig. 14 - f, g).

3 — Uma moeda de cobre, junto da porta E, possivelmente romana, mas de identificação impossível dado o seu estado de oxidação.

4 — Um pequeno fragmento de um tubo de chumbo.

5 — Um pequeno pedaço de escória de fundição.

Guimarães, 12 de Janeiro de 1985.

# A cultura dos berrões proto-históricos fundamente radicada em Trás-os-Montes

The protohistoric Culture of «Berrões», with strong  
roots in the province of Trás-os-Montes

POR

J. R. dos Santos Júnior \*

Prof. jubilado de Antropologia e Sociologia F. C. U. P.  
Honorary fellowship — Epigraphic Society U. S. A.  
Presidente da Soc. Portug. de Antrop. e Etnol.

À distinta arqueóloga madrilena, Guadalupe  
Lopez Monteagudo, que se tem dedicado  
ao estudo dos «verracos» espanhóis.

O. D. C.

Nos vários trabalhos que publiquei sobre os *berrões* do Norte de Portugal <sup>(1)</sup> fui dando conta dos exemplares de que fui tendo conhecimento, recuperados, ou achados em pesquisas fortuitas.

No último trabalho em que me ocupei dos *berrões*, *Mais três berrões proto-históricos de Freixo de Espada-à-Cinta*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Soc. Por-

---

\* Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4470 Maia.

<sup>(1)</sup> O estudo global dos porcos de pedra ou seus pedaços fi-lo no trabalho *Cultura dos berrões no nordeste de Portugal*, por J. R. dos Santos Júnior, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Fasc. II, Vol. XII, Porto, 1975, págs. 353-515, 31 desenhos e com 100 fotografuras. Deste trabalho a Direc-

tuguesa de Antropologia e Etnologia, Fasc. I, Vol. 24, Porto, 1981, pág. 101 a 120, 15 figs., dei o número concreto dos berrões até então encontrados em Portugal, que eram 62.

Como mostra o mapa da fig. 1, os berrões do nordeste de Portugal são 57; no Entre-Sabor-e-Douro 39, no entre-Sabor e Tua 17 e no além Tua 1, pois há que eliminar os 2 de Mairós, que, como interpretei num dos meus trabalhos anteriores, são 2 cabeças, uma de lobo e outra de raposa, cravadas no alto da parede de uma casa da aldeia de Mairós, onde viveu o Abade de Baçal quando foi pároco daquela aldeia.

Aos 57 berrões, trasmontanos podemos juntar mais 5, a saber: 2 de Castelo Mendo, 2 de Fig. Castelo Rodrigo e 1 de Paredes da Beira, concelho de S. João da Pesqueira. Estes últimos são da faixa norte da Beira, a que podemos chamar Beira Trasmontana.

Deste modo, em sentido de concretização, pode-se dizer que dos 62 berrões, até então achados no nosso país, 57 são estritamente trasmontanos, e 5 da Beira Trasmontana.

ção-Geral dos Assuntos Culturais, publicou o livro *Berrões proto-históricos no nordeste de Portugal*, Lisboa, 1975, 167 págs. com os mesmos desenhos e as mesmas fotografuras do trabalho anterior. Do mesmo trabalho se publicou o livro *Berrões proto-históricos do nordeste de Portugal*, com capa do pintor Guilherme Camarinha, Porto 1975, com o mesmo número de págs., os mesmos 31 desenhos e as mesmas 100 fotografuras dos trabalhos anteriores. As pequenas tiragens destes 2 livros rapidamente se esgotaram.

Indicam-se a seguir os trabalhos que publiquei sobre os berrões de que fui tendo conhecimento ou achados em pesquisas fortuitas. *Novos elementos da remota Zoolatria em Trás-os-Montes* por J. R. dos Santos Júnior, in «Trab. de Antrop. e Etnol.», Fasc. I, Vol. 23, Porto, 1977, págs. 5-18, 8 desenhos e X Est. com 18 Fotografuras. *Mais um berrão da zona do Castro do Monte de Santa Luzia (Freixo de Espada-à-Cinta)*, in id., Fasc. I, Vol. 24, Porto 1981, págs. 101-120, 15 Figs. *Um perdido berrão trasmontano assinalado por um grande arqueólogo*, in id., Fasc. I, Vol. 24, Porto, 1981, págs. 156-159, *Notável berrão proto-histórico aparecido algures na Galiza*, in id., id., id., id., págs. 159-164. *A remota Zoolatria e a lápide do Castro do Monte de Santa Luzia (Freixo de Espada-à-Cinta)* in id., Porto, 1983, Fasc. 3.º Vol. 24 págs. 526-532, 3 Figs. *The «berrões», proto-historic stone statues of the boars, worshipped as idols, object of zoolatry*, por J. R. dos Santos Júnior, in id., id., id., id., págs. 533-537.

Pode pois dizer-se que a grande maioria dos Berrões achados no nosso país é da zona provincial trasmontana, porquanto só há 3 minhotos, 2 do Castro de Sabroso (1), em depósito no museu da Sociedade Martins Guimarães, e 1 de Paderne (Melgaço).

Aos 62 berrões, concretamente everiguados, alguns dos quais estão depositados no Museu Etnológico Nacional (Lisboa-Belém) e outros no Museu Municipal de Bragança, é lícito juntar mais alguns, assinalados por reiterada tradição ou informações de outra natureza, que se nos afiguram fidedignas, e a seguir se indicam.

a) — Berrãozinho do Monte de Sta. Luzia (Feixo de Espada-à-Cinta).

Corre na tradição local que, aquando da plantação do amendoal que reveste quase totalmente o Monte do Castro de Santa Luzia, apareceu um berrãozinho, que o seu achador, com mira no tesouro que nele estivesse escondido, num acesso de cobiça ansiosa, mal o topou logo o fez em estilhas. A plantação de amendoeiras não deve ter muito mais de 80 anos.

Com mais este seriam 63 os berrões de Trás-os-Montes.

b) — Porções ou fragmentos de berrões.

O P.º J. Augusto Tavares, em 1897, conseguiu obter gratuitamente os *berrões* que havia, junto da aldeia das Cabanas de Baixo, no *Olival dos berrões*, onde os descobriu. Fê-los transportar em carro de bois até à estação do Pocinho e despachou-os para o Museu Etnológico em Lisboa.

A primeira notícia deste notável achado foi dada pelo seu descobridor, P.º Augusto Tavares, no artigo *Archeologia do Distrito de Bragança*, publicada no Vol. I do «Acheólogo Português», Vol. I, Lisboa, 1895 pág. 126-129. Nas págs. 127-128 em pequeno capítulo intitulado «Figuras de Pedra representando porcos» informa que no *olival dos berrões* havia «seis figuras

---

(1) De Sobroso um é a parte do focinho sem dúvida de porco e uma cabeça que por certas particularidades se nos afigura que não parece ser de porco.

de granito representando porcos, — algumas em bom estado de conservação, *outras já partidas e outras incompletas desde a sua origem ou apenas esboçadas pelos fabricantes delas*». Acrescenta ter aparecido, ou ter sido visto, um rebanho de bacorinhos também de granito, um pouco mais ao sul no cume de um pequeno outeiro, bacorinhos que não conseguiu encontrar apesar de diligentemente procurados. Acrescenta que «entre tantas figuras de suínos só apareceu a de uma fêmea e a de um bacorinho» (o itálico é nosso).

Por seu lado Leite de Vasconcelos, no Vol. III das *Religiões da Lusitania* págs. 25-28, refere com louvor a acção do P.º J. Augusto Tavares, que, «em 1897, após grande trabalho seu, conseguiu obter gratuitamente para o Museu Etnológico onde já estão, todos os berrões do Olival, em número de sete, melhores ou piores, *não contando fragmentos de outros*». (o itálico é nosso).

Escrevi ao Museu Etnológico de Belém, mas a respectiva direcção, não chegou a esclarecer-me se ali existiam, ou não, os tais *berrões partidos ou incompletos*, e o *bacorinho*, referidos pelo P.º J. Augusto Tavares no seu trabalho, *Archeologia do Distrito de Bragança*, cit..

Concretamente sabe-se, pelo que acabamos de expor, que com as «figuras representando porcos» apareceram outras incompletas ou esboçadas», que foram também mandadas pelo P.º J. Augusto Tavares a Leite de Vasconcelos, que refere a entrada no Museu Etnológico «de todos os berrões do Olival, em número de sete, melhores ou piores, *não contando fragmentos de outros*».

Nem o P.º J. Augusto Tavares nem Leite de Vasconcelos indicaram o número desses fragmentos.

Suponho licito admitir que seriam talvez 5 ou 6, mas eram pelo menos 2 e será este o número que junto aos 63 apurados, o que eleva o seu quantitativo para 65.

c) — O *bacorinho* que o P.º J. Augusto Tavares, mandou para o Museu de Belém entra na conta e, com ele, são 66 os berrões trasmontanos.

d) — O rebanho de bacorinhos das Cabanas de Baixo que o P.º Augusto Tavares não encontrou, apesar de diligentemente procurados, podem computar-se em número sem dúvida hipotético, mas plausível. Sabe-se que as porcas em cada parição têm com frequência 8, 9 e 10 leitões, e não raras vezes mais.

Podemos, por hipótese, supor que seriam 6. Estes 6 juntos aos 66 anteriores, fazem 72,

e) — A crer no que reza a tradição, em Parada de Infanções, freguesia do concelho de Bragança, além do touro de pedra no adro da igreja paroquial, um outro berrão está incorporado na parede da igreja, e um terceiro berrão teria sido levado para Vale da Porca.

Ver meu livro, *Berrões proto-históricos no nordeste de Portugal*, cit. pág. 39.

São portanto mais 2 tradicionais berrões, que juntos aos anteriores perfazem 74.

f) — Há mais um berrão metido na parede da cave da casa do Sr. Manuel José Falcão, de Vila de Sinos, o que eleva o seu número para 75. Ver meu livro cit. pág. 101.

g) — Há ainda, e também de Vila de Sinos, a informação corrente dum residente que trabalhou no calcetamento da rua da aldeia. Contou-me que para regularizarem o leito da rua foram buscar terra ao adro da igreja. Ao fazerem o desaterro descobriram uma sepultura e junto dela «4 ou 5 porcos de pedra, pequerruchos, que esfarraparam, e os pedaços foram fazer calçada». Podemos assim juntar 4 ou 5 aos 74 anteriores, e assim teremos 79 ou 80 berrões trasmontanos. Ver meu livro cit., pág. 102.

O facto de, até à data se poder, presumivelmente, contar 79 ou 80 *berrões*, achados ou referenciados em Trás-os-Montes e na faixa beiroa justa-trasmontana, leva a pensar no porquê de tão grande número de *berrões* no Nordeste, e especialmente concentrados na faixa meridional trasmontana confinante pelo

sul, com o rio Douro. Entre os rios Douro e o Sabor estão registados 39 (Fig. 1); entre o Sabor e o Tua 17, e além Tua, no entre Tua e Tâmega, 1. Estes 57 estão concretamente assinalados (Fig. 1). Os restantes 16 ou 17 registam-se por serem consideradas fidedignas as respectivas tradições e informações.

As estatuetas, ou seus pedaços, de porquinhos e de touros, achadas em Trás-os-Montes são outro elemento flagrante na proto-história de Trás-os-Montes.

Assim estão indicados no meu citado livro, os seguintes berrõezinhos: 1 de Tralhariz; 1 das Cabanas de Baixo; 9 do Castro do Monte de Santa Luzia; 1 da Açoreira (berroazinha de talco); 2 do Cabeço da Coraceira; 1 da Quinta de Santiago; os 5 pequerruchos (sic) aparecidos no adro da igreja de Vila de Sinos, que foram quebrados e os seus pedaços a fazer calçada (Vid. livro cit., pág. 102); mais 2 da Vila de Sinos que foram adquiridos pelo Dr. Casimiro Machado e enviados ao Museu de Bragança, onde se encontram.

Os 79 ou 80 berrões, foram, quase todos, aparecidos em Trás-os-Montes, pois só cinco, os 2 de Almofala, o de Peredes da Beira <sup>(1)</sup> e os 2 de Castelo Mendo, foram achados ao sul do rio Douro, na faixa beiroa, que, pelo norte, é fronteira a Trás-os-Montes. Tal número corresponde a mais de um terço do total de 200 (ou pouco mais de 200) berrões assinalados no noroeste da Espanha, na ampla e típica zona castreja peninsular.

Atentando nos 25 ou 26 berrõezinhos, com o comprimento, em média de 30 cm, que não podem deixar de ser considerados senão como pequenas estatuetas votivas, julga-se que tais estatuetas poderão ser consideradas como miniatura caseira do animal a que se prestaria veneração e culto.

---

(1) O porco de pedra de Peredes da Beira (Berrão Proto-histórico) por Agostinho Campos Ferreira & Maria Clara Figueiredo C. Ferreira, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Soc. Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Fasc. II e III, Vol. 23, págs. 340-345 e 6 Figs.

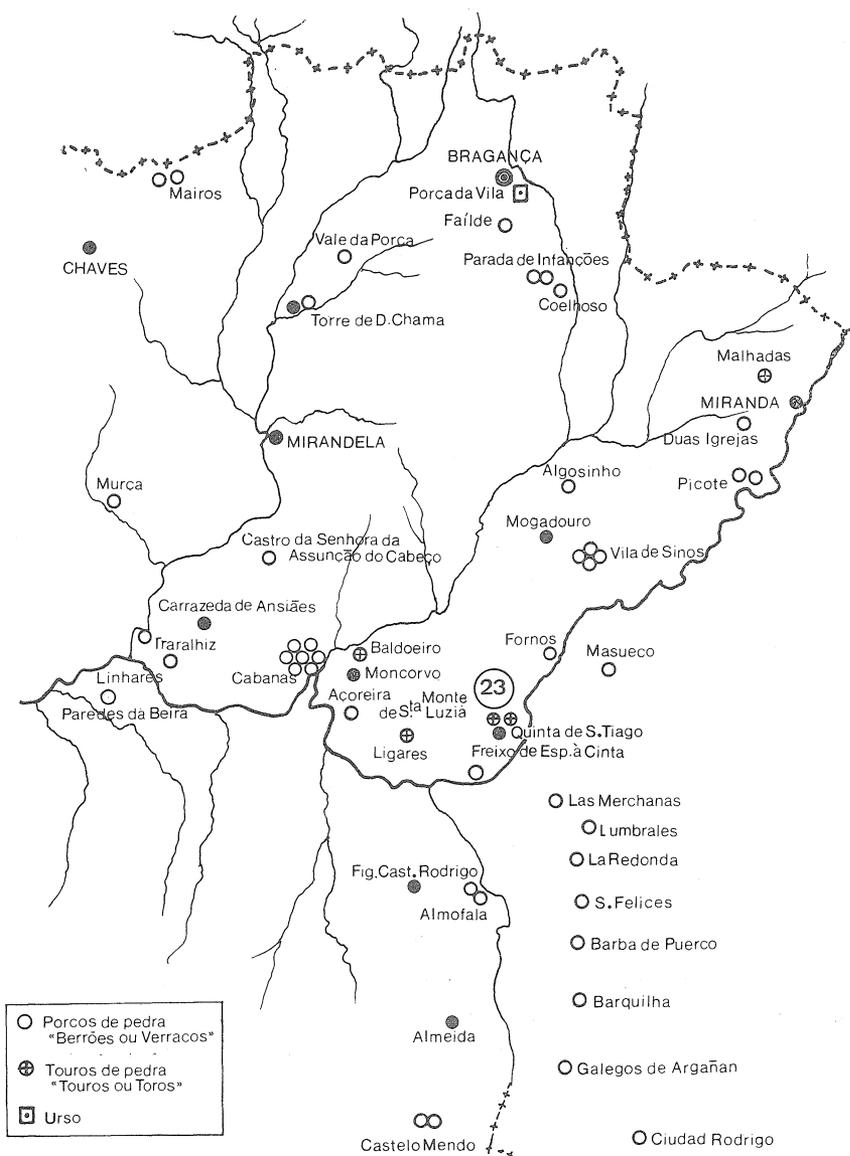


Fig. 1 — Os berrões do nordeste de Portugal, na grande maioria porcos. Os outros são 4 touros, 1 bode e 1 urso.

As grandes estátuas, há-as com 2 metros de comprimento, seriam veneradas em monumentos como o descoberto em Picote em forma de palmatória, e o de algures na Galiza, em cujo assinalado recinto circular estava colocado o animal. Pode admitir-se que no monumento de Picote, por assim dizer colectivo, se prestaria culto com a deposição de oferendas. (Ver meu livro cit., pág. 76-90.

Quanto aos berrõesinhos pode admitir-se que tais miniaturas do animal tutelar seriam alvo de iconolatria doméstica.

A primeira coisa que impressiona é o grande número de berrões, digamos a sua concentração no nordeste de Portugal, ou seja na província de Trás-os-Montes.

Há muitos mais berrões em Espanha, mas distribuem-se pelas 5 províncias da Cáceres, Salamanca, Zamora, Leão e Galiza, qualquer uma destas com área talvez proximamente igual, se não maior, à área de Trás-os-Montes.

O desenho da (Fig. 1) mostra a distribuição dos berrões localizados no nordeste de Portugal.

O grande número de berrões, 79 ou 80, até à data assinalados no Nordeste de Portugal, quase todos aparecidos em Trás-os-Montes, permitem considerar esta nossa província como um importante centro de florescimento espiritual do culto zoolátrico, documentado por algumas dezenas de estátuas e estatuetas, suas miniaturas, quer de porcos quer de touros, quer de outros animais: uma de urso (porca da vila de Bragança) outra de bode (cabeça de cabra ou de bode do Castro do Baldoeiro) e outras de javalis.

O achado de Picote (Ver meu livro cit. 76-90), monumento em forma de palmatória, de câmara circular, onde a meio estava entronizado o berrão, seguida de corredor de 9 metros de comprimento, cuja escavação forneceu numerosos fragmentos de ossos de vários animais e pedaços de pratos e vasos de barro, atesta que aquele porco se pode considerar um ídolo, ao qual se prestaria culto em cerimónias rituais com a deposição de oferendas.

Pelo conjunto dos elementos verificados na escavação, pode concluir-se que o monumento de Picote seria como que um templo em que se prestava culto ao porco divinizado.

Quanto aos berrõesinhos trasmontanos, que se podem computar em 27 ou 28, quase todos muito pequenos, porquanto o seu comprimento oscila, em média, entre 25 e 30 cm de comprimento, são estatuetas, ídolos, réplicas do deus tutelar, para ter em casa como entidade venerável, de mágico poder protector extensivo talvez às pessoas, às casas e a todos os seus haveres, conseqüentemente também aos seus gados.

Como referi no meu Livro cit., no capítulo *Cronologia e Etnografia*, pág. 156-161, arrimado ao trabalho do grande arqueólogo espanhol Bosch Gimpera, *Los celtas em Portugal y sus caminos*, em «Homenagem a Martins Sarmiento», miscelânea de estudos em honra do investigador vimaranente, no centenário do seu nascimento, 1833-1933, Guimarães, 1933, págs. 54-72, 2 Figs., emiti o parecer de que seriam da tribo pré-céltica dos *Draganos*, os estatuários dos berrões trasmontanos.

Como Bosch Gimpera expõe na pág. 61 do seu trabalho, que acabamos de referir, «los *draganos* viviam *bajo el maximo septentrion*» para dentro dos *Sejes*, e mais para o interior os *pernix lysis*, que não podem interpretar-se senão com o grupo lusitano. Confinando pelo norte com os *Lusitanos*, opina Bosch-Gimpera, viviam os *draganos*, povo pré-céltico, que habitava *ardui colles do campo de Ofiusa, sub nivoso maximo septentrion*, que não podiam estar situados senão na região que é hoje Trás-os-Montes.

Bosch-Gimpera admite que a região trasmontana no Séc. VI a. C. seria habitada essencialmente pelos *draganos*, e acrescenta, ser bem possível, que os celtas não tivessem ocupado Trás-os-Montes, afastado dos grandes caminhos. Conseqüentemente os *draganos* subsistiriam no seu território histórico, nas regiões mais ásperas e arredias.

Se assim foi, como é possível que tenha sido, a influência céltica sobre os *draganos* deve ter sido fraca, ou mesmo muito fraca e de pouca duração.

Deste modo pode pôr-se a hipótese de os *berrões* de pedra de Trás-os-Montes serem pré-célticos, e possivelmente devidos a estatuários pré-célticos ou mesmo a seus antecessores.

Pelo que fica exposto, sem estabelecer generalizações, que seria tentado a fazer, supomos que têm razão aqueles que consideram os berrões de pedra proto-históricos como manifestações dum velho culto zoolátrico castrejo, no qual, animais, considerados sagrados, eram adorados como deuses tutelares.

Julgo poder considerar a cultura dos *berrões* como notável manifestação de ordem espiritual, com fortes raízes implantadas nos castros trasmontanos e nas regiões limítrofes da Espanha.

O grande número de berrões achados em Trás-os-Montes, e a possibilidade de estudos complementares e de novas descobertas poderem vir a exaltar, mostram esta nossa tão castiça província, cheia de relíquias etnográficas e arqueológicas, como um importante centro de florescimento espiritual do culto zoolátrico, e, quiçá, como um núcleo da criação de cultura dos *berrões*.

# A Anta da Capela da Senhora do Monte

## Contribuição para o estudo do megalitismo da freguesia de Penela da Beira

The Dolmen of Senhora do Monte's Church

POR

**Agostinho Campos Ferreira \***

Do Conselho Director da Soc. Portug. de Antropologia e Etnologia

### INTRODUÇÃO. INFORMAÇÕES DE CARÁCTER GERAL

Ao procurarmos na freguesia de Penela da Beira <sup>(1)</sup>, elementos com interesse arqueológico <sup>(2)</sup>, numa zona de planalto, que havia sido recentemente devorada pelo fogo (Fig. 4), deparamos com um cenário que nos impressionou fortemente. Enquadrado nas ruínas de uma velha capela, aparecia um conjunto de pedras que se assemelhavam a uma anta. E foi com crescente emoção e curiosidade que nos aproximamos do local. Tratava-se, de facto, de uma anta.

Nos tempos que se seguiram, a par de um aturado esforço na procura de elementos bibliográficos sobre este interessante

---

\* Rua da Corredoura, 37 — Paredes da Beira — 5130 S. JOÃO DA PESQUEIRA.

<sup>(1)</sup> Penela da Beira é freguesia do concelho de Penedono, distrito de Viseu.

<sup>(2)</sup> Na recolha destes elementos tem sido companheiro incansável e prestimoso auxiliar, Rui Manuel Martinho, estudante, residente em Paredes da Beira.

monumento megalítico, tentamos ainda colher, de pessoas que conheciam o lugar, informações que pudessem contribuir para o seu estudo.

Foram pouco frutíferas as pesquisas bibliográficas efectuadas. Consultamos também diversas entidades e vários estudiosos do megalitismo português mas pouco ou nada nos adiantaram sobre esta anta. Também, de um modo geral, não foi muito frutuosa a recolha de informações fornecidas pelas pessoas que fomos encontrando nas proximidades do local ou que procuramos em Penela da Beira. Em regra, respondiam que, embora conhecendo o monumento, não tinham dado atenção ao facto, ou manifestavam mesmo o seu total desconhecimento.

No entanto, das informações colhidas, algumas revestem-se de certo interesse. Para que de todo em todo se não percam, aqui deixamos o seu registo.

A primeira destas indicações foi-nos fornecida pelo Sr. Vitorino, que habita há muitos anos a casa mais próxima da capela da Senhora do Monte e que é, por assim dizer, a única habitação desta zona. Informou-nos que «há anos atrás (relativamente a 1978) um senhor Bispo (de Bragança?), uma senhora espanhola e mais duas ou três pessoas tinham perguntado por casinhas daquelas». Acompanhou-os e indicou-lhes as que conhecia. Adiantou ainda que tinham tirado várias medidas e algumas fotografias a estes dólmens.

Por sugestão do Sr. Manuel Baptista, guarda-florestal que cuidava dos terrenos e viveiros florestais que se situam próximo da capela e nos deu a conhecer a existência da anta n.º 1 (Fig. 3), contactamos o P.º Joaquim Manuel Silvestre, natural de Penela da Beira e na altura a parouquiar a freguesia de Avões, Ferreiros, próxima de Lamego. Forneceu-nos interessantes indicações sobre vários aspectos de natureza arqueológica da região.

Bom conhecedor da sua terra, adiantou que a região tinha sido, em tempos, muito estudada pelo P.º Horácio, natural de Baldos, que parouquiou Penela de Beira e já na altura

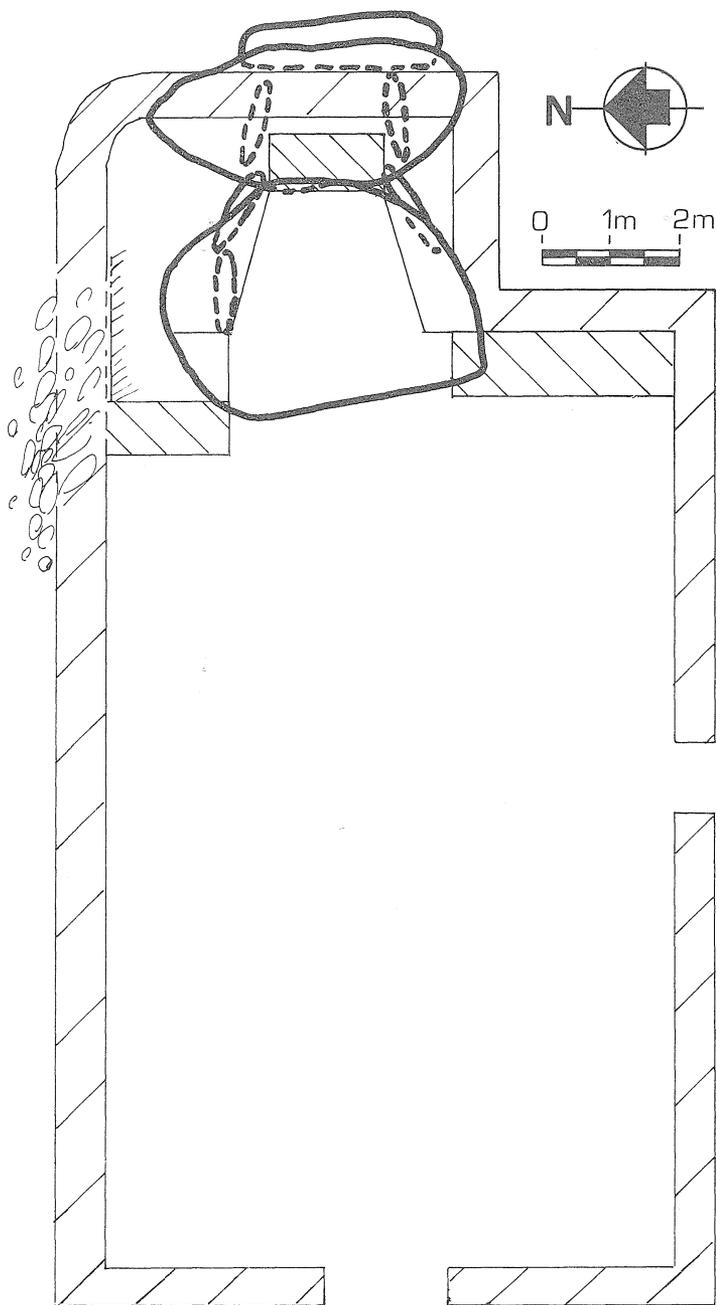


Fig. 1 — Esquema da anta integrada na capela da Senhora do Monte

falecido. Para ultrapassar problemas de saúde e também para satisfazer o seu espírito culto e estudioso, associados a uma grande curiosidade e interesse arqueológicos, o P.º Horácio calcorreava regularmente estas serras que conhecia com pormenor. Era frequente, no dizer de vários penelenses, encontrá-lo em passeio pelos montes.

Não me soube indicar o P.º Joaquim Silvestre se o P.º Horácio terá chegado a publicar algumas notas ou estudos sobre o assunto. Conseguiu, no entanto, que a anta da capela da Senhora do Monte viesse a ser considerada como Monumento Nacional (3), apesar de não ter sido feliz com o dia em que o monumento foi observado por quem viria a considerá-lo como tal. Um forte nevão que nesse dia cobria a região não permitiu a observação detalhada do monumento.

Sobre as referências escritas a esta anta, para além das notas existentes no Instituto Português do Património Cultural, apenas conhecemos a que lhe foi feita em 1979 pelo distinto historiador, P.º Dr. Manuel Gonçalves da Costa (4).

Afirmou relativamente a este dólmen.

«Caminhando agora em direcção ao poente, deparamos no meio dum desolado planalto, com as ruínas da capela medieval da Senhora do Monte, cuja capela-mor, primitiva ermida, ocupa a câmara dum velho dólmen. A lagem do chapéu, das maiores que conhecemos, serve ainda de tecto e alguns esteios foram aproveitados para fundamento dos muros da nova construção. Os muros do corpo da capela, em pedra talhada e diferente, leva-nos a supor que a primitiva ermida se limitava à própria anta. Não há notícia de se celebrar qualquer

---

(3) Decreto n.º 44 075 de 5 de Dezembro de 1961. Ministério da Educação Nacional. Artigo 1.º — É classificado como monumento nacional o seguinte imóvel:

Distrito de Viseu, concelho de Penedono — Dólmen da Capela de Nossa Senhora do Monte, na freguesia de Penela da Beira.

(4) Manuel Gonçalves da Costa, *História do Bispado e Cidade de Lamego*, Vol. II, Lamego, 1979, pág. 279 e 280.

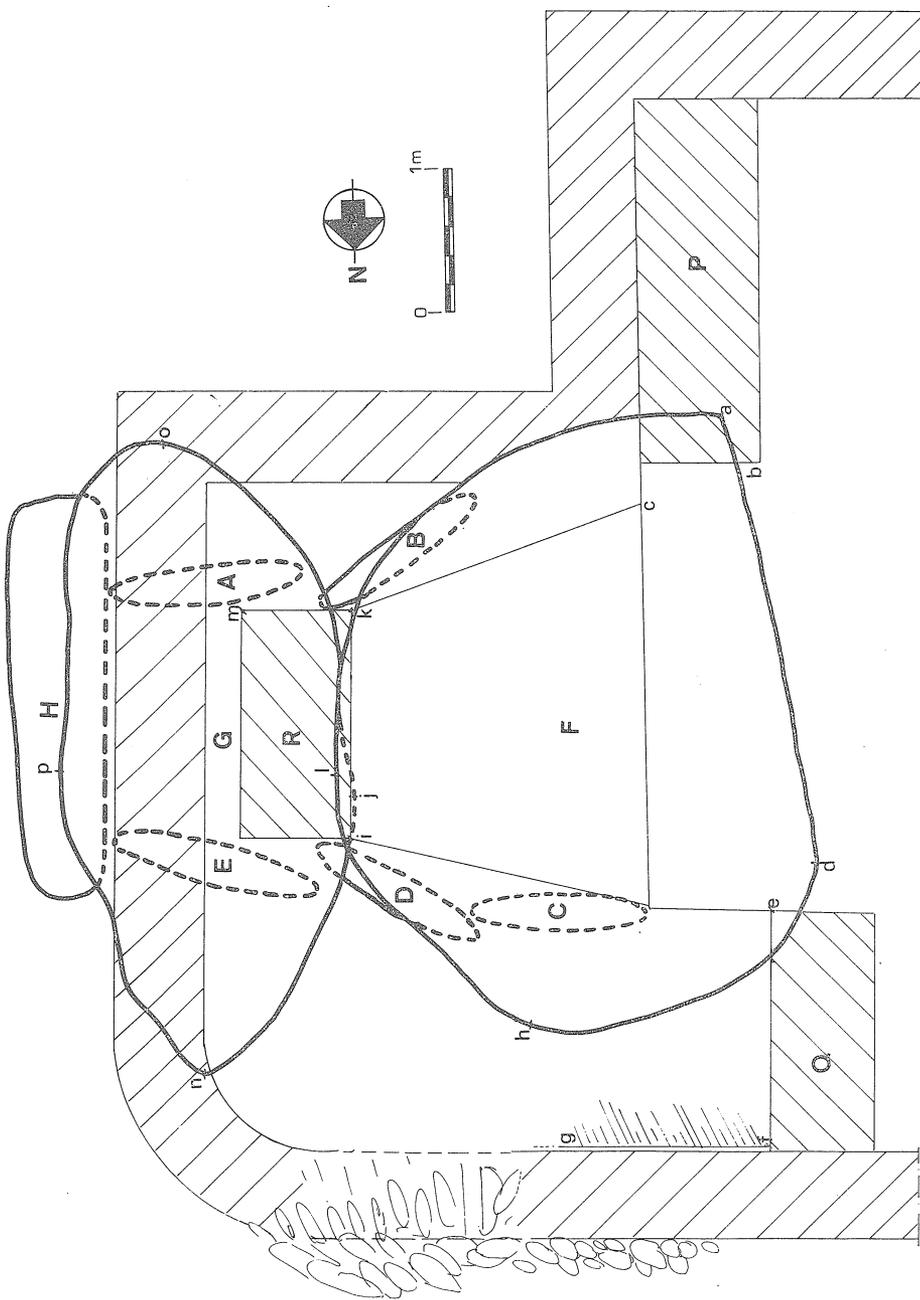


Fig. 2 — Esquema dos esteios e da cobertura da anta

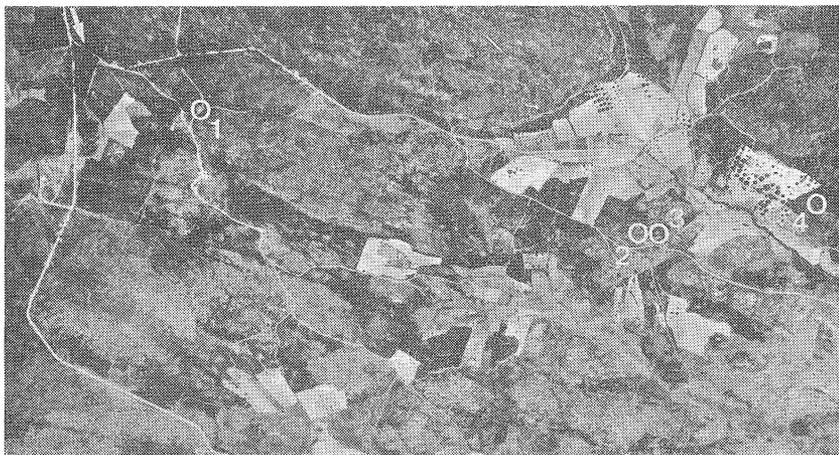
festividade na capela, mas os povos circunvizinhos vinham ali em procissão na segunda-feira de Páscoa e no dia da Ascensão».

### LOCALIZAÇÃO E DESCRIÇÃO DO MONUMENTO

A anta da capela da Senhora do Monte fica situada numa zona de planalto, desabitada, a uma altitude de cerca de 900 metros.

O trajecto mais fácil para lá chegar é o que parte de Penela da Beira, utilizando a estrada da floresta (assinalada na Fig. 3 com uma seta) que liga esta povoação a Paredes da Beira. Antes de se chegar à casa do guarda-florestal, volta-se à esquerda, levando o automóvel até onde for possível. Com algum arranjo no caminho o acesso ficaria muito facilitado.

Esta anta aparece enquadrada num interessante conjunto de mais três monumentos megalíticos (Fig. 3). Os terrenos que a circundam, em muito pontos cobertos por densos giestais,



Fotografia do Inst. Geog. e Cadastral

Fig. 3 — Fotografia aérea na escala aprox. de 1/25.000. Os círculos a branco indicam antas que se situam próximo da capela. O n.º 3 indica a anta que serviu de capela-mor



Foto do autor (Setembro 1978)

Fig. 4 — A anta vista sensivelmente de Nascente. A vegetação circundante havia sido, há pouco tempo, devorado pelo fogo

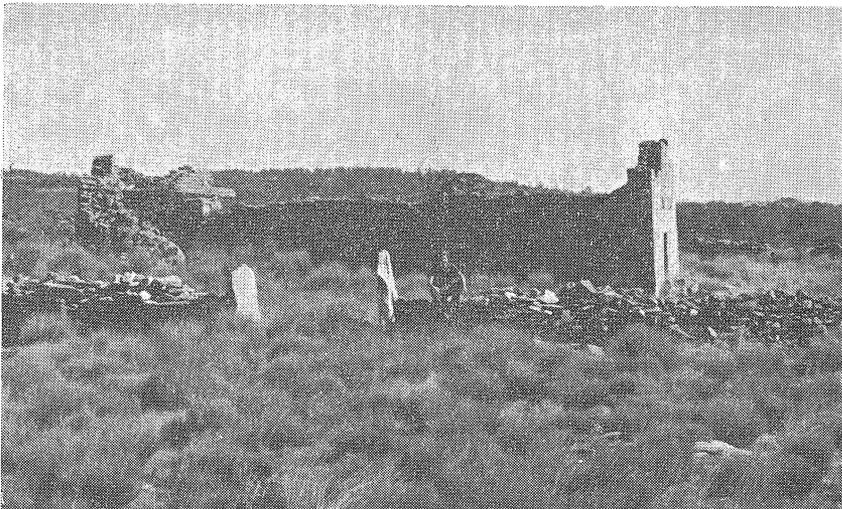


Foto do autor (Agosto 1981)

Fig. 5 — Lado Norte das ruínas da capela. Em 1.º plano, a entrada para o adro e o muro que o limita

não permitem uma inspecção mais cuidada e é provável que possam vir a encontrar-se outros monumentos deste género <sup>(5)</sup>.

A anta que passamos a descrever e caracterizar aparece integrada na capela da Senhora do Monte, encaixada na parte superior deste templo religioso. O corpo da ermida, na sua estrutura geral (Fig. 1) é basicamente rectangular. Na parte que integra a anta, a parede do lado esquerdo é arredondada. A parede do lado direito faz uma reentrância de 2,65 m. (metros) e termina em ângulo recto 3 m. depois.

A capela tem de comprimento total aproximadamente 18 m. e de largura, medida até às faces da parte exterior dos muros, cerca de 9 m. As paredes têm cerca de 60 cm, de espessura.

Na parte frontal (Figs. 6 e 7) a altura máxima, no aprumo da porta é de 4,50 m. As alturas dos lados esquerdo e direito são respectivamente de 3,80 e 3,30 m. A porta principal tem 1,80 m. de altura por 1,85 m. de largura.

Possui na parede lateral esquerda dois pequenos postigos. O maior situa-se a 1,30 m. da face frontal; o outro sensível-

---

<sup>(5)</sup> Muito pouco estudadas do ponto de vista histórico-arqueológico, as freguesias de Penela e Paredes da Beira, apresentam, neste campo, aspectos de muito interesse e que nos últimos anos temos vindo a estudar. Para além dos trabalhos que temos em adiantada fase de preparação e que esperamos publicar nos próximos números desta revista, com os títulos;

— *Antas da freguesia de Penela da Beira*,

— *O Castelo dos Mouros ou Castelo de Nossa Senhora (Castro de Paredes da Beira)*.

— *Antas da freguesia de Paredes da Beira*

— *As Pinturas Rupestres do Castelo Velho — Paredes da Beira*

foram já publicados, relativamente a uma destas freguesias, os seguintes estudos:

— Agostinho Campos Ferreira & Maria Clara Figueiredo Campos Ferreira, *O «Porco de Pedra» de Paredes da Beira — (Berrão Proto-histórico)*, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Fasc. II e III, Vol. XXIII, Porto, 1978, pág. 340-345.

— Rogério Azevedo, *O porco na zoolatria Ibérica*, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Fasc. II, Vol. XXIV, Porto, 1982, pág. 321-329.

— Agostinho Campos Ferreira, *Paredes da Beira teve Pelourinho*, separata do *Arrais — Semanário Independente, Defensor do Alto Douro*, N.º 294, Peso da Régua, 3 de Novembro de 1983.



Foto do autor (Agosto 1982)

Fig. 6 — A fachada da capela vista do lado Oeste. Em 1.º plano o muro do adro

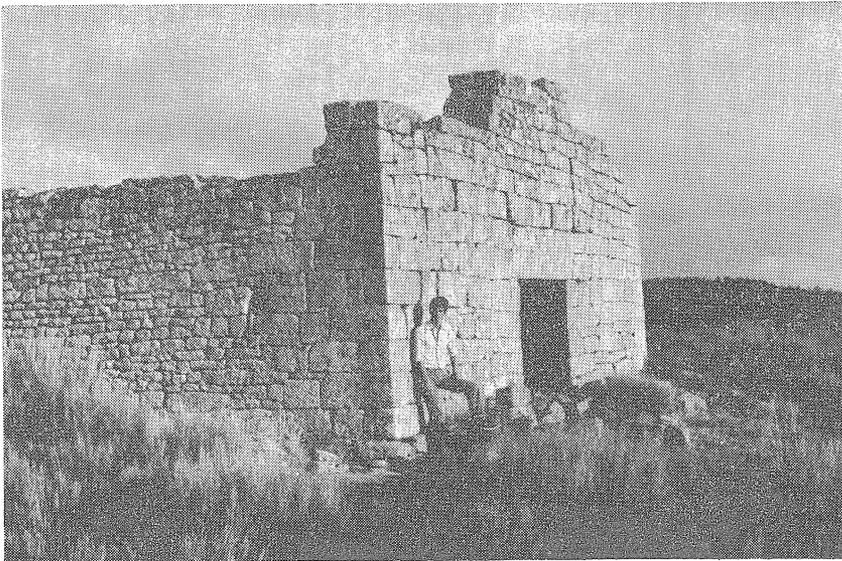


Foto do autor (Agosto 1982)

Fig. 7 — Vista da capela tirada sensivelmente de Noroeste. É notória a diferença da pedra utilizada na fachada



Foto do autor (Agosto 1982)

Fig. 8 — A anta vista através da porta principal da capela



Foto do autor (Agosto 1982)

Fig. 9 — A entrada para o adro da capela. As pedras que rematam o muro terão sido esteios de alguma anta?

mente a meio do muro da capela. No lado direito, a 8 m. da frontaria possui uma porta com 1 m. de largura.

A cantaria utilizada na parte frontal exterior e numa pequena porção dos muros laterais (Fig. 7), é muito diferente da utilizada na parte restante das paredes. Enquanto a parte frontal foi construída com blocos de granito bem aparelhados, de dimensões razoáveis, nas paredes laterais foram utilizadas pedras de dimensões bem mais reduzidas.

Muito embora o informação revestisse grande interesse, não conseguimos apurar a data em que a ermida terá sido construída.

Também «não há data precisa do ano em que esta ermida foi abandonada (6). Presume-se que o tenha sido na década de 1900 a 1910. Devido ao seu completo abandono, o templo está em ruínas, desde essa data. Para isso, muito terá contribuído o golpe final que lhe foi dado pela Junta de Freguesia de então, ao mandar retirar-lhe o telhado, por volta de 1915.

Na capela existia uma imagem que se chamava de Nossa Senhora do Monte. Esta imagem, ainda hoje existe, em bom estado de conservação, encontrando-se agora na capela do Mártir S. Sebastião, em Penela da Beira.

No dia de Nossa Senhora do Monte, segundo se ouvia dizer, reuniam-se lá 7 cruces que vinham em procissão das 7 freguesias circunvizinhas. Desde que a capela foi abandonada, essas procissões deixaram de se realizar».

A anta que terá abrigado o altar-mor, encontra-se circundada pela parede da capela. A zona entre a face exterior dos esteios e a parte interior das paredes da capela foi cheia com pedra miúda e com terra.

Apresenta actualmente 5 esteios ao alto, de razoáveis dimensões, quase todos imbricados (Figs. 2, 12 e 13). A mesa

---

(6) Esta informação e as que se seguem foram-nos amavelmente prestadas pelo actual Presidente da Junta de Freguesia de Penela da Beira, Sr. Armando José Aguiar.

ou chapéu é constituída por duas enormes lages, cobrindo uma delas parte do corredor.

Para os cinco esteios e as duas lages que lhes servem de cobertura colhemos as medidas que a seguir passamos a indicar. Devido ao modo como os esteios se encontram integrados nas paredes da capela não foi possível uma observação cuidada, sobretudo na parte exterior dos esteios. As medidas indicadas devem pois ser tomadas com as restrições resultantes deste condicionalismo. São, pois, medidas aproximadas. A Fig. 2 mostra a disposição topográfica dos esteios e das pedras da mesa:

Esteio A — Altura à vista, 1 m.; largura média, 1,30 m.; Esteio B — 2,10 m.; 1,30 m.(?); Esteio C — 2,20 m.; 1,30.; Esteio D — 1,90 m.; 1,30 m.; Esteio E — 0,75 m.; 1,40 m.

A espessura média dos esteios deve oscilar entre os 25 e os 40 cm.

Mesa F — Perímetro, 11,60 m.; na Fig. 2, a distância entre os pontos *a* e *h*, é de 4,40 m.; entre os pontos *d* e *l* 3,20 m.; espessuras nos pontos *b* e *d*, respectivamente, 30 e 15 cm.; Mesa G — Distância aproximada entre os pontos *o* e *n*, 3,6 m.; entre pontos *j* e *p*, 1,75 m.; a espessura do bordo exterior, no aprumo dos esteios oscila entre os 20 e os 30 cm.. A mesa vem fora da face externa do muro da capela, em média, cerca de 40 cm.; Pedra H — Comprimento, 2,70 m.; largura oscilando entre 50 e 65 cm.; espessura média, 35 cm. (Fig. 10).

Sobreposta à pedra H, aparece ainda uma pedra de formato quase rectangular com as dimensões de 55 por 70 cm.

A altura média da lage F ao chão é de 2,10 m.. Entre as faces inferiores das duas lages (F e G) medeiam 40 cm., encontrando-se a lage G num plano inferior. Da face superior do altar-mor à face inferior da lage F vai cerca de 1,30 m.

Os pontos médios dos esteios A e E, que servem de suporte à mesa (pedra G), estão separados nos topos superiores por 1,45 m., e ao nível inferior distam, 1,85 m.

Como pormenor curioso refira-se que na face inferior da lage F foram pintadas pequenas estrelas que possivelmente pretenderiam figurar o céu. O muro (Fig. 11) que atravessa e



Foto do autor (Agosto 1982)

Fig. 10 — A anta vista sensivelmente de Nascente. Em 1.º plano a pedra H, da fig. 2



Foto do Prof. S. J. (Agosto 1982)

Fig. 11 — No interior da anta, o muro que serviu de altar-mor. É visível denso conjunto de giestas e silvas existentes no interior da capela

assenta nesta lage, e que terá servido de suporte ao telhado tem actualmente na sua altura máxima 50 cm. A largura é sensivelmente a das paredes da capela

Um aspecto que não conseguimos esclarecer prende-se com o modo como estaria fechada, a nascente, a parte exterior que protegeria o altar (Fig. 10). Com pedras que entretanto

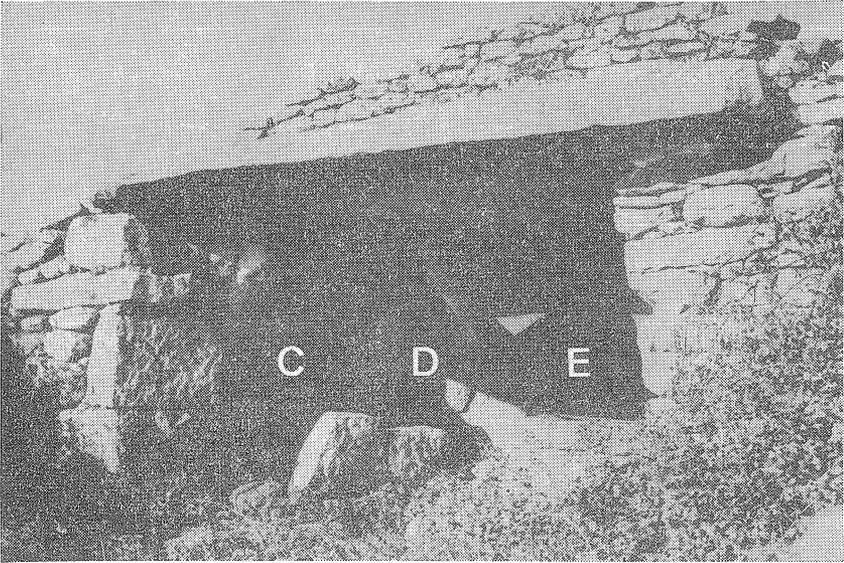


Foto do autor (Agosto 1982)

Fig. 12— Os esteios C, D, e E perfeitamente encaixados nos muros da capela

terão desaparecido? De salientar que junto à parte inferior dos esteios A e E se encontram 2 pedras (Fig. 10) que certamente terão pertencido a esta anta e cujas dimensões foram já indicadas. Não sabemos a função que desempenharam. Terá servido a pedra H para tapar a entrada da anta?

### CONSIDERAÇÕES SOBRE A SUA TIPOLOGIA

O estado de conservação deste monumento megalítico, o facto de se encontrar encaixado e encoberto, em muitas partes,

pelos muros que o adaptaram à função que posteriormente desempenhou e ainda a destruição que possivelmente já na altura apresentava ou a que foi sujeito, na cabeceira, aquando da construção da capela, não permitem, sem reservas, caracterizar a sua tipologia.

Notam-se ainda os restos da mamoa e atendendo à disposição do corredor, pensamos que a construção desta anta

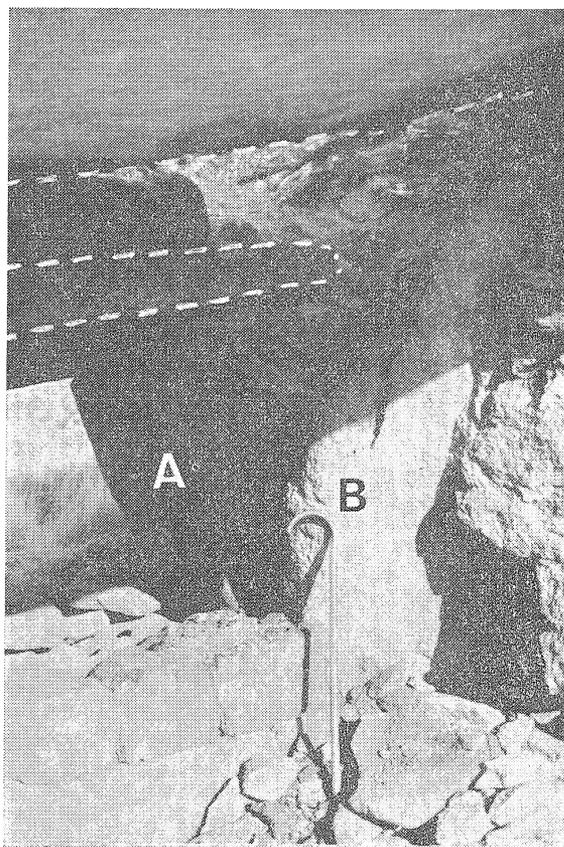


Foto do Prof. S. J. (Agosto 1982)

Fig. 13 — Os esteios A e B e o pormenor do altar. É visível o enchimento de terra e pedra miúda entre as 2 lages da mesa da anta, assinaladas a tracejado

foi orientada a nascente. Actualmente a parte mais danificada, melhor, onde faltam mais esteios é a que corresponderia à antiga câmara. Teve, muito provavelmente, forma poligonal. Terão sido os esteios desaparecidos utilizados na construção de alguma parte da capela? Terão sido destruídos para facilitarem a construção e acesso ao altar-mor? O Dr. Manuel Gonçalves da Costa (7) na curta referência que fez a este monumento, sustenta que alguns esteios foram utilizados nas fundações da nova capela. O seu actual mau estado de conservação, em alguns pontos em progressivo desmoronamento (Fig. 5) e o facto de não ser fácil observar a parte inferior dos muros, devido ao amontoado de pedras e à espessa vegetação que os cobrem e todos os anos mais se avoluma, não nos permitem, de momento, tecer considerações sobre este aspecto. É bem possível que os esteios que formavam a câmara tenham sido utilizados na nova construção. A limpeza do local, retirando-lhe as giestas e silvas que actualmente impedem uma observação cuidada, bem como a remoção do entulho, poderá facilitar, no futuro, o conveniente estudo deste monumento. É tarefa que urge encetar.

Passaremos agora a deter-nos um pouco sobre o que poderá ter sido a parte poligonal da anta.

Do ponto *e a i* (Figs. 2 e 12) vão cerca de 3 m. tendo sido construído nesse espaço um muro que deveria atingir a parte média ou superior dos esteios *C* e *D*. Do lado oposto (*c a k*), foi também construída uma parede com 2,15 m. actualmente muito desmoronada, sobretudo na parte inferior, junto ao altar, deixando a descoberto uma boa parte do esteio *B*.

Sensivelmente no aprumo do ponto que separa as lages da cobertura, aparece um pequeno muro, *i a k*, que terá constituído a parte frontal do altar-mor (*R*). Tem de comprimento 1,60 m. e de altura, na parte à vista, 85 cm. A face frontal deste muro do altar, na sua parte superior, era constituída

---

(7) Manuel Gonçalves da Costa, *cit.*

por 6 pequenas pedras de comprimento variável e com cerca de 20 cm. de altura. A largura do altar (*k a m*) era de 80 cm.

Possuía ainda esta capela mais dois altares, colocados de cada um dos lados, perpendicularmente aos muros laterais da capela, assinalados na Fig. 2 com as letras P e Q.

A entrada que conduz ao altar-mor, que deverá ter sido constituída por vários esteios, tem uma abertura de 2,90 m. entre os vértices dos muros que também sustentam a pedra da mesa F (Fig. 12).

Ainda um pormenor curioso. O terreno onde se encontra a capela está delimitado por uma pequena parede de pedra solta, em forma quase circular. Possui uma única entrada, situada à esquerda do corpo da capela. Esta entrada, com a largura de 2,60 m. tem de cada um dos lados onde termina o muro delimitativo do adro, duas pedras ao alto (Fig. 9) com as seguintes dimensões:

Pedra da esquerda (com referência a quem entra no adro) — altura à vista, 1,30 m.; largura média, 90 cm.. Pedra da direita — altura à vista, 1,50 m.; largura média, 1 m. Terão sido estas pedras, esteios desta ou de outra anta que possa ter existido nas proximidades?

Embora não dispondo de elementos que possibilitem uma afirmação sem reservas, parece-nos que a ermida primitivamente edificada se deveria circunscrever a pouco mais que a própria anta. O tipo de muros que a circundavam assim o podem levar a supor. Aparentemente as paredes da nova capela terão sido construídas de modo a englobarem a anterior construção que actualmente constituiu a parte mais desmoronada da capela (Fig. 5). A título de mera referência podemos salientar que a parede *e* e a *f* situada do lado esquerdo, perpendicularmente ao muro da capela, no seu topo (*f a g*) possui pedra aparelhada que encosta perfeitamente ao muro lateral da capela. Estas considerações são no entanto simples conjecturas que carecem de labor e análise mais profunda e cuidada. Gostaríamos de salientar, todavia, que os casos conhecidos

em Portugal de antas transformadas em capela, se circunscrevem, em regra, à própria anta.

### CRONOLOGIA

Bem curioso e com muito interesse será o estudo da cronologia não só deste monumento mas ainda dos que integram o núcleo onde esta anta aparece enquadrada. Permitirá a datação deste monumento e o confronto com outros núcleos de monumentos megalíticos, nomeadamente com o que lhe fica próximo, em Paredes da Beira.

Apesar dos insistentes esforços que desenvolvemos tentando indagar sobre o eventual aparecimento de quaisquer objectos junto ou no interior desta anta, não foi possível colher qualquer informação com interesse, pois nada nos foi adiantado sobre o assunto. As pessoas interrogadas apenas tinham conhecimento de escavações, melhor dizendo, de remeximentos desordenados e infrutíferos. O estudo desta anta, nomeadamente através de trabalhos de escavação, possibilitará certamente, o aparecimento de espólio que poderá vir a fornecer elementos seguros não só sobre a idade da anta mas ainda sobre outros aspectos de múltiplo interesse.

### SIGNIFICADO (TENTATIVA DE INTERPRETAÇÃO)

A singularidade deste monumento e o facto de associar e enquadrar construções (anta e capela) tão distanciadas no tempo, suscita-nos uma reflexão em torno da tentativa de interpretação do seu significado.

A construção da ermida, aproveitando a existência da anta, terá sido concretizada pelo facto de já na altura ter sido associado a este monumento megalítico qualquer significado ou ideia de culto?

O eventual conhecimento da finalidade destes túmulos funerários colectivos, destinados por vezes ao enterramento

sucessivo numa câmara comum dos membros de uma comunidade, terá inspirado qualquer analogia com o enterramento dos mortos no interior dos templos religiosos, particularmente na época medieval, motivando neste sentido a adaptação da anta a capela?

Terá sido o espírito prático do homem, particularmente a prevalecer a tese de que a primitiva capela se circunscreveria à própria anta, que o levou, por questões de comodidade e economia, a aproveitar o monumento megalítico já existente?

É bem provável que alguma destas razões tenha levado a que este monumento dolménico, originalmente destinado a sepultura, talvez colectiva, tenha sido nos tempos cristãos transformado em capela para a prática do culto católico.

Os Drs. O. da Veiga Ferreira, M. Leitão e o Eng.º C. T. North <sup>(8)</sup> sustentam que «a ideia do aproveitamento de antigos túmulos para santuários ou monumentos dedicados a diversos cultos humanos se perde na noite dos tempos». E acrescentam ainda que «com o tempo os costumes mudam, ou por evolução lenta, ou pela chegada de novas influências e, mais tarde, perdida a noção do primitivo emprego desses monumentos, os cristãos os reutilizaram para implantar ali o culto de um ou outro dos santos da sua devoção».

#### BREVE ALUSÃO A MONUMENTOS SEMELHANTES

Em Portugal a anta da capela da Senhora do Monte é o 4.º monumento deste tipo de que temos conhecimento. São casos raros, tanto quanto sabemos, não só em Portugal como no estrangeiro.

O Dr. Veiga Ferreira e outros <sup>(9)</sup> referiram-se a antas ou dólmenes que foram aproveitados muito posteriormente à sua

---

<sup>(8)</sup> O. da Veiga Ferreira, M. Leitão e C. T. North. *Breves Apontamentos Sobre as Antas-Capela em Portugal*, Estratto de «Estudos Italianos em Portugal», N.º 40-41-42, 1980, págs. 119-124, c/ 4 fotografias.

<sup>(9)</sup> O. de Veiga Ferreira & outros, *cit.*

construção e destino funerário, para capela cristã e dão a conhecer a existência de 3 antas-capela, indicadas em trabalhos anteriores, que citam, de Vergílio Correia (10), G. e V. Leisner (11) (12) e J. Pires Gonçalves (13).

A título comparativo passamos a transcrever (14) as referências a estas 3 antas-capela.

### ANTA DAS ALCOBERTAS — RIO MAIOR (ESTREMADURA)

A parte correspondente à antiga cripta funerária foi aproveitada por inserção, entre os esteios, na sua parte superior, de uma parede de alvenaria de forma a constituir uma continuação arredondada encimada por um telhado cónico à antiga portuguesa, isto é, com telha de canudo. No centro deste telhado foi posto uma espécie de pináculo de calcário, com frisos sobrepostos.

A anta é constituída por sete esteios grossos e altos (4 m. da superfície do solo actual), de calcário, tendo ainda dois esteios no corredor, um de cada lado da entrada, com tampa e laje de fecho entre esta última e o chapéu. A área da câmara é poligonal e mede 4,30 m. X 4 m. A largura da galeria é, na entrada, de 2 m.

No interior da igreja, a entrada é revestida de azulejos de desenho simples, que ocupam as paredes laterais e todo o arco postigo que fecha a parte superior. Ao fundo da câmara, contra

---

(10) Vergílio Correia, *El Neolítico de Pavia (Alentejo, Portugal)*. Museo Nacional de Ciencias Naturales, Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, Memória 27, Madrid, 1921.

(11) Georg e Vera Leisner, *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel, Der Westen*, 1, Madrider Forschungen, Berlin, 1956, págs. 95-97.

(12) Vera Leisner, *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel, Der Westen*, 2, Madrider Forschungen, Berlin, 1959, pág. 99.

(13) J. Pires Gonçalves, *Roteiro de alguns megálitos da Região de Évora*, separata de «A cidade de Évora», N.º 58, Évora, 1976.

(14) O. da Veiga Ferreira & outros, *cit.*

a cabeceira do antigo dólmen, erigiu-se um altar que tem, na face dianteira, a representação em azulejos simples, dentro de um quadro com moldura, da divindade cristã, Santa Maria Madalena,

ANTA-CAPELA DE S. DIONÍSIO — PAVIA  
(ALTO ALENTEJO)

A anta-capela de S. Dionísio situa-se no centro da vila de Pavia. A câmara deste antigo dólmen, que tem sete esteios enormes (o maior tem, fora da terra, 4,10 m de alto), quase todos imbricados, e grande chapéu ou mesa, está inteiramente ocupada pela capela, faltando por completo os vestígios do corredor assinalados por Vergílio Correia no seu citado trabalho. Ainda existem os degraus de acesso, a porta de madeira e o campanário que se lhes sobrepõe, e no interior o altar revestido de azulejos continua encostado à cabeceira; mas o painel de azulejos com a imagem de S. Dionísio, que existia ainda há pouco sobre o altar, foi deitado abaixo por um selvagem qualquer. Foi colocada agora uma imagem da Senhora das Dores.

ANTA-CAPELA DE S. BRISSOS — MONTEMOR-O-NOVO  
(ALTO ALENTEJO)

Segundo o Dr. J. Pires Gonçalves, o acesso é praticável por automóvel. Diz o Dr. Pires Gonçalves: «Estrada Évora-Alcáçovas. Derivar para Valverde e continuar, depois, pela estrada que liga esta aldeia ao Escoural.

A anta convertida em ermida de Nossa Senhora do Livramento, está situada na herdade de Nogueirinha, uns 2 km para além do cemitério e da Igreja de S. Brissos, a sul da estrada que segue para o Escoural e a uns 100 m. da estrada.

A ermida, toda caiada e com rodapé azul, ergue-se num cabeço povoado por frondosas azinheiras, perto de dois montes, um à direita e outro à esquerda da estrada.

Os restos da anta, constituindo o átrio da ermida, encaram o N e neste mesmo lado está rasgada a pequena porta rectangular que deve ocupar o espaço morto de um esteio desaparecido, provavelmente aquele que, tombado a poente, ali se vê, agora, a servir de banco para os romeiros.

Alguns esteios da câmara, com a altura aproximada de uns 3 m., e um troço da mesa de cobertura, tudo de granito, formam o átrio da ermida. Restos dispersos do primitivo corredor do dólmen ainda hoje se podem ver a nascente, parcialmente destróçados e cravados no terreno. O altar-mor da ermida, do lado sul, é uma construção cúbica moderna, de alvenaria».

#### SUMMARY

##### The Dolmen of Senhora do Monte's Church

In this article we give you notice of a very curious and interesting case of the adaptation and transformation of a dolmen as a major altar of a medieval church, nowadays half ruined.

These cases are very rare in the Portuguese megalithic monuments and this is the only case known in the north of Portugal.

Besides the location, description, characterization and essay to interpret the meaning and reasons that could have led the medieval religiosity to use this dolmen as the major altar of this church, a reference is also made to other similar cases known in Portugal.

# Rotineirismo na suinicultura popular

## (Resenha histórica, arqueológica e etnográfica)

POR

**Guilherme Felgueiras \***

Da Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia  
Do Instituto Histórico da Ilha Terceira  
Da Sociedade Brasileira de Folk-Lore

O porco doméstico, esse animal que se engorda para suprir as nossas carências alimentícias, tem grande importância para as classes economicamente inferiores, pela precocidade, aptidão cevatriz e criação rápida e fácil.

No simbolismo da Idade Média, tornou-se uma das representações do Diabo, pela tendência para revolver monturos e enxurdeiros. Lá diz o ditado:

*«O porco sempre puxa para o lodo».*

Figura o demónio da gula, da volúpia e da lubricidade. No Minho é considerado animal de vista torta e baixa, tomado mesmo como símbolo do invejoso.

*«Colocado aos pés dum santo, significa que o santo venceu o demónio e as voluptuosidades. O porco que acompanha Santo Antão, não é, como o acreditam as crenças populares, o companheiro do eremita, mas sim o seu escravo subjugado».* [1]

---

\* Rua José Diogo da Silva, 8 — Oeiras

## HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA

A imagem do suíno raras vezes aparece nos monumentos figurados do Egipto; neste país o cerdo era considerado como nojento, sórdido e impuro.

Autorizados arqueólogos que se têm ocupado dos antigos Celtas, revelam que este povo teve o javardo ou porco montês por emblema. Entre os documentos arqueológicos que assinalam a presença dos Celtas no nosso território, figuram os «berrões» de pedra, toscas esculturas zoomórficas com predomínio no Norte do país. O simbolismo que representam estes monumentos de pedra da época pré-romana, obedece a razões interpretadas ainda dubiamente, por carência de elementos concretos. Inclina-se uns, para a hipótese de que serviam de marcos divisórios ou sinais postos nos limites e confins dos caminhos, para os demarcarem. É lícita a persuasão de outros, que os observam sob o ponto de vista mítico; para estes, tais monumentos são considerados como protectores dos gados ou deviam estar ligados às ideias religiosas dos antigos povos da região, ídolos ou coisa semelhante. \* Em Trás-os-Montes são conhecidos vários: em Bragança, a «porca» do pelourinho; em Moncorvo, os «berrões» (das Cabanas) e a «berroazinha» (da Assoreira); em Parada de Infanções, o «berrão» do adro; em Torre de D. Chama, a «berroa» do Largo do pelourinho e em Murça, a «porca».

Como nos tempos da Idade Média, a porca existente em Murça serviu de ordálio, mudando de cor perante o acusado, como prova da sua inocência. Duma carta, datada de 1880, que Martins Sarmiento dirigiu a Leite de Vasconcelos, extractamos o seguinte comentário sobre esta figura pré-histórica de pedra:

---

\* Do erudito Mestre e prezado Amigo Dr. J. R. dos Santos Júnior, que estudou proficientemente um total de 49 destas toscas estátuas zoomórficas encontradas no Noroeste de Portugal, recebemos a seguinte nota confirmativa: «*pelas escavações que fiz no castro do Poio, na aldeia de Picote, e similar achado galego, emiti a hipótese de que os berrões eram adorados e daí a idolatria.*»

«(...) O animal mostra ainda restos de uma pintura vermelha. Ah! bom! conta a tradição que em certos casos-crimes a mudança de cor da Porca dava signal da innocencia ou da criminalidade do réu. De que tempos deve provir esta tradição e que figura importantíssima não fez a bicha nos seus bons tempos!».

Além de outros povos, os Árabes, abstinham-se do consumo de «marrã» (carne fresca de porco); de aí o epíteto injurioso de «marranos» que antigamente se dava em Portugal e Espanha, aos Mouros e Judeus. Aos marranos judaizantes, no Direito antigo eram retirados os direitos civis e políticos. Por similitude, entendia-se outrora por mouro e judeu o homem sem consciência, infame ou ganacioso. O adagiário é fértil em alusões depreciativas:

— «Ilhéu e porco (no sentido de Judeu?) algarvio e Mouro, são quatro nações e oito canalhas».

— «A Judeu e a porco (Mouro?), não metas no teu horto».

Porco do fisco, era assim chamado certo tributo medieval, «Nos Forais antigos, o porco era tomado como unidade em certas transacções, assim: — «porco de dez côvados» ou «porco de três sesteiros», era o que valia dez côvados de bragal, ou seis alqueires de trigo; «porco de um lenço», o que valia um bragal, ou seja sete varas». [2]

Esclareça-se, que côvado, equivalia a 66 cent., sesteiro, a 2 alqueires e vara, a 5 palmos.

Incrustado em muro de velha moradia monástica, existia em Alvarelhos uma pedra muito antiga que tem esculpido, em baixo-relevo, um chapéu de borlas, uma cochina e uns baco-rinhos, pelo que os habitantes da localidade lhe chamavam a «Porca de Alvarelhos». O seu proprietário, resolveu transferir esse escudo de armas para Santa Comba, o que alvoroçou os alvarelhenses que o consideravam, insígnia, memória, brasão, ou coisa equivalente, da localidade.

## RUDIMENTOS ZOOTÉCNICOS

Possuímos no país duas grandes raças nativas da espécie porcina, bem diferenciadas: a «bísara», — animais pernalteiros,

corpo varudo e costado arqueado, ao Norte e Centro; o «alentejano» — animais de corpo roliço, cor amelada e façoula pendente, ao Sul. Os primeiros, do tipo céltico, são geralmente criados em regime estabular ou misto; os segundos, do tipo românico, em regime pastoril ou semi-estabular

Criado em pocilga («cortelho», «corte», «loja», «chiqueiro» ou «curral»), a sua manutenção torna-se simples, pois o porco contenta-se com resíduos alimentares de toda a espécie — «lavaduras» («broças» ou «lavagens») — sobejos recolhidos nas cozinhas domésticas, frutuárias, lagares, padarias, hortas, pomares, etcétera. Mercê da sua frugalidade, é tomado no Alto Minho para termo da comparação das pessoas que não são fastientas: — *«tens boca de porquinho de Sant'Antone»*. [3] Santo António é o santo protector dos lavradores de Entre-Douro-e-Minho, que a ele recorrem quando alguma rês porcina lhes adoce. Foi recolhida no Douro Litoral esta cantiga:

*«Santo António é dos porcos,  
S. José dos carpinteiros;  
Santa Luzia dos trolhas,  
e o diabo, dos pedreiros».*

O regime de pascigo, é usado em algumas regiões da Estremadura, na parte meridional da Beira Baixa e, em mais extensão, nos chaparraís alentejanos onde frondejam sobreiros, azinheiras, e carrasqueiros em grandes maciços. A ceva do suíno em pastagem ambulante, obedece a certas regras de remota origem, com particular interesse, mesmo etnográfico. Esse sistema agro-pecuário tradicional no Alentejo, permite aos «encabeçadores», ou sejam peritos competentes, fazerem numa missão rotineira, a previsão do número de cabeças que o montado poderá engordar. Feito o cálculo preliminar, ergue-se a «malhada», currais rústicos construídos com ramagens de piornos, estevas e outros arbustos. E colhe-se para a instalar, local sombreado, abrigado e próximo de charco ou poceira, reunindo condições para os animais repousarem durante a noite. A este abrigo chamam na Beira serrana, «furdão».

«A prática mais geralmente seguida é fazer consumir pelos porcos a bolota dos pontos mais afastados do montado para o centro; e neste sentido o porqueiro dirige o gado entregue à sua guarda fazendo-o descrever círculos concêntricos até chegar ao meio do montado, onde se estabeleceu a reserva». [4]

Nos anos «landreiros», (em que há superprodução de bolota), esta é «abafada», o que corresponde a lavar-se o terreno e enterrarem-se para que mais tarde os farroupos, fossando, a utilizem como alimento. A entrada das «varas» ou piaras, realiza-se comumente no dia de S. Francisco de Assis, (4 de Outubro). Os porcos da raça alentejana (também denominada «transtagana») são apreciados pela «rijeza de pernas e unhas», rusticidade extraordinária que lhes permite deambulare[m] de sol a sol, em procura da «boleta», da «azinha», da «cascoila», das túberas, vermes, ervagens, raízes e outras substâncias, que devoram com sofreguidão.

No Alentejo designam por «outoniços» os bácoros nascidos em Setembro ou Outubro; «janeirinhos», os nascidos em Janeiro; «erviços», os que nascem na Primavera e «veraniços», os que vêm em Julho. Na Beira Baixa, toma o nome de «ervana», a criação porcina de Março a Abril, e é conhecido por «porco montanheiro» o que é apascentado com a ervagem e frutificação do montado. *Levar os porcos à adua*, é, no Alentejo, deixá-los à solta para que pastem livremente.

Nas zonas de estrutura granítica ou xistosa, de Trás-os-Montes, Alto-Douro e Beira serrana, onde abundam soutos e castiçais, quando os ouriços começam a «arreganhar», os recos e os laregos vivem em armentio passando os dias no rebusco das castanhas. Lamego e Chaves, têm, entre as suas especialidades, os afamados presuntos, que devem àquele fruto o seu agradável sabor. Áreas há, no norte transmontano, onde os porcos de vários criadores são pastoreados em comum — «vezeira», nos prados naturais. Em determinadas freguesias, é escolhido entre os recos de melhores linhas e fisiologicamente mais bem constituídos, o másculo padreador, que passa a ser o «berrão», isto é o semental comunitário que castigará todas as marrãs daqueles lugarejos mais próximos.

«Este «berrão» é alimentado por todos, à vez, e pode passear pela aldeia por onde lhe aprouver, em total liberdade. Quem precisa dos seus serviços vai com a porca procurá-lo, onde ele estiver. Quando atinge o limite de idade estabelecido pela tradição, no mês de Março, é capado, numa cerimónia a que assistem mordomos, alguns membros do conselho e outras pessoas, sendo restituído ao dono. Após a operação, os testículos são entregues à dona que os deve cozinhar com ovos, chouriço e presunto, fazendo-se em seguida uma espécie de refeição ritual, para a qual o conselho oferece um cântaro de vinho (12 litros)». [5]

Nalgumas serranias beiroas, chamam «gorrilhos» aos porcos da raça alentejana, cuja recriação e engorda são feitas no chiqueiro (à pia), e dão o nome de «marranos» aos suínos de engorda, quando em meias carnes.

— Os seguintes adágios referem-se à parçaria pecuária:

— «Bácoro a meias, não é meu».

«Porcas a meias, nem minhas nem alheias».

«Porco de meias, bem comido, mal cevado».

Contrato outrora bastante frequente no Algarve, mas que vai decrescendo o seu uso. O parceiro pensador (tratador), encarrega-se da manutenção a expensas suas e dá, na ocasião do abate, metade da rês ao proprietário. — Zonas há no Alto Minho onde dão liberdade aos suínos, deixando-os percorrer ao acaso logradouros, quinteiros e maninhos incultos. Para que não devassem as propriedades amanhadas, entrando por bueiros, cancelos ou aberturas das vedações e sebes; é hábito local ajustar-lhes ao cachaço uns grosseiros caixilhos de pau a que chamam «cangas» e «cangalhas».

(«...») Espécie de triângulo feito de três sarrafos de madeira. São restos dos tempos em que se observavam as posturas municipais, pois o art.º 61 dos Acórdãos da Câmara Municipal da vila de Barcelos de 1839 diz: «Nas aldeias os donos dos porcos não os deixarão sair sem canga, pena de quinhentos reis». [6]

Em outros povoados é comum atravessarem no focinho dos suínos, impedindo-os de fossar, um «arganel», arame flexível a que se torcem as duas extremidades entreligando-as, em feitiço de argola. Em Penamacor, chamam «furelhos» aos animais fossões de tromba acuminada.

### VIDA ECONÓMICA

«*Tenhas porcos, e não tenhas olhos*», é a sentença que a massa anónima condensou numa frase adagial imperativa, que na sua força de expressão contém um conselho tão arrogante como exagerado. Equivale a estes ditados: — «*O lavrador, antes sem orelhas que sem ovelhas*» e «*a quem não tem porco, até as pedras roncam*».

Decididamente o suíno é a espécie pecuária que garante, tanto ao abonado agricultor, como ao cabaneiro de minguados recursos, uma reserva de gordura e de carne para abastecimento da despensa pelo ano adiante. Na tradição oral corre outro aforismo que adverte da precaução a tomar no consumo ou governo do «açougue» caseiro:

— «*Porco no S. João, meão (meio comido), se meão se achar podes continuar, se mais de meão, acanha a ração*» (modera o consumo).

Constituem, a «salgadeira» e o «fumeiro», um tesouro gastronómico, contribuindo, em ampla medida, para o equilíbrio financeiro da gente da lavoura. Tudo neste animal é aproveitado, desde os pezinhos até à ponta do focinho, sem desprezar o «fato», ou seja os órgãos interiores (pulmões, fígado, coração, intestinos, língua e garganta), que se prestam a grande número de preparados. Nada se desperdiça: do courato fazem-se crivos e outros artefactos, e até as «cerdas» se aplicam no fabrico de escovas e pincéis.

Não há lar remediado ou humilde aldeão, que não tenha no fim do ano o seu dia destinado à *matança do porco*. Os meses adequados para a chacina do desditoso cevado, são os

do tempo frio, Novembro ou Dezembro, como recomenda o rifoneiro:

— «Pelo S. Martinho (11 de Nov.º), prova o teu vinho e mata o teu porquinho».

— «No dia de Santo André (30 de Nov.º), agarra o marra-ninho pelo pé; se ele disser «quíé... quié», diz-lhe que tempo é; se ele disser «que tal... que tal», guarda-o para o Natal».



A matança — Escultura popular de Oliveira do Douro

Desenho de Azinhal Abelho

— O animal que vai ser sacrificado, deverá ficar em jejum durante vinte e quatro horas, a fim de que os intestinos estejam completamente vazios. Retirado da pocilga, é lançado no pátio, previamente atapetado com caruma de pinheiro, onde é amarrado e deitado a poder de músculo, sobre um banco esguiô sem respaldo, ou mesmo estendido no chedeiro dum

carro boieiro, conforme os usos da região. É preso com uma corda, que fazem passar pela «carrilheira» (maxilar inferior), para o subjugar

Imprescindível: o alguidar de barro vidrado com o respectivo «colheroto» de pau, pronto a receber o sangue destinado aos chouriços, e, no lar, dispõem-se os caldeirões para as morcelas, as «trôlhas», «cornichos» (Viana do Castelo), ou enchedeiras afuniladas para «ensacar» os enchidos, e o «anaguel» de cortiça (Trás-os-Montes), para receber as miudezas.

Tudo a postos, o matador («matão» em Barroso), intervem: raspa as «sedas» ásperas do pescoço ao cevado e com o «riscão» ou facalhoz pontiagudo («cebolão», por sovelão?), dá-lhe o golpe mortal. Cortado em volta dos órgãos genitais o «rojão da cortesia», é da praxe oferecer a «assadura» ou a ponta da língua ao prior e reservar os «coelhos» ou lombinhos para o sangrador. Na Sertã (Beira Baixa), é de uso repartir o coração pelo indigente do lugar mais carenciado, e, no Alto Minho, as queixadas do porco abatido, ou as mãos (Afife), vão como retribuição para Santo António, advogado celestes da espécie porcina. Os minhotos mantêm como picuinha tradicional, *«arrelhar os retardatários da matança do porco com a pergunta: «Vens ao rijão do banco?»», referindo-se ao dejecto que o suíno, no espasmo da morte, solta pelo canal excretório no «leito do suplício».* [7]

Na Beira Alta, dão-lhe metaforicamente o nome de «morcela do banco».

— Segue-se a depilação: o magarefe e seus auxiliares, tratam de o «musgar» ou chamuscar, operação que consiste em espetar um «fachoqueiro» de carqueja, de garvalha ou de giesta a arder, numa forquilha de ferro. Branqueam-lhe o coirato por meio do escaldão, derramando água fervente sobre o adiposo bicho e, com auxílio de uma lâmina cortante, raspam-lhe as cerdas até o deixar bem escanhado. São, por fim, destacadas as unhas ou «trancanholas» (Alentejo).

Atravessam-lhe nos jarretes um pau curvo afeiçoado para o efeito — o «chambaril» e suspende-se duma trave, pelos quartos trazeiros, para ser aberto «escorchado». Segue-se o

«desmanchar» ou «estafonar» da carcaça, esartejando, temperando e salgando a carne segundo os preceitos locais.

*«Para o livrarem de maus olhados, coloca-se-lhe uma cabeça de alhos entre as unhas, um raminho de salsa na boca e um grande ramo de loureiro no interior vazio do ventre».* [8]

— No dia escolhido para o «escochinar» (Minho), convidam-se parentes e vizinhos para a *sarrabulhada*. Pela expressão genérica de «cachola» (Beira Baixa), «matadelo» (Mogadouro), ou «função» (Montalegre), se designa o abate do cevão e todas as tarefas seguintes, incluindo a refeição final para a prova das febras grelhadas, da «miolada», dos rojões do lombo e outros acepipes gastronómicos. Constitui pretexto para um convívio festivo.

Estas rimas da veia poética popular, dão ideia do gargantuesco aprazimento que o acto desperta no Baixo Alentejo, onde foram recolhidas:

— *«Matastes» um porco gordo,  
hás-de me dar 'ma talhada:  
que seja o porco todo  
mais a cabeça agarrada».*

Achincalhando os portuenses, estas toadas avulsas de recorte picaresco:

— *«As meninas lá do Porto  
já não sabem ir à missa,  
ficam na córte dos porcos  
rilhando palha painça».*

— *«Estes rapazes do Porto  
são poucos, mas são valentes,  
levam a pia dos porcos  
atravessada nos dentes».* [9]

O «sarrabulho», «defina» (Baixo Alentejo), ou «cacholada», feito com sangue coagulado do porco, fígado, bofes e

banha derretida, varia no seu preparo conforme as regiões. Entre os minhotos, são pratos tradicionais as «papas de sarra-bulho» e a «sarrabulhada com mel», bem como as «beloiras», as «farinhotas», o «pedro», as «sanguinhas» ou chouriço de verde e os «chouriços de couros», estes feitos com as aparas da barriga ou «entretetos». A «suã» (ossos que formam a



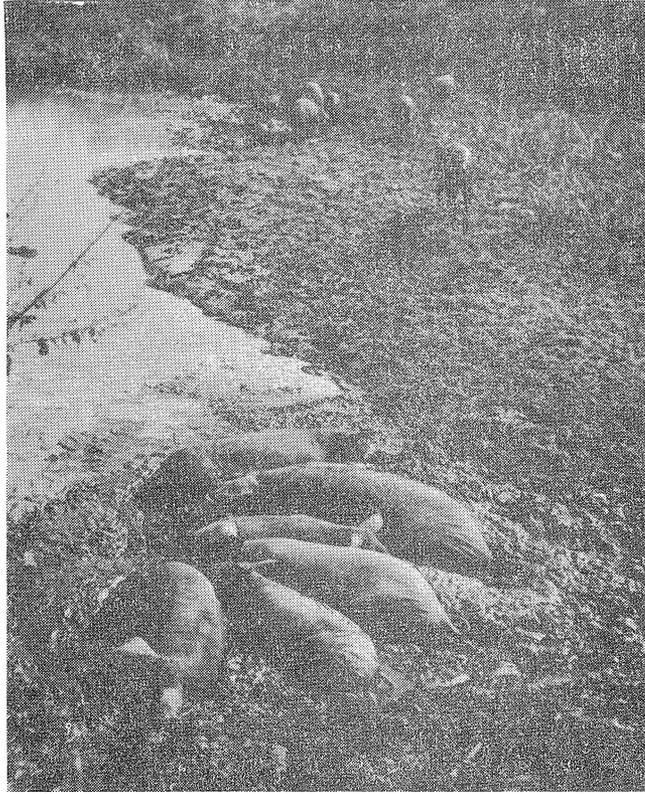
Os enchidos — Barro pintado de Estremoz

Desenho de Azinhal Abelho

espinha dorsal), é uma das regiões do cevado bastante apetecida, posto que de sóbrio alimento, como adverte o adágio: — «osso de suã, beijo untado, barriga vã».

— Por «fumeiro» e «salsicharia» se designa extensivamente a «carne ensacada», os «enchidos» e os produtos com

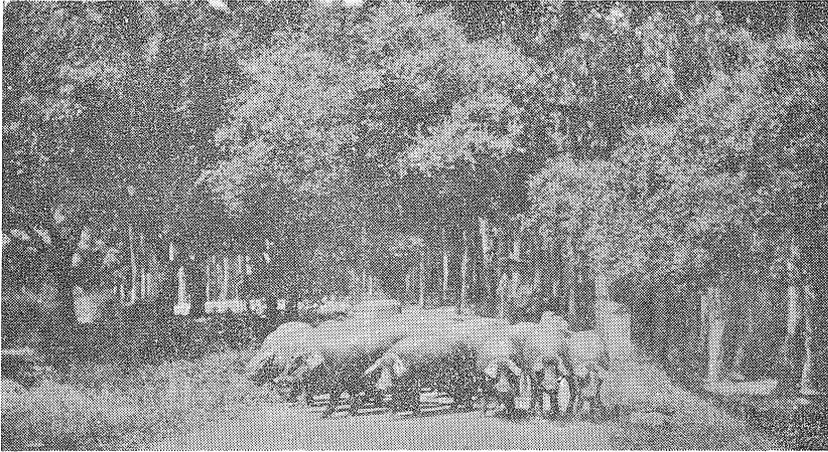
base na carne de porco, sem critério uniforme no nosso país, onde é conhecida uma multiplicidade de receitas culinárias. Entre muitas outras, destacam-se as seguintes especialidades



Porcos alentejanos refrescando-se

regionais: *Trás-os-Montes* — «tabafeias», «bulho», «mouras», «butêlo», «chaviana», «filhós», «palaios» (Barroso) e «morci-lhos»; *Beiras* — «jambelos», «escaldarrapas» «bufeiras», «pêtas» e «chicharrões»; *Alentejo* — «rechina», «cabeça-de-charra», «paios», «mantas de toucinho», «peles-de-banho», e «coscorrões»;

*Estremadura* — «negritos», «farinheiras», «chouriços-de-sangue» e «linguiças»; *Douro Litoral* — «morcelas-doces» (Arouca), «salpicões» e «rojões»; *Algarve* — «cachinfana»; *Ilhas* — «torresmos» e «sarapatel».



*Alentejo* — Uma vara de porcos

## MAGIA E SUPERSTIÇÕES

São de uma exuberância desmarcada as praxes feiticistas, sortilégios e crendices, que o populacho de espírito mais apoucado, com sua rudeza e obscurantismo característicos, irrefletida e confiadamente aceita:

— *Não se devem sacrificar porcos por ocasião de lua-nova ou em quarto-minguante, para que a carne não minguie (encolha) na panela.* (Barroso) [10]

— Os animais prestes a ser abatidos, não devem ouvir os grunhidos aflitivos dos que estão na agonia, «*toma-se-lhes o sangue*» e não sangram bem. (Barroso) [11]

— *Quando se mata porco ou se faz a salga durante o «entreluo» (interlúnio), a carne estraga-se.* (Turquel) [12]

— Ao cozer-se o sangue do porco, deve chamar-se por este como se estivesse vivo, para que o sangue não coagule. (Santo Tirso) [13]

— Quando os porcos que se abatem em casa, são malhados ou «calçudos», é agoiro, sinal de haver morte em casa nesse ano (Alentejo).

— Na matança, para que o sangue que aparam no alguidar, coalhe, é preciso pôr-lhe por cima duas palhinhas, em cruz; às mantas de toucinho, quando são metidas na salgadeira, para que não rancem, deve fazer-se-lhes com a mão espalmada, uma cruz no meio. (Alentejo) [14]

— «Para a carne de porco não criar bichos, passa-se por ela um graveto a arder». (Santo Tirso) [13]

— O toucinho velho é bom para lubrificar os lemes das portas, livrando-se assim a casa de bruxedos e malefícios; é igualmente boa receita, para curar o aguamento das crianças recentemente desmamadas. [15]

«Quem tem um porco só, bem o engorda», adverte a locução proverbial, todavia se não for de bom «medrilho» (não se desenvolver bem), deve um homem urinar-lhe no lombo (Pedroso — V. N. de Gaia) [16]

Aos bacorinhos comprados nas feiras nortenhas, são postos colares de trovisco, com receio de que os tolham! «Há gente que olha de lado...», respondeu-nos uma compradora na feira do Pico (Vila Verde — Braga), quando a interrogamos sobre a vantagem daquele colar.

— Em certas regiões, presumem que os porcos do primeiro parto são menos sadios e robustos que os das criações seguintes. Não há nenhuma lei fisiológica, nem observações sérias, que justifiquem essa crendice sem fundamento. O mais novo da ninhada, o «terçogo», esse sim, é que, geralmente, é o mais franzino.

Em Guimarães e outras terras minhotas, quando vão vender um suíno, tangem-no com vara de trovisco ou de oliveira, para que a venda resulte lucrativa. Quando vão

mercar o «leitão de cria», ou «suíno de corda», «por via das más olhaduras, atravessa-se o baração em que ele vem preso, à porta da córte, fazendo-o entrar às arrecuas, e esfrega-se-lhe o lombo com alhos, em cruz». [17]

— Utilizar para a refeição a ponta da língua do porco, dá lugar a que se torne muito tagarela ou linguareiro quem a comer (Barroso).

— Sonhar com carne de porco é sinal de desgostos na família, ou prenúncio de morte.

— As pessoas que comem tromba de porco (focinheira), passam a ser o «desterro» da loiça (convertem tudo em cacos).

«Quando se deitam os porcos a fossar, mede-se-lhe o rabo e põe-se a «medida» debaixo da pia, para que eles voltem sempre para casa». [18]

— Na superstição popular do Fundão, «as bruxas aparecem, por vezes, transformadas numa porca com leitões, que saem ao caminho das pessoas, por horas mortas, grunhindo — corrim...corrim...corrim... e desaparecendo, depois, num abrir e fechar de olhos». [19]

«Para não cair o rabo aos leitões, coloca-se uma cebola albarrã no tecto do curral». (região de Leiria) [20]

— Em Cambezes do Rio (Montalegre), quando um reco sai da córte com destino a ser vendido na feira, (por causa do mau-olhado), «deita-se-lhe três vezes sal, em cruz, com a mão direita ao correr do lombo, começando pela cabeça, e diz-se: três te viram, três te tomaram, malditos olhos que para ti olharam». [21]

— Dois dentes caninos de varrasco encastoados em latão, tomando a forma de meia-lua, são de uso corrente pelos carreiros e almocreves alentejanos, dependurados da testeira dos muares, como poderoso amuleto contra o mau olhado. [22]

— Os porcos saem mais ou menos fortes, conforme mamam nesta ou naquela teta. «O porco levanta-se três vezes de noite para comer o dono». [13]

— Quando se cozem chouriços, paios ou morcelas, devem colocar-se, para que não rebentem, sob a protecção do maior

«coitadinho» que houver na localidade (indivíduo resignado com a infidelidade conjugal). [23]

### MEDICINA E ZOOCLÍNICA ROTINEIRAS

Os rústicos menos evoluídos e mais dados a mezinhices fúteis, têm na terapêutica e na alveitaria caseiras os mais extravagantes tratamentos, quase todos afastados do bom senso:

— Para curar a brotoeja (erupção cutânea) a uma criança, é uso corrente nalgumas aldeolas do Douro Litoral, colocar o padecente montado numa vassoura, sobre uma pia dos porcos e arengar o seguinte ensalmo:

*«bertoeja, rabeja, vai-te d'aqui,  
assim como porcos e porcas comeram aqui!»*

Em Barcelos, esta estranha terapia, é acrescida destas palavras: « se és burro — arre!; se és porco — tó!; se és galinha — chól!». [24]

Noutras localidades, para beneficiar o paciente, basta entrar num «chiqueiro» e esfregá-lo com a palha que serviu de cama aos suínos, e dizer:

*«assim como porcos e porcas dormem aqui,  
assim tu, maldita «bertueja», saias d'aqui!».* [25]

Em Trás-os-Montes, as mulheres atacadas de «bertoejo», costumam «emboldregar-se» (emporcalhar-se) no covil dos laregos, em saio de burel vermelho.

— As aftas («farfalho» ou «sapinhos») da boca das crianças em amamentação, têm um tratamento análogo: — numa pia de pedra, «onde tenham comido um porco e uma porca, passa-se por três vezes, em cruz, a criança e diz-se igualmente por três vezes:

*«Farfalho, sai-te d'aqui,  
que porco e porca comam aqui!». [26]*

— O quebranto, segundo o vulgo, é produzido pelo olhar de alguém mal intencionado, motivando desgraça ou doença. Em certos povoados transmontanos, para curarem os recos deste malefício, usam passar três vezes umas calças por cima do animal doente, paroleando este ensalmo:

*«marraninho, Deus te formou, Deus te criou,  
Deus te tire o mal que para ti entrou;  
mal haja quem com maus olhos para ti olhou.  
Este porco tem «cobranto»,  
três lh'o puseram, três lh'o levantarão;  
Padre, Filho e Espírito Santo».*

— Contra as «negras» (nódoas na pele), «colocam-lhe em cima o fel dos porcos. Para o «fluxo», pó de unhas de porco (porca não serve), torradas e moídas, misturadas com vinho». [27]

— Em Vila da Ponte (Montalegre) e arredores, «atribui-se o mal da «lobagueira» ao lobo que veio beber a lavadura da pia dos porcos e com o seu mau ar infectou de doença todos os animais que comiam na mesma pia».

Para curar a mazela, os Barrosãos vão a Ormeche ou a Cambezes (Montalegre) buscar uma das «golas» (guelas) de lobo que se encontram nessas povoações, na posse de locatários, e passam a lavadura que dão aos laregos por ela. [21]

— A maxila inferior do porco («carrilheira»), apresenta interiormente uma medula gordurosa que é bastante credenciada para fricções. «A bexiga do suíno geralmente conserva-se ao fumo, cheia de ar, para fins medicinais, pois é infalível (crêem) como remédio a aplicar, aos fragmentos, contra panarícios e picaduras». [3]

— «A mulher grávida que pegar num baço de porco, tocando com as mãos sujas no corpo, fará com que a criança

*apareça com baços (rosetas vermelhas — navi materni) pintadas*». (S. Martinho de Bougado) [28]

### ADIVINHAÇÕES

Entre as manifestações da criatividade popular, cuja agudeza de inspiração e maneira realista de se expressar não conhecem limites, contam-se adivinhas ou enigmas que se propõem para sua solução. O vulgo congeminou entre outras, estas de sentido ambíguo ou obscuro, em que entra o porco no seu conceito com designações onomatopaicas — «funglo-funglo», «ronquim» e «chinchorrim»: — «*Pinglo-pinglo, está pingando, funglo-funglo, está fungando... Se o pinglo-pinglo, não pingará, funglo-funglo não fungará*». (É o suíno debaixo do castanheiro; na deiscência, *pingam* as castanhas, e o animal grunhe, faz *fum...fum*).

Sob forma, em certo modo paralela, outra versão: «*Estando ronquim, que roncava, debaixo do pinguim, que pingava, veio o lobo, que lobava, e levou o ronquim, que roncava*» (o porco debaixo dum castanheiro com frutos, apanhado por um lobo). Digna ainda de registo, igualmente emaranhada na forma e foneticamente abstrusa, esta do mesmo tipo: «*Chinchorrim, chorava atrás da torre andava, se a torre caísse, chinchorrim calava-se*» (a marrã e a sua leitegada).

### LINGUÍSTICA

As modificações da voz do porco são em número variável, exprimindo sensações diferentes:

*Grunhir* ou *gurnir* (Alentejo), é a sua queixa ou «berrincha», quando tem fome; ou o bramido da «geronda» (porca criadeira), quando chama os filhos, os «berrelhos» (Beira serrana). Tomada de cio ou apetite carnal, a porca que procura o varrasco (varrão), toma o nome de «barroneira» ou «berroica»

(Trás-os-Montes) e a sua voz especial é conhecida entre a gente transmontana, por *berroçar*. *Roncar*, emitir ruído alto e roufenho, mas curto e cadenciado. *Cuinhar*, *cochinar* ou *cuinchar*, é o grunhido aflitivo, quando o ferem ou fustigam.

Chamam-se os suínos para a «vianda» de modos variados, sendo diferentes as expressões ou formas interjectivas empregadas, conforme as localidades: «*querrich-querrich!*... *querrich-querrich!*», «*çrrô-çrrô... çrrr-çrr!*», «*corri-tcho... corri-tcho!*... *corri-tcho... corritcho!*» ou pelos diminutivos — «*réquinho-réquinho!*... *pequerrico-pequerrico!*», designadamente se são leitões ou bacorotes de meia criação. No Minho — «*guri-guri!*... *guri-guri!*», «*cotch-cotchi!*... *cotchi-cootch!*», «*cochino-cochino!*... *cochino-cochino!*». Na Beira — «*currucho-currucho!*... *currucho-currucho!*», «*tchi-tchi... tchi-tchi!*», «*bico-bico... bicá-bicá!*», «*quíá-quíá... quíá-quíá!*». (Fundão), «*querrô-tchóó!*... *querrô-tchóó!*» (Valverde). Em Trás-os-Montes — «*reco-reco!*... *reco-reco!*», «*curú-curú... curú-curú!*» (Vila Real) «*garré-garré... garré-garré!*» e a seguinte expressão verbal, invariável: — «*quem não corre, não come... quem não corre, não come!*». Em Barroso, há estes particularismos linguísticos: — em Sirvozêlo, «*chua-chua... chua-chua!*» e, em Santo André, para os tanger ou guiar, «*chu-cá-chu... chu-cá-chu!*», «*tá-tá!*». No Minho — «*tchu-tchu... tchu-tchu, anda rocinho!*» e, para os enxotar: «*coche-coche lá... coche p'ra lá!*». (Trás-os-Montes) — «*coche-cochiqui... coche-cochiqui!*». (Beira Alta) — «*tchuss-tchuss... tchuss-tchuss!*», «*cô-tchi... cô-tchi!*». No Alentejo, são característicos os gritos e imprecações dos porqueiros: — «*chá-chi-cháááá!*... *hiiia... cháalchicha-chicha!*». Simulando a bulha que fazem os suínos quando disputam a comida, o povo urdiu esta locução rimada: «*lambão, lambeu, tal a como quem m'a deu!*». [29]

Embora nos pareçam um amálgama de dislates, duma fonética estabelecida sem critério, todo o vocabulário do povo desperta curiosidade ao investigador, para conhecimento da estrutura mental e do grau de cultura de uma certa comunidade. O estudo da zootecnia campesina, rotineira, com seus modismos, termos e expressões locais, interessa igualmente sob o aspecto linguístico.

## ADAGIÁRIO

A paremiologia utilizada no linguajar do vulgo, é tesouro inestimável. Há, no rifoneiro popular, de tudo: riso e angústia, sentenças amargas e risonha filosofia. O povo sabe exprimir em forma quase sempre rimada, breves ensinamentos que lhe foram transmitidos pela experiência dos séculos; sabe exteriorizar nas suas locuções proverbiais, o filósofo e o poeta que em si habitam.

Entre os aforismos mais vulgarizados, conservados pela tradição oral, contam-se os seguintes que giram em torno da temática pecuária, factor primordial deste escôço:

— Em Janeiro, um porco ao sol outro ao fumeiro. — O boi e o leitão em Janeiro criam rinhão. («rinhão», gordura, tecido adiposo). — Bâcoro de Janeiro, com seu pai vai ao fumeiro. — No Abril, chia o réco no covil; se chia deixai-o chiar que o Maio o há-de quentar. — Porco que nasce em Abril, vai ao chamberil. — Por S. Lucas (12 de Out.º) mata teus porcos e tapa tuas cubas. — A cada bacorinho vem o seu S. Martinho (11 de Nov.º). — A cada porco agrada o seu chiqueiro. — Ao porco e ao genro mostra-lhe a casa e virá cedo. — A quem não mata porco, não se lhe dá morcelas. — Assim se cria o horto, como o porco. — Babado de cão, faz o menino são; babado de porco, faz o menino morto. — Bâcoro em celeiro, não quer parceiro, — Bâcoro fiado, bom Inverno e mau Verão. — Boas contas fez o porco, mas melhor as faz o dono. — Branco ou preto, um porco é um porco. — Carne magra de porco gordo. — Catar pulgas a cães, lavar focinho a porco, pregar a padres e converter judeus, é tempo perdido. (Barroso) — Depois do meu porco vendido, não lhe faltam compradores. — De rabo de porco nunca bom virote. — Dia da barba, semana de porco, ano de casado. — Foge do mau vizinho, da botica, do suíno a meias e do excesso de vinho. — Guarda-te de porco grunhidor e de gato miador. — Homem ruivo, porco «saro», nunca deles bom bocado. (Turquel), («saro», de cerdas arruivascadas ou grisalhas). — Já o rei é pouco p'ra lhe guardar os porcos!

— Linho, de porco focinho e galinha de bico, não fazem ninguém rico. — Morto por morto, antes a velha que o porco. — Não convém ao porco contender com Minerva. — Não é em pia grande que o porco come à-vontade. — Não há bom caldo sem toucinho, nem sermão sem Sant'Agostinho. — Negociante e porco, só depois de morto. — Nem moinho por contínuo, nem porco por vizinho. — O bacorinho e o menino no Verão têm frio. — O báculo, a fome e o frio, fazem grande arruído. — O olho do dono engorda o porco. — O pior báculo come a melhor lande (equivale à locução: «deitar pérolas a porcos»). — Porca capada já não se descapa. — Porca ruiva, o que faz isso cuida. — Porco de ano, leitão de mês e mulher dos dezoito aos vinte e três. — Porco fiado todo o ano grunhe. — Porco fresco e vinho novo, cristão morto. — Porco «rabão», nunca enganou o patrão («rabão», com cauda curta). — Porco «safio», porco de brio. (Ovar) — («safio», com cerdas corredias e pele macia «molarinho»). — Porcos com frio e homens com vinho, fazem grande arruído. — Quanto mais porco, mais toucinho. — Quatro horas dorme o santo; cinco o que não é tanto; seis o estudante; sete o caminhante; oito o porco e as mais, o morto. — Quem a porcos há medo, as moitas lhe roncam. — Quem com farelos se mistura, porcos o comem. (Alentejo) — Quem nasceu para porco, nunca chega a porqueiro. — Quem porcos busca, em cada brenha lhe grunhem. — Quem com porcos se deita, com carracos se levanta. (Barroso) — Quem tem sangue, faz chouriços. — Se queres ver o teu corpo, mata o teu porco. — Toma a cabra a silva, e a porca a pocilga. — Um sabor tem cada caça, mas o porco cento alcança.

### LOCUÇÕES ADAGIAIS

— Atar e pôr ao fumeiro, como o chouriço da preta. — A porco gordo, unta-se-lhe o rabo. — Aqui torce a porca o rabo (é aqui que está a dificuldade). — Arganel de oiro em focinho de porco. — Com que sonhas porco? — com a lande. — Fazer

barulho como os porcos na feira. — Furtar o porco e dar os pés (de promessa), pelo amor de Deus. — Mãos de porco só cozidas, depois de bem lavadas (diz-se quando se rejeita um aperto de mão molesto). — Não há bom caldo sem chouriço. — Não mates mais do que podes salgar. — Não quero porco com chocalho. — Ou magro ou gordo, aqui está o porco todo. — Para onde pendes porco? — para o enxurdeiro. — Porco rabicho, tem menos uma ração. — Vida de porco, curta e gorda. — Vieram porcos do monte, lançam-os na nossa córte.

### FEIRAS E ROMARIAS

As feiras são legados dum passado remotíssimo que só o decorrer dos séculos irá consumindo. Andam correlacionadas com certos dias da semana e com as festividades litúrgicas. Algumas têm grande importância e são cheias de pitoresco e animação, tornando-se locais de comércio e de convívio. Muitos dos atractivos são comuns a estes certames populares, porém outros têm particularidades e normas locais que são características inconfundíveis das zonas onde decorrem.

— Frei Bernardo de Brito descreve a festa de sabor arcaico que os habitantes de Braga faziam na véspera de S. João com o nome de *Corrida do Porco preto*. Folgar divertido com vestígios dum culto sideral e certo carácter belicoso, em que o *porco* ou *javali*, personificava o Inverno. Teófilo Braga historia a cena: (...) «dirigiam-se as cavalhadas para além do rio Deste, em cuja ponte estava uma capelinha de S. João, que tinha uma irmandade que organizava a festa, sendo o mordomo obrigado a criar durante o ano um porco para a matança desse dia. Na alvorada de S. João, depois das cavalhadas iam soltar o porco do alto do Picoto, correndo atrás dele, e se passava a ponte, pertencia então à gente da margem, se passava o rio ficava pertencendo aos moleiros». [18]

Na superstição popular — «o encontro do *Porco preto*, é o do próprio Diabo».

— No Alentejo e noutras províncias, tornam-se as feiras importantes concursos agro-pecuários, recaindo o movimento sobre os gados, entrando em grande escala a espécie porcina. No rifoneiro e cancionero populares, não faltam alusões às feiras, que têm (como nos tempos de Mestre Gil), encantos muito especiais:

— *Adeus ò Penafiel,  
ó Feira de S. Martinho;  
p'ró ano, se Deus quiser,  
vou lá mercar um porquinho.*

— *Quem tem oliveiras tem uvas,  
quem tem vinhas tem azeite;  
quem tem cabras tem toucinho,  
quem tem porcos vende leite.*

Há grande número de feiras e romarias dedicadas a Santo Antão. Realizam-se a 17 de Janeiro, dia que lhe é consagrado. São tradicionais, entre outras, a *Feira do Sabugal*, curiosa pelo leilão de chispes e pezinhos de porco, oferecidos à igreja pelos habitantes, por lhes ter amparado o cevado, livrando-o do «rebujão» (cura-se com enxofre e toucinho), do «fedelho», do «tabardilho», da «cervigueira», do «marilho» e de outros males. Feiras há como a das *Mercês*, nos arredores de Sintra, em que os «marruchos», «porcalhos» ou leitões, constituem uma petisqueira depois de espalmados e bem tostadinhos nas frigideiras de barro. Ao cravar-lhe a dentuça, dizem nalgumas povoações raianas: «*Santo Antão, dáí outros couros ao leitão, que estes comidos estão*».

A 21 de Janeiro a *Festa de S. Luís*, em Querença (Loulé), também conhecida pela «*Festa dos Chouriços*».

Curiosa igualmente, pela nota colorida de arraial e de peregrinação devota, a festividade anual junto à vila de Óbidos, no Outeiro que lhe dá o nome, destacando-se as oferendas de «enchidos» e carnes defumadas, sendo obrigatório aos romeiros a merenda de língua assada.



*Saloios vendendo porcos — Feira de S. Pedro — Sintra*

Na freguesia de Belver (Gavião), realiza-se no mês de Setembro, a *Feira de S. Brás*, muito concorrida, efectuando-se muitas transacções de gado, especialmente bovino, porque: — «em dia de S. Brás, bois para diante e porcos para trás».



Évora — Na feira

— S. Sebastião, é um dos santos mais venerados na região de Vinhais (Trás-os-Montes). É invocado contra as doenças dos suínos, e, por isso, o povo acorre àquele templo a levar as suas oferendas, «na maior parte constando de orelheiras, pernis e chouriços que arrematam no dia da festa. É neste dia e no dia dos Santos Inocentes que o povo racha as orelhas aos laregos para não morrerem». [27]

A *Feira Nova*, ou *Feira de S. Cipriano*, em Évora, que se efectua no mês de Outubro, é considerada o mercado mais forte em transacções de gado porcino. É um recurso para muitas famílias da classe proletária, que ali vão vender os suínos que durante meses engordaram, à custa das «sobras»

que todos os dias recebem de muitas vivendas. Ainda neste mês (no 3.º domingo), realiza-se a chamada *Feira de Castro* (em Castro Verde — Beja), uma das mais importantes do Baixo Alentejo, onde os farroupos são adquiridos para o montado.

— A *Feira dos Santos* efectua-se anualmente a 1 de Novembro, em Santa Quitéria (Arganil). Nela se saboreiam os «torresmos» (carne de porco frita), preparados durante as festas pelos próprios forasteiros.

Em louvor de Santo André, há várias feiras e romarias, a 30 de Novembro. Sendo a época dos «matadelos», não é estranhável que as transacções em muitos desses mercados sejam muito em especial de carne de porco ou «marrã».

Em Freixo de Numão (Vila Nova de Fozcoa), a *Feira de Santo André*, é conhecida pelo *mercado das «cevas»*. Tem os atractivos que são comuns a todos os movimentos comerciais desta natureza e outros que lhe são próprios. É de salientar a grande parada de porcos, em boas carnes, que são vendidos para ir à chacina ou ao chambaril.

— Como é do conhecimento geral, cabe, nas modestas casas de lavoura e lares domésticos, à mulher, o encargo de criar e engordar o «chico» ou «minante». Zombeteiramente, o povo comenta, num dos seus anexins a falta da dona de casa que, inadvertidamente, não abasteceu a salgadeira: «*Dia de Santo André, quem não tem porco mata a mulher*».

— Nas feiras do Alto Minho, os porcos, segundo nos esclarece o laborioso escritor José Rosa de Araújo, «*exibem-se uns no chão, seguros por uma corda atada a uma das patas, outros dentro de caniçadas armadas em carros de bois; os mais, pela pequenês, ao colo das donas, como crianças de peito*». e o mesmo erudito etnólogo, acrescenta: «(...) são classificados na escala discriminativa, como — «*de leite*», «*tremidos*» (*bacorotes*), «*de corda*» (*capaz de fazer a caminhada*), e «*p'ra matar*».

— É persuasiva a seguinte sentença adagial — «*se te derem o porquinho, acode logo com o baracinho*», no entanto é bom não esquecer outra precaução: a corda com que o suíno foi conduzido para a feira, deve ser readquirida, pois de contrário, com ela iria a fortuna do vendedor da rês.

«Nos porcos não deve bater-se muito, nem com varas grossas, são muito sensíveis na pele e às vezes um pequeno castigo pode afectá-los prejudicialmente. Por isso é vulgar o dizer-se — «que só se lhes pode bater com a saia das mulheres». (Barcelos) [6]

### JANEIRADAS

É costume generalizado em muitas aldeias do Norte, cantar as «Janeiras» e os «Reis» por ocasião do «Ano Bom». Grupos populares, mais ou menos organizados, acompanhados de rude instrumental, andam, noite fora, pelas portas entoando cantigas laudatórias aos moradores, no intuito de receberem uns tostões ou gulodices. Entre estas, são cobiçados os «enchidos», pedinchados em quadras deste género:

*«Esta casa é bem alta,  
forradinha de cortiça;  
os senhor's que 'stão lá dentro  
tragam vinho e linguça.*

*Esta casa é bem alta,  
forrada de papelão;  
os patrões que'stão lá dentro  
deia-nos um salpicão.*

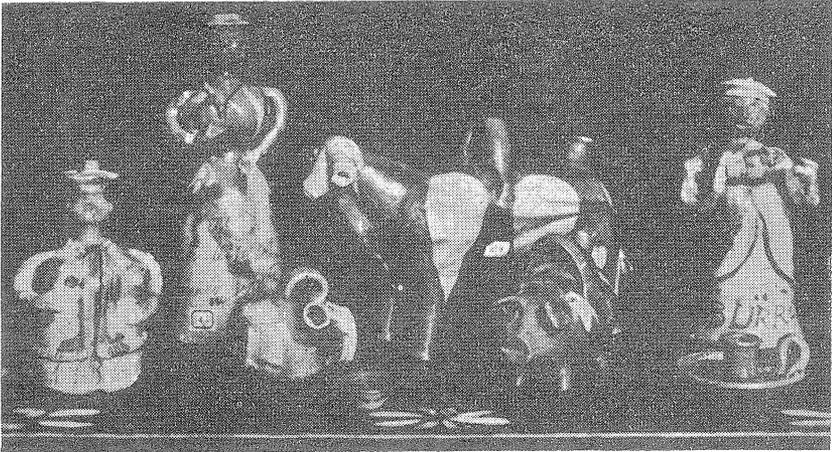
### OLARIA FIGURATIVA

Entre os trabalhos manuais expressivos da nossa riqueza artesã, contam-se as representações zoomórficas interpretadas pelos barristas-figureiros. Entre toda essa revelação de criatividade popular, não podia deixar de figurar o porco nos diversos passos da sua vida e... da sua morte.

Em época não muito remota, tinham projecção e renome os «mascatos» de grotescos perfis e deformações anatómicas,

modelados por hábeis artífices estabelecidos no rincão gaiense. Centro singular das manufacturas cerâmicas e oleiras. De um encanto etnográfico, as figurinhas de barro saídas das mãos desses exímios bonequeiros, fazendo reviver os amoráveis presépios do Natal.

Peças encantadoras na sua deliciosa ingenuidade; cartaz fascinante de mercados e romarias, mas preferencialmente destinadas às tradicionais «cascatinhas» portuenses pelo S. João — o *porquinho* tangido para a feira preso no pezunho pelo barço;

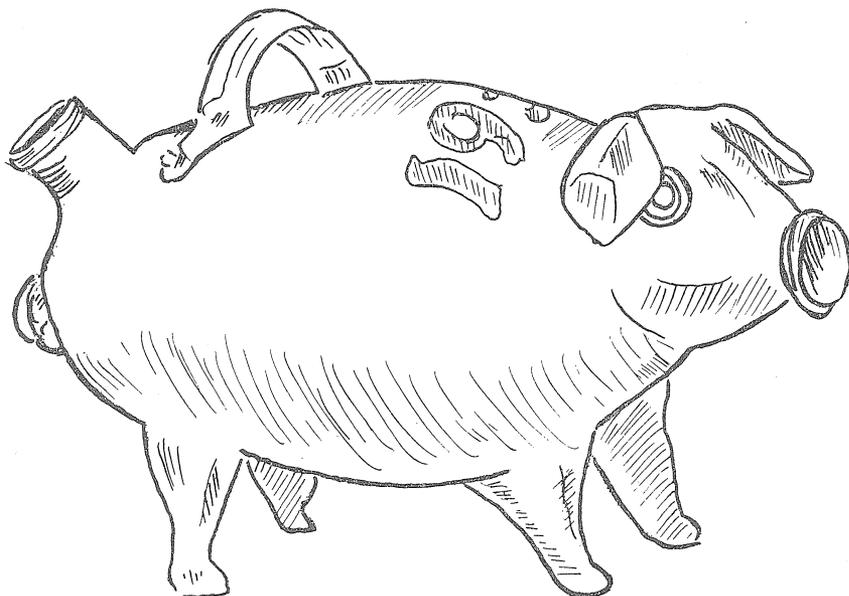


*Sobreiro de Mafra* — Canecas com figuras humanas e de animais

a ser «estafonado» no banco patibular; a ser pendurado do chambaril de cabeça para baixo, etcétera. Singelas moldagens a que o povo imprimia aquela feição graciosa que só ele sabe dar às suas obras modestas. Arte intuitiva a dos bonequeiros de Vila Nova de Gaia, que foi desaparecendo frente aos ímpetus de novas técnicas, aos impulsos de novas formas de vida.

— Em crescente decadência algumas das mais típicas produções da inventiva dos oleiros de *Sobreiro de Mafra*, fabricadas por processos rudimentaríssimos.

Desapareceram as curiosas vasilhas de barro antropomorfas e zoomórficas, de caprichosos talhes, que despertavam a atenção nas tendas das feiras estremenhas, sendo apreciadas pela função utilitária e como peças decorativas. Entre elas,



*Sobreiro de Mafra* — O porco figurado numa caneca que nunca faltava nas feiras estremenhas

ressaltavam as originais canecas vidradas para conter líquidos, que tomavam o porco para modelo. De uma grande simplicidade clássica e de graciosidade artística, eram munidas de uma asa e, a animar a rotundidade do bojo, uma data ou legenda em desajeitado cursivo.

— Cabe, por último, fazer referência ao figurado de barro, de *Estremoz* e *Barcelos*, do qual, infelizmente, só restritíssimo número de artesãos conserva ainda arraigada herança dos antigos modelos. Peças admiráveis na beleza plástica, bizzarria de formas e orgia de cores.

Os bonequeiros de *Estremoz*, *Viana do Alentejo* e *Barcelos*, exaltam com graciosidade e realismo, as populares composições do *abate do cevado*, do esquartejar-lhe as carnes e correlativo preparo das mesmas, com destino à salgadeira ou ao fumeiro. A concepção todavia é diferente, como diverge a técnica usada na moldagem do barro; este é afeiçoado pelos coroplastas alentejanos com mais esmero; a esquematização das formas é de linhas mais puras.

A decoração das peçazinhas escultóricas, faz-se utilizando tintas abertas e alegres (vermelho, gema de ovo, anilado, verde e azul), que são preservadas com vernizes relumbrantes. A *matança do porco*, e a prática caseira dos *enchidos*, são tratados esteticamente por estes «toreutas do barro» com um «expressionismo» que não abstrai de certos laivos caricaturais. Os intérpretes da função salsicheira, homens ou mulheres, têm carácter e personalidade.

*Barcelos*, ciosa dos seus panoramas e do seu expressivo artesanato plástico, ocupa, com suas loiças e figurado decorativo, posição cimeira na zona geográfica da olaria popularesca. Barros toscos mas cheios de beleza, moldados, na sua maioria, pelas mãos de anónimos barristas de *S. Martinho* e *Santa Maria de Galegos*, *Barqueiros*, *Lama*, *Manhente*, *S. Vicente de Areias* e *Arcozelo*. Entroncam com garbo no património da nossa Ergologia, quando de cepa castiça e genuína, quando saídos puros da alma do Povo.

Ao desvirtuarem num falso conceito de «modernismo», perdem o grotesco característico, a feição própria, os seus atributos naturais. Alguns dos toscos «bonicrecos» deixados pela Rosa Ramalha ou as humildes peças, tão empíricas como sara-pantonas, da autoria da Maria Sineta, da Júlia Cota, da Ana Baraça, da Júlia Ramalho, ou do Mistério (Domingos Gonçalves Lima), bem podem ombrear, na fantasia das formas e na violência dos tons, com algumas obras super-realistas.

A graça e a plebeidade da olaria barcelense, ressaltam em cada detalhe, expressão ou atitude animalista — do galaroz empertigado, de rubra crista; da «pita» rodeada de pintainhos;

do barrosão, de compridas «gaitas» em lira; do cavalicoque com o cavaleiro bifurcado dedilhando no cavaquinho; do carneiro, do chibo com longas barbaças, do cão de rabo alçado, e... está bem de ver, do massudo e nédio cevado, no ciclo da sua vida, ou a ser «estafonado» para honrar a mesa do gastrónomo. Já uma autoridade de renome disse, acertadamente: «na moldagem de um vaso lê-se, como num livro, a história da evolução humana».

Esforcemo-nos por que não tombem no esquecimento tantos testemunhos do génio criador do nosso Povo, da sua arte plástica ingénua e tão rica de imaginação. Os hábitos e costumes são factores integrantes na vida da nacionalidade; manter as tradições nacionais é uma forma virtuosa de compreender e amar Portugal.

#### FONTES BIBLIOGRÁFICAS

- [1] — MAXIMIANO DE LEMOS, «*Encyclopédia Portuguesa Illustrada*», vol. VIII, p. 797.
- [2] — FR. JOAQUIM DE SANTA ROSA DE VITERBO, «*Elucidario das palavras, termos e frases...*», tomo II (1798), p. 154.
- [3] — JOSÉ ROSA DE ARAÚJO, «*Algumas notas etnográficas acerca do porco*», in «*Arquivo do Alto Minho*», tomo II-V vol. (1956), págs. 106 e 110.
- [4] — JOÃO POLICARPO FREIRE DE CAMPOS, in «*Boletim da Direcção-Geral de Agricultura*», ano de 1889, p. 203.
- [5] — ANTÓNIO JORGE DIAS, «*Aspectos da Vida Pastoril em Portugal*», in «*Revista de Etnografia*», núm. 8 (1965), p. 382.
- [6] — P.<sup>o</sup> ANTÓNIO GOMES PEREIRA, «*Tradições Populares Linguagem e Toponymia de Barcelos*», (1916), págs. 142, 143 e 144.
- [7] — P.<sup>o</sup> JOÃO LUÍS LOURENÇO LOUÇÃO, in «*Revista Lusitana*», vol. XXV (1925), p. 202.
- [8] — JOSÉ ROSA DE ARAÚJO, obra cit. tomo I — vol. V (1955), págs. 89 e 94.
- [9] — ANTÓNIO THOMAZ PIRES, «*Cantos Populares Portugueses*», vol. II (1905), p. 244.
- [10] — FERNANDO BRAGA BARREIROS, «*Tradições Populares de Barroso*», in «*Revista Lusitana*», vol. XIX (1916), p. 97.

- [11] — P.<sup>o</sup> ANTÓNIO LOURENÇO FONTES, «*Etnologia Transmontana — II — Comunitarismo de Barrosos*», (1977), p. 47.
- [12] — JOSÉ DIOGO RIBEIRO, «*Turquel Folclórico — Parte I — Superstições*», (1927), p. 42.
- [13] — AUGUSTO CÉSAR PIRES DE LIMA, «*Estudos Etnográficos Filológicos e Históricos*», vol. III (1948), p. 97.
- [14] — ANTÓNIO THOMAZ PIRES, «*Investigações Etnográficas*», in «*Revista Lusitana*», vol. XI (1908), págs. 261 e 263.
- [15] — GUILHERME FELGUEIRAS, «*Etnografia Agro-Pecuária — IX — Matança de cevados*», in «*Notícias Agrícola*», (17-Nov. 1938).
- [16] — J. D. DA ROCHA BELEZA, «*Crendices e Linguagem de Pedroso*» (Concelho de Gaia), in «*Revista Lusitana*», vol. XIX (1916), p. 286.
- [17] — ALBERTO VIEIRA BRAGA, «*De Guimarães: Tradições e Usanças Populares*», (1924), p. 139.
- [18] — THEOPHILO BRAGA, «*O Povo Portuguez nos seus Costumes, Crenças e Tradições*», vol. II (1885), págs. 86, 87, 301 e 302.
- [19] — ANA ROSA MONTEIRO, «*Onomatopeias da Cova-da-Beira*», in «*Revista Lusitana*», vol. XXXVIII (1941), p. 127.
- [20] — ZÓFIMO CONSIGLIERI PEDROSO in «*O Positivismo*», vol. IV, p. 668.
- [21] — P.<sup>o</sup> ANTÓNIO LOURENÇO FONTES, «*Etnografia Transmontana — I — Crenças e Tradições de Barrosos*», (1974), págs. 44 e 45.
- [22] — ANTÓNIO THOMAZ PIRES, «*Estudos e notas elvenses — V — Amuletos Alentejanos*» (1904), p. 31.
- [23] — MANUEL CARDOSO MARTHA e AUGUSTO PINTO, «*Folclore da Figueira da Foz*», tomo II, (1913), p. 48.
- [24] — CÂNDIDO A. LANDOLT, «*Subsídios para o estudo do Folk-lore Infantil Portuguez*», (1892), p. 13.
- [25] — A. C. TEIXEIRA DE ARAGÃO, «*Diabruras, Santidades e Prophecias*», (1894), p. 30.
- [26] — ALEXANDRE DE LIMA CARNEIRO, «*Notas etnográficas — IV — As crianças: crenças e superstições*», in «*Jornal do Médico*», VI (1945), p. 1422.
- [27] — P.<sup>o</sup> FIRMINO AUGUSTO MARTINS, «*Folclore do Concelho de Vinhais*» — vol. I, (1928), págs. 109, 332 e 334.
- [28] — AUGUSTO CÉSAR PIRES DE LIMA, «*Tradições Populares de Santo Tirso*» in «*Revista Lusitana*», vol. XIX (1916), p. 241.
- [29] — THEOPHILO BRAGA, obra cit., vol. I (1885), p. 289.

# Rezas, Crendices e Medicina Popular em Terras de Barroso

POR

**Barroso da Fonte \***

Licenciado em Filosofia pela U. C. P.

Sócio da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

Sempre e em toda a parte se praticou a medicina popular, envolvendo esse exercício com rezas e crendices que são coisas distintas, mas que nunca foi possível desligar.

O norte do País, pelo seu sentido de auto-suficiência, fruto amargo do isolamento social, sempre foi campo aberto a esse tipo de práticas populares. Apesar de factores de vária ordem que nas últimas décadas introduziram profundas alterações sócio-culturais, as rezas e as crendices continuam a propagar-se e a medicina popular teima em dar-lhes as mãos, misturando aquilo que é recomendável para muitas situações da vida humana com coisas de natureza completamente distinta.

Seja como for, tudo faz parte integrante da vida comunitária e esses aspectos de ordem cultural devem ser estudados porque deles se pode extrair muito de positivo.

A região de Barroso, constituída pelos actuais concelhos de Montalegre e de Boticas, é daquelas que melhor conserva os seus usos e costumes. Dessa requíssima etnografia ressaltam as rezas, as crendices e a medicina popular temas que pelas

---

\* Residência.: Rua de S. Gonçalo, 1180 - 5.º E. — 4800 Guimarães.

razões expostas dificilmente poderão ser estudados em separado.

Os vários estudiosos que já se ocuparam desta Região aflo- raram o tema em linhas gerais. O etnógrafo Lourenço Fontes, natural deste concelho e aqui radicado, apostando no êxito do programa, concebeu e realizou, nos dias 9, 10, 11 e 12 do mês de Junho de 1983 aquilo a que chamou o I Congresso Luso-Galaico de Medicina Popular. Mais de uma centena de congressistas de Portugal e Espanha, durante três dias, troca- ram experiências e conviveram em ambiente de natural curio- sidade.

Em Setembro do ano seguinte, entre 6 e 9, realizou-se no mesmo local — Vilar de Perdizes — e com idênticos objectivos, o II Congresso, igualmente muito concorrido, com estudiosos de ambos os países.

Por quanto ali se passou e por aquilo que os Orgãos de Comunicação Social de todo o País disseram, ficou-se com a ideia de que a região de Barroso é reino diferente, onde as rezas e as credices, perpetuadas à mistura com a medicina popular conseguem operar milagres.

O tema que já era curioso ganhou, por essa forma, maior acuidade e por isso o escolhemos para tratamento especial.

Não faremos uma síntese dos Congressos de Vilar de Per- dizes, nem sequer teremos ocasião de esgotar o muito que sobre o assunto poderia escrever-se.

Mas deixaremos uns laivos do muito que poderá recolher-se para que os futuros estudiosos neles se inspirem e ganhem força para subir até ao Barroso a que Miguel Torga chamou *reino maravilhoso*.

#### *Alguns formulários relacionados com a medicina popular*

O historiador T. S. Knowlson no seu livro sobre as *Origens das superstições e Costumes Populares*, há mais de um século publicado diz que a *verdadeira origem da superstição se encontra*

no esforço do homem primitivo para explicar a natureza e a sua própria existência, no desejo de propiciar o Destino e atrair a Fortuna, na aspiração de evitar males que não podia compreender e ainda na tentativa inevitável de explorar o futuro. Só destas fontes deve ter brotado o sistema de noções e práticas rudimentares que ainda subsistem.

E Philippa waring no Dicionário de Agouros e Superstições acrescenta: *convém referir que muitas superstições persistem porque, em certos aspectos, dizem respeito a questões que ainda ignoramos largamente, o que representa uma boa razão pela qual aqueles que afirmam ser apenas um pouco supersticiosos não se devem precipitar a criticar os que admitem apreensão real acerca desses assuntos. É, provavelmente, um dos maiores mitos desta era científica o facto de as superstições poderem ser e serem desaprovadas pela ciência, quando tudo indica que são adaptadas ou reconvertidas numa espécie de disfarce pseudocientífico.*

Depois destes testemunhos preliminares, como precaução aos menos sensibilizados para estas coisas, relembramos alguns formulários que ainda se ouvem, um pouco por toda a região de Barroso, inspirados na crença, à mistura com a superstição e tendentes a resolver problemas físicos ou situações embaraçosas da vivência humana. Refira-se que o Povo desta Região Trasmontana é crente e convicto. Coloca a religião acima de tudo. E nela procura refugiar-se ao encontro das soluções transcendentais.

### 1. Relacionados com o pão

O pão é um alimento fundamental para a vida das pessoas que ali nascem e vivem. É por isso natural que com eles se relacionem muitas rezas e crendices.

Chama-se pão ao centeio depois de moído, peneirado e cozido. O milho e o trigo usam-se em menor escala, e, mesmo depois de preparados para comer, continuam a chamar-se trigo ao pão trigo e milho ao pão milho.

Se o pão cai ao chão deve beijar-se três vezes porque se entende que é sagrado. O pão que sobra da ceia de Natal não endurece tendo a virtude de tirar as dores de cabeça. Também o pão é benzido nos enterros, assim como acontece em Covas de Barroso (Boticas) na festa do Carolo ou dos Mordomos de Salto. É um tipo de pão sagrado que deve dentar-se rezando por alma do ente falecido. Nunca apodrece aguentando-se durante anos.

Quando uma criança, durante a noite, é levada de uma casa para outra deve ser bem agasalhada. E entre a criança e o peito da pessoa que leva, deve colocar-se um pedaço de pão, de preferência o incerto, para que não entre com ela o mau olhado.

O fumo que sai das *bicas* (um formato de pão em jeito de prato) vai aliviar as almas do purgatório.

Quando acaba de se colocar a massa no cesto para que levede, ao mesmo tempo que sobre ela se faz uma cruz com a mão direita, reza-se esta oração:

*S. Vicente te acrescente,  
S. Mamede te levede,  
S. João te faça bom pão,  
Pela graça de Deus e da Virgem Maria  
Padre-Nosso, Avé-Maria.*

Mas tem outra variante:

*S. Mamede te levede  
S. Vicente te acrescente  
S. João te faça bom pão  
E o Senhor te cubra de benção  
E te ponha a virtude  
Que eu da minha parte  
Fiz o que pude.  
Pelo poder de Deus e da Virgem Maria  
Um Padre-Nosso e uma Avé-Maria.*

Depois de meter o pão, o forneiro, ao mesmo tempo que faz três cruces com a própria pá sobre a porta do forno, diz em voz alta, estoura oração:

*Cresça o pão no forno  
E os bens pelo mundo todo  
Paz e saúde em casa do seu dono  
Reze quem quiser e puder  
Um Padre-Nosso pelas almas.*

Varia de terra para terra o formulário que se usa depois de meter o pão no forno. Mas não há cozedura de pão em Barroso em que não se cumpra essa reza. Mesmo os não crentes, desde que o *quentadeiro* faz as cruces e diz a oração se descobrem, se forem homens e se concentram todos os presentes no forno, rezando cada um para si até que o mesmo *quentadeiro* dê sinal de ter acabado a sua reza.

Coloca então a pá voltada para o tecto, em frente à porta do forno para que o pão cresça. Se ficar voltada para baixo o pão não cresce.

## 2. Sobre as trovoadas

As trovoadas martirizam as pessoas e as colheitas, sobretudo nos meses de Abril, Maio e Junho. Para que as trovoadas se afastem e vão para zonas onde não causem perigos, reza-se esta oração que também tem variantes, mas que na sua essência é assim:

*Santa Bárbara bendita  
Se levantou, se vestiu e se calçou  
Suas santas mãos lavou  
Jesus Cristo encontrou  
E o Senhor lhe perguntou:  
— Onde vais Barbarinha?  
— Senhor eu ao Céu vou;*

— Vai, Barbarinha, vai  
 Desarma aqueles trovões e trovoadas  
 Lá para um castro marinho,  
 Onde não haja pão nem vinho  
 Nem bafo de menino pequenino,  
 Em que só haja uma serpente  
 Sem nada que lhe dar,  
 Se não águinha da fonte  
 E areia do mar.  
 Pelo poder de Deus e da Virgem Maria  
 Um Padre-Nosso e uma Avé-Maria

Além desta reza também há o Magnificat que tem mais ou menos o mesmo efeito. É rezado pelas mulheres, ajoelhadas à soleira da porta, com a capucha coberta, voltadas para a trovoadada.

Magnificat a minha alma,  
 o meu espírito se alegrou;  
 O Senhor fez comigo grandes coisas;  
 Temos visto geração por geração;  
 encostei-me ao teu braço  
 manifesta a sua prudência;  
 tenho fome, cheio de bens,  
 é rico o seu vazio,  
 castigou os soberbos  
 é como disse o Pai Abraão  
 E a sua geração  
 em todos os séculos, dos séculos, amen.  
 Ó Alto Rei da entrada,  
 ó sala suprema  
 ó gente da derrumia  
 tal dia, tal grandeza,  
 dai-nos as portas abertas,  
 Compadre Santo  
 que viveis e reinais  
 em todos os séculos, dos séculos, amen.

3. *Responso para achar as coisas perdidas*

O povo de Barroso procura encontrar remédio para todos os males, físicos ou morais. E para isso recorre às orações. Sendo uma região de pastorícia e prestando-se as características geográficas à existência de animais selvagens que atacam os gados, também para esses perigos foram convencionadas rezas que passam de pais para filhos, com algumas alterações mas que no fundo andam à volta de formulários convergentes.

O *responso a St.º António* para achar os animais perdidos ou adoentados é muito conhecido e é do seguinte teor:

«Milagroso Santo António, se vestiu e se calçou, suas santas mãos lavou, no seu santo livro pegou, para o mundo caminhou, Jesus Cristo encontrou e o Senhor lhe perguntou:

— António, para onde vais?

— Eu, Senhor, convosco vou.

— Tu comigo não irás, tu no mundo ficarás, todo o bichinho vivo depararás, o esquecido lembrarás, o perdido acharás, com o Senhor conversarás, três coisas lhe pedirás: que o perdido seja achado, o furtado restituído e o vivo aparecido.

Peço àquele santo bendito que nos guarde e livre de trabalhos e perigos, de males desconhecidos; que nos guarde de lobo e loba, de raposo e raposa, de mau cão e má cadela, de mau homem e má mulher, ladra e ladrão, gadunha e gadunho, roufinho e roufinhão e outras coisas que no mundo são. De todos os bichos que andam no mundo que comem carne crua e fresca. Por aqueles montes de oliveira, vai o Padre Santo António, três vezes; era a Virgem Nossa Senhora: António, António, António, volta atrás António, teus livros acharás com o Senhor conversarás, três coisas lhes pedirás: o perdido seja achado, o furtado restituído e o vivo aparecido. Peço àquele Santo Bendito que nos guarde do lobo e loba, de raposo e raposa, de mau cão e má cadela, mau homem e má mulher, ladra e ladrão gadunho e gadunha, roufinha e roufinhão e quantas coisas no mundo são.

Que nem nossa pele seja rompida nem o sangue derramado, lábios abertos, coração ferido, sangue de Jesus se meta entre

nós e o perigo com a graça de Deus e da Virgem Maria, um Padre-Nosso com uma Avé-Maria».

Este responso tem a virtude de impedir que o lobo coma o animal desaparecido. Se a pessoa que o reza se enganar é sinal de que o animal perdido já foi morto; se não se enganar é prova de que ainda se encontra vivo.

Ou estoutro responso a S. Silvestre:

*Embaça, embaça,  
S. Silvestre  
os Ferrinhos de S. Francisco  
na boca do lobo  
se lhe atravessem  
pelo poder de Deus e da Virgem Maria  
um Padre-Nosso e uma Avé-Maria.*

#### 4. Responso para nos defender de todos os perigos

Este formulário reza-se sobretudo quando as pessoas correm perigos graves ou vão para longas viagens. Tem poderes contra todos os perigos que possam acontecer a pessoas.

«Justo Juiz Jesus Cristo, Filho da Virgem Maria, em Belém foste nascido; no Vale da Nazaria foste sentenciado, na casa da injúria foste crucificado, no Monte do Calvário vos peço Senhor pelo vosso sexto dia que o corpo dos meus não seja preso, nem morto, nem maltratado, nem em mãos de justiça condenado, nem dos inimigos, os passos do Senhor sejam com eles (repete-se três vezes) os passos do Senhor sejam com eles, os passos do Senhor sejam com eles.

Dissestes aos discípulos: — olhos tenham e não os vejam, que eles os tenham e não alcancem, mãos tenham e não os maltratem, todos aqueles ou aquelas que mal lhes quiserem não os possam vencer nem mal fazer, com armas de Cristo estão armados, com o leite da Virgem Maria estão esbarroçados.

Sangue de Jesus Cristo, corpo deles não sejam presos, nem mortos, nem maltratados; andarão caminhos defesos, encontrarão os bons e os maus. Os maus não verão nem o corpo deles matarão, nem o sangue deles derramarão, assim eles sejam guiados como o Padre S. Francisco, quando foi receber as cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo. — Amen.». ».

5. *Responso contra os cães danados*

Também para evitar a raiva que as pessoas mordidas por cães danados possam contrair se costuma mandar rezar, a quem saiba, o responso contra os cães danados que é assim:

*Encomendo-me a Deus e à Santa Bela Cruz.  
Ao rei da Virgindade e o St.<sup>o</sup> António.  
Que tem o corpo em Roma e a cabeça em Portugal,  
Que nos livre dos cães danados e por danar.*

*Home morto, mau encontro,  
Home vivo corre perigo,  
S. Romão seja comigo.  
Pela graça de Deus e da V. Maria PN. AM.*

Outro responso para o mesmo fim:

*Bendita e louvada seja a Paixão e morte de N. S. Jasuscristo,  
Rogai por nós Santa formozura dos Anjos  
Tesouro dos Apóstolos, depósito da Arca da Aliança.  
Senhora Santa Maria, mostrai-nos tão belo dia.  
Vossa facia gloriosa, Salva Rainha.*

6. *Para curar o ar*

O ar é uma das mais generalizadas doenças de que as crianças são vítimas nesta Região segundo a voz corrente.

Por tudo e por nada, se uma criança aparenta estar doente, começa logo a vizinha a dizer que é o ar ou engaranho e lá anda a pobre da mãe, de porta em porta, ou nas encruzilhadas dos caminhos, a cumprir as crenças do costume.

Há variantes desta reza e a mais usual é aquela que se faz nas encruzilhadas dos caminhos onde o curandeiro, a criança e a mãe, vão religiosamente celebrar o ritual que consiste em proferir precisamente no cruzamento dos 4 caminhos, a seguinte oração:

*Ar dos vivos e ar dos mortos  
ar dos corruptos e ar dos excomungados  
ar do monte e ar da pedra da fonte  
ar mau de todos os ares,  
vai-te daqui para as ondas do mar  
por onde não possam navegar  
assim como a erva de N. Sra. consagrada  
assim esta criança fique sã e salva  
Pela graça de Deus e da Virgem Maria  
Um Padre Nosso e uma Ave-Maria.*

#### 7. Para benzer o coxo

A condição essencial para que qualquer pessoa possa benzer o coxo, é matar uma rata toupeira com o dedo polegar da mão direita. Aperta-se na mão e atira-se 3 vezes para trás das costas. Mata-se somente à última vez.

O coxo benze-se uma vez só. Se contudo ao fim de algum tempo não tiver melhorado, pode repetir-se a consulta que é ministrada sem mais rituais, bastando proferir mensalmente uma das seguintes orações:

Jesus, Jesus, Santo nome de Jesus que é o ramo da virtude, onde eu puser minha mão, Nosso Senhor ponha a virtude e Nossa Senhora a saúde. Toupa, toupa matei, guardadeira que matei, guardadeira que matei, para tudo a apliquei, mézinha

farei, sapo, saparrão, cobra, cobrão, aranha aranhão, zipela zipe-lão, choupica sardão, bichos da mesma nação: seques não reverdeças, não juntes o rabo com a cabeça, pelos apóstolos S. Pedro e S. Tiago que deste mal venha amor, como foram as cinco chagas de Deus Nosso Senhor. Pela Graça de Deus e da Virgem Maria, um Padre-Nosso e uma Avé-Maria.

Rata matei, toupa corei, sem falar nem bafejar. Vai-te daqui se és coxo de sapo ou sapão, rato ou ratão, lagarto ou lagartão, aranha ou aranhão, cobra ou cobrão, salamandra ou salamandrão, saramago-saramago, ou outro maldito coxo, não reverdeças, não juntes o rabo com a cabeça, pelos apóstolos S. Pedro e S. Tiago que deste mal venha amor como foram as cinco chagas de Nosso Senhor. Pela graça de Deus e da Virgem Maria um Padre Nosso e uma Avé-Maria.

O coxo é uma das doenças mais vulgares da região e andam-se por vezes distâncias enormes para se benzer, atribuindo-se-lhe um poder extraordinário. Há muita gente que costuma, no acto da benzedura, cuspir repetidas vezes, sobre a parte afectada do corpo. O coxo é uma espécie de formigueiro, de forma circular e caracterizado por pequenas borbulhas, muito vermelhas e irritadas, aparecendo com mais frequência no rosto.

O dicionário define-se com «uma erupção cutânea produzida por um animal peçonhento».

Como nem todas as aldeias têm curandeiros desta especialidade, torna-se necessário, muitas vezes empreender longas viagens para benzer o coxo.

### 8. *Para curar a erisipela*

A erisipela é uma doença muito contagiosa semelhante ao sarampo e coxo e que se manifesta por uma inflamação da pele, provocada por uma infecção estreptocócica e também conhecida por fogo-de-santo-antão.

Ata-se um bocadinho de corda de esparto, uma espiga de centeio e uma folha de oliva. Mete-se numa latinha com azeite e, quando for necessário fazer o curativo, esfrega-se com ele o corpo do erisipelado, recitando a oração:

Jesus, Jesus, Santo nome de Jesus, são palavras de virtude. Pedro Paulo foi a Roma e o Senhor o encontrou e o Senhor lhe perguntou:

— Donde vens, ó Pedro Paulo?

— Senhor, venho de Roma.

— Pedro Paulo a que foi lá?

Senhor, morre muita gente de erisipela e erisipelão, fogo ardente pela mão.

— Pedro Paulo, volta atrás e diz-lhe que cortem corda de esparto, espiga de pão e sumo de oliva. César, eu a cortar e ela secar, às ondas do mar vá dar. Em louvor de Deus e da Virgem Maria, um Padre-Nosso e uma Ave-Maria.

### 9. *Para curar o engarinho*

O engarinho caracteriza-se por um estado geral de enfraquecimento juvenil, com pernas ou braços cruzados muito delgados, feições mirradas e aspecto amarelado. O termo engarinho, é expressivo para designar esta doença que só se verifica nas crianças.

A pessoa que for chamada a curar o engarinho tem que sair de casa sem falar com ninguém, nem dizer ao que vai, assim como no regresso. A casa onde se fizer a curandice, tem que ter duas portas: uma para entrar e outra para sair. As pessoas que assistem ou lá acompanham a criança, estão sujeitas ao mesmo ritual e não podem conversar durante o acto, bem como no fim. Cada uma vai para sua casa pela porta contrária àquela por onde entrou e nada podem dizer sobre o cerimonial.

Além do formulário são precisos 9 juncos e um machado. O ritual é de 9 dias seguidos e repetidos 9 vezes em cada dia. Portanto  $9 \times 9$ , o que equivale a 81 vezes a mesma coisa, palavras, juncos, Padre-Nosso e Avé-Maria.

Todas as vezes que se faz, é preciso atar um junco, ponta com ponta, em nó cego, de tal modo que fique em arco, para meter ao pescoço do doente ou entrelaçar as partes mais atingidas pelo engaranhamento que são sempre os pés e as mãos.

A cada formulário que se pronuncie, corresponde a reza de um Padre-Nosso e uma Ave-Maria, bem como o corte de um junco com o machado, atirando-o para trás das costas.

No final de cada um dos nove dias de consulta, ter-se-ão cortado 9 juncos, repetidos 9 vezes o formulário e aquelas duas orações.

A pessoa que tiver a virtude de cortar o engaranhamento, tem que saber fazer pipos que não vertam o vinho e tem que ter atravessado o Tejo.

O formulário que tem que pronunciar-se para que o engaranhamento desapareça é o seguinte:

*Quem passa o Tejo  
faz pipos  
e vedam o vinho  
corta o engaranhamento  
a este menino.*

*Pelo poder de Deus  
e da Virgem Maria  
Um Padre-Nosso  
E uma Avé-Maria.*

#### 10. *Para curar o farfalho*

O farfalho manifesta-se pelo aparecimento nos lábios, boca e ponta da língua, de uma camada de espinhas amarelas e irritadas orundas de parasitas vegetais e que geram nas crianças um doloroso mal-estar.

Qualquer pessoa pode curar o farfalho. O que é preciso é cumprir à risca os rituais a usar.

São precisos 9 fontes e 9 panos vermelhos, cada um com 3 areias de sal (27 areias, portanto). Dá-se a volta pelas 9 fontes e não se pode voltar pelo mesmo caminho nem tão pouco falar com alguém. Em cada fonte, molha-se o paninho vermelho, atado com o sal dentro, mete-se na boca da criança doente e atira-se para trás das costas, ao mesmo tempo que se diz:

<i>Farfalho vai-te daqui</i>	<i>e da Virgem Maria</i>
<i>pano vermelho vá atrás de ti</i>	<i>um Padre Nosso</i>
<i>pelo poder de Deus</i>	<i>e uma Avé-Maria</i>

O farfalho cura-se num só dia e correm-se as nove fontes para completar a novena, pois todas estas curas, obedecem a uma novena, de preces e rituais. Caso não se reconheçam as melhoras que são quase sempre positivas, na convicção do povo, então pode repetir-se num outro dia qualquer, pois que no primeiro, se pensa logo, ter havido algum engano. Quem geralmente faz de curandeiro é o padrinho ou a madrinha do paciente. E em vez das fontes também se podem usar as gamelas ou pias dos porcos, se bem que menos usadas por se recearem doenças naqueles animais domésticos.

#### 11. *Para curar a espinhela caída, ventre caído ou vaso revirado*

Esta anomalia tem várias designações e segundo soubemos, o mesmo formulário serve para todas indistintamente.

O povo fala muito em Espinhela caída, Vaso caído ou Ventre caído. Indagámos do ritual para cada uma das doenças e soubemos que é a mesma coisa porque a oração tem todas as virtudes.

O que há de facto, é uma dupla maneira de fazer esta cura: à noite e de manhã, havendo para cada hora uma oração própria.

Ao que soubemos, de manhã, em jejum, a gente tem mais virtudes e por isso mesmo é preferível fazer de manhã este curativo que se repete 9 vezes (novena), tendo que fazê-lo sempre de manhã ou à noite de acordo com a primeira vez.

Pode fazê-lo qualquer pessoa desde que saiba o formulário e tenha fé. Nesta curandice as pessoas não estão sujeitas ao silêncio e a outras praxes, próprias da maior parte destes hábitos regionalistas.

Para que a cura se opere é preciso pegar na criança com os pés para o ar, na pedra da lareira, dá-se-lhe uma palmada na

sola dos pés e abana-se com ela para que o vaso volte ao seu lugar. Entretanto, se for à noite diz-se:

<i>Ventre caído</i>	<i>quando se vão apoleirar.</i>
<i>vaso derrubado</i>	<i>Pelo poder de Deus</i>
<i>torna ao teu lugar</i>	<i>e da Virgem Maria</i>
<i>assim como as pitas</i>	<i>Um Padre nosso</i>
<i>vão p'ró poleiro</i>	<i>e uma Avé-Maria.</i>

se for de manhã reza-se esta oração:

*Nossa Senhora  
três novelinhos tinha:  
com um urdia  
com outro tecia  
e com outro  
o vaso e a espinhela erguia  
Vaso e espinhela  
tem tim-tim  
assim como Nossa Senhora  
esteve em si  
Vaso e espinhela  
torna ao teu lugar  
assim como Nossa Senhora do parto  
tornou a sarar  
Pelo poder de Deus  
e da Virgem Maria  
um Padre Nosso e uma Ave-Maria.*

## 12. Para curar o pulso, mão aberta ou pé estornegado

O povo de Barroso usa muito as expressões: abriu-se-me o pulso, estorneguei um pé, tenho um braço aberto, etc., quando quaisquer desses membros não funcionam bem, impedindo de poder andar ou trabalhar.

Como os médicos não curam facilmente essas doenças porque se restabelecem com o tempo o povo tem os seus remé-

dios caseiros, recorrendo a rezas e a rituais que dizem ser coisa santa.

Faz-se durante 9 dias consecutivos — novena — e são precisos vários objectos.

Numa cafeteira com água ferverá um novelo de fio de algodão. Depois entorna-se num alguidar colocando a cafeteira dentro dele com a boca para baixo. Entretando diz-se a oração:

<i>Eu te coso</i>	<i>pelo poder de Deus</i>
<i>carne aberta</i>	<i>e da Virgem Maria</i>
<i>o nervo torto</i>	<i>Padre-Nosso e Avé-Maria</i>

À medida que se diz esta oração, passa-se o novelo do fio à volta da parte ferida, atando o membro aberto e quando se acabar de dizer a oração, a água terá entrado novamente para a cafeteira, apesar de ela estar com a embocadura para baixo.

### 13. *Para cortar a névoa*

A névoa dos olhos é cortada em Vilar de Perdizes, por Rosa Tacheira, de 84 anos. Esta, em frente do doente dos olhos, trinca alho e loureiro e sopra em seguida este alento sobre o olho enfermo, dizendo:

<i>S. Clara, S. Iria</i>	<i>Com o outro jurdia</i>
<i>Por o mundo ia,</i>	<i>Névoa vai-te daqui,</i>
<i>Com 3 novelinhos de ouro,</i>	<i>Alho e loureiro</i>
<i>Com um urdia,</i>	<i>Vão atrás de ti.</i>

### 14. *Para curar o mal transmitido pela Toupa*

Este mal apresenta-se com tumores no corpo. Benze-se nove dias seguidos. Só pode fazê-lo quem tiver matado a toupa e disser estas palavras que podem ser as mesmas para curar:

*Primeiro nasceu Cristo  
Do que nasceu isto.  
Toupa, toupão, fura furão,  
Toupa matei, Toupa cortei  
Co a minha mão tudo farei, Pela Graça de Deus...*

15. *Para se livrar do mau olhado*

Ter mau olhado não depende das pessoas embora seja um fenómeno próprio de algumas pessoas. Se não é bem encarado, se olha de soslaio, se não dá os bons dias, enfim, se não se integra no meio social com aqueles modos próprios da região, diz-se que essa pessoa tem mau olhado. E o mau olhado tolhe as pessoas, animais e coisas. O mau olhado pode partir garrafas, derrubar árvores, avariar carros de bois, embaraçar a vida seja de quem for, sendo necessário, muitas vezes esconjurar esse mau olhado para afugentar os perigos.

*Modos de esconjurar o mau olhado*

Devem as pessoas e especialmente as mulheres grávidas, trazer consigo um objecto benzido ou palhas alhas, uma figa, a meia lua, sal, pão bento, ou um saquinho com os quatro evangelhos. Aquilo que é mais recomendável contra o mau olhado é a folhinha da arruda, devendo deixar-se no seu lugar, quando se corta essa folha da arruda, um pano, botão, linhas ou outra coisa com virtude para a árvore secar.

Também esconjuram o mau olhado as ferraduras atrás das portas, os cornos dos carneiros, as vassouras colocadas com a parte de varrer para cima etc.. Quando se forma o redomoinho à nossa volta costuma dizer-se que são as bruxas. E se espetar uma faca ou navalha no chão onde se localiza o redomoinho, conhecem-se as bruxas e as pessoas de mau olhado. Passando pela gente uma pessoa de mau olhado ou que se desconfia possuída de bruxedo deve deitar-se a fraalda de fora. Se por-

ventura se vai com o gado deve deitar-se, da mesma maneira a fralda de fora. E nalgumas localidades, como por exemplo em Cambezes do Rio, costuma passar-se a boina pelos testículos e, a seguir, esfregar com ela a cabeça do gado.

#### 16. *Contra o mau ar*

Além do mau olhado também há o mau ar, nalgumas aldeias confundido com o ar da *mulher do mês* e ainda noutras identificado com o ar da *mulher preña*.

São ares maléficos e peçonhentos que interferem na vida das pessoas ou nas acções que as pessoas executam tolhendo-as. Por exemplo: Se o mau ar entra na loja onde se engarrafa o vinho este azeda ou envinagra; Se o mau ar aparece quando se celebra um casamento este dará mau resultado. E assim por diante.

Lourenço Fontes em *Etnografia Trasmontana 1.º Vol.* refere ainda, além dos vários tipos de mau ar já citados: O ar de escumungado, ar de defunto, ar de cemitério, ar de bicho, ar de sapo, ar de cobra, ar de lagarto, ar de aranha, de salamantiga, ar de pita choca, ar de toupeira, ar de sol, ar da lua, ar da noite, ar de encruzilhadas, ar de mar, etc.. E acrescenta: estes ares julgam-se emanados dos seres a quem se referem ou que os mesmos contaminam e infestam o ar que por eles passou amaldicoando-o.

Se uma criança apanha, por exemplo, o mau ar do luar deve ser a madrinha a *cortá-lo*. Para isso levam a criança, de noite, ao luar. Serve-se de uma peneira, faz três cruzeiros sobre a criança dizendo:

*Luar, luar*  
*Leva a formusura,*  
*deixa a minha criatura,*  
*Que a quero criar.*  
*Pela Graça de Deus e da Virgem Maria*  
*Padre-Nosso, Avé-Maria.*

Se as crianças não se desenvolvem e as fezes são verdes diz-se que têm o mau ar. E o remédio é cortá-lo.

17. *Sobre o mal da inveja*

Quando uma pessoa quer mal a outra roga-lhe pragas. Pode querer-se mal a outrem por inveja, por ciúme etc..

O povo costuma dizer que as pragas que se rogam ao vizinho são sagradas e que por isso acontecem sempre. E diz até que é na missa, entre o cálix e a hóstia, o momento mais seguro para rogar as pragas.

Há ditados que ajudam a explicar o mal da inveja:

— *Deus que te assinalou, algum erro te encontrou.*—*Quem roga uma praga ao vizinho já lhe vem a ele pelo caminho.*  
— *Por ti venha o que a mim desejas.* — *O remédio lhe sirva de veneno.* — *O que tenhas mais em gosto te falte.* — *Lobos te comam, diabo.* — *Morte te varra.* — *Mil raios venham que te partam.* — *Não te levar o diabo para as profundas do inferno.*

Quando uma pessoa tem doença grave ou defeito grande, logo se diz: foi praga que lhe rogaram. Se a doença, ou defeito aconteceu a um filho, mas a praga se roga ao pai ou à mãe, diz-se: *pagou o filho pelo pai.*

18. *Amuletos.*

São objectos de uso corrente, usados pelas pessoas convencidas de que esses objectos têm virtude sobrenatural. Alguns exemplos desses amuletos:

O sino-saimão, a figa que se usa ao pescoço, na pulseira ou presa ao relógio, a meia lua, uma ferradura pequena ou um chifre reduzido etc..

Os amuletos, no conceito daqueles que os usam, servem para afastar os perigos e resolver situações delicadas. As pedras do raio que facilmente se encontram nos montes têm poder para afastar os raios. O copo de elicórnio feito de madeira de freixo serve para beber água quando alguém é mordido por bicho venenoso. A mesma virtude tem a corda de esparto.

Sabe-se também que as contas de raposa (pedaços de fel-despato que facilmente se encontram pelos montes) são indicadas para dormir. Quando as pessoas têm o sono trocado ao deitar, devem atar a roupa que usam na asa de um cântaro até ao dia seguinte.

Quando se solta o nariz, para fazer parar o sangue, deve colocar-se nas costas do paciente uma cruz, de preferência feita com palhas de centeio e sem que ele dê por isso.

Estas e outras receitas de medicina popular têm, ainda hoje, aplicabilidade na Região de Barroso, campo aberto aos estudiosos deste tipo de vivência humana.

#### 19. *Sino-saimão e a ferradura*

Embora já se tenha feito, no capítulo anterior, referência quer à ferradura quer ao sino-saimão, estes dois objectos de uso especial em Barroso merecem novo realce para que os estudiosos da medicina popular deles se ocupem pormenorizadamente quando a isso se decidirem. É que a ferradura e o sino-saimão têm um especial significado na sugestão das populações que lhes atribuem virtualidades sobrenaturais. O sino-saimão tem mais valor que a ferradura porque quando ele for traçado na terra ou em coisas ou pessoas logo os males se afastam. Daí que ele ande ligado à vida regional e às fainas agrícolas. Com frequência se pode ver marcado nas portas, nos carros de bois, nos jugos etc..

Quer o sino-saimão quer a ferradura afugentam as bruxas, os maus ares e os maus olhados. Um capítulo curioso merecerá o estudo aprofundado destes dois símbolos que encerram uma

mensagem enigmática para muita gente, nomeadamente para as populações do noroeste trasmontano.

20. *Sobre a lua*

A lua que tradicionalmente exerce influência na vida das pessoas não passa despercebida em Barroso. Ela influencia os trabalhos campestres, as colheitas e norteia os camponeses que por ela se guiam nas sementeiras, na preparação das terras, em tudo o que à vida rural diz respeito.

Diz o povo que a Lua manda no tempo: *quando entra com chuva, torna a sair com chuva.*

E se coincidir com uma quinta-feira:

*Se entra à quinta  
ao fim de cinco dias,  
tal entra como pinta.*

E se a Lua nova vier com trovoada trará problemas, porque:

*Lua nova toada trinta dias molhada.*

Diz ainda o povo que *a Lua velha é útil para tudo e a nova para nada.*

*A Lua nova nem a queremos para cortar erva para o penso do inverno.*

Os trabalhos processam-se de acordo com as fases da Lua: Sementam na lua velha as hortaliças porque fora dela espigam todas.

Se as batatas são semeadas nos primeiros sete dias da lua nova puxam muito p'rá rama e vão-se as batatas.

As ovelhas devem ser tosquiadas depois de passarem os dois quartos de lua. E até os porcos devem ser mortos durante o quarto crescente.

21. *As crias*

Deve haver todo o cuidado com as crias, sejam vitelos, sejam porcos. Já se viu que até com as crianças deve haver todo o cuidado quando são levadas, durante a noite, de uma casa para a outra: Entre elas e a pessoa que as transporta ao colo, deve ser colocado um pedaço de pão, de preferência o incerto ou uma chave de porta carral. Quanto às crias deve haver idênticos cuidados: ou um defumadouro na corte com folhas de loureiro e alecrim ou — o que é mais vulgar — deitar várias mãos cheias de sal, desde que as crias saem da corte até ao local da feira. Se ao longo do caminho para a feira as crias saltam muito ou retrocedem é sinal de que levam as bruxas e por isso deve deitar-se sal para as afastar.

Dáí se conclui que também o sal tem virtudes, a ter em conta num estudo desta natureza.

## CONCLUSÕES

No começo deste trabalho, inspirado, de resto, pelos dois congressos de medicina popular realizados em Vilar de Perdizes, deixou-se antever a possibilidade de aqui estabelecer um confronto entre as práticas desse tipo de medicina popular e a medicina científica.

Muita coisa se disse nesses dois congressos, por curandeiros, endireitas e curiosos que vindos de todo o lado, deram as suas achegas, cada um à sua maneira e dentro do todo o respeito por práticas que sendo de inspiração popular, se lhes vem atribuindo poderes transcendentais.

Contestado por muitos, aplaudido por muitos mais, o movimento que ganhou foros de âmbito nacional e que promete ir por diante até que se esclareça, com verdade, onde começa a medicina científica e acaba a popular, fica patente a necessidade de aprofundar as pesquisas e dar a *césar o que é de césar*, visto que há razões sérias para não desprezar uma em detrimento da outra.

As rezas e as crendices andam sempre ligadas às práticas da medicina popular. E aí é que se impõe uma clarificação escrupulosa. Uma coisa são as rezas. Outra coisa são as crendices. E uma terceira realidade, esta mais séria e delicada, é a medicina popular que vem desde os primórdios da humanidade e e que nunca desacompanhou o homem.

O ervanário que a natureza cria e que existe ao serviço do homem é o sustentáculo da medicina popular e nele se inspira a medicação científica.

Também ele — ervanário — merece um tratamento condigno.

E depois de analisados os ingredientes dos vários tipos de medicina popular, científica e suas alternativas, pode acontecer que se conclua pela aceitação de todas, sem menosprezo por nenhuma delas.

Procurou-se, nesta síntese, dar uma ideia daquilo que é mais frequente em Barroso em matéria de crenças e rezas e sua ligação com a medicina popular, onde o endireita, o capador, o curandeiro, o bruxo e outros convencionais agentes desta infundável vivência humana têm desempenhado papel relevante.

Como receita final, ficam aqui algumas indicações da medicina popular de Barroso. Assim:

Para o reumatismo devem os pacientes tomar caldos de unto de cobra.

Para as constipações são aconselhados os chás de alecrim, eirogo e flor de sabugueiro.

Para as dores de barriga, flor de marmeleiro.

Para urinar é bom o chá de quartos de rãs, de grilos ou barbas de milho.

Para dores de estômago recomenda-se o chá de cidreira, de macela de hortelã ou salva.

Para mal dos olhos aconselha-se a seiva de videira, água de rosas de sabugueiro ou chi-chi de mulher c' a lua ou c'os incómodos.

Para acabar com o suor das mãos deve esfregá-las com uma lesma, a um defunto ou passá-las pelos testículos do boi do povo.

Para acabar com os cravos das mãos devem esfregar-se nas quitas das vacas paridas.

Para as névoas dos olhos recomenda-se sangue de lebre.

Para as dores de dentes furados indica-se incenso benzido ou leite quente de cadela parida.

A sarna cura-se com enxofre e com o calor do forno bem quente até suar e ainda com cinza de palhas queimadas em azeite, durante três noites seguidas.

A casca da cebola cura os furúnculos. Também o azeite fervido tem a mesma virtude.

Enfim, uma série de práticas populares que podem ser contestadas mas que têm sido usadas ao longo dos séculos e que se perpetuam, tendo como suporte a crença que vence todos obstáculos.

## RESUMOS

### REZAS, CRENDICES E MEDICINA POPULAR

As rezas e as crendices andam quase sempre ligadas às práticas da medicina popular. E aí é que se impõe uma clarificação escrupulosa. Uma coisa são as rezas, outra coisa são as crendices. E uma terceira realidade, esta séria e delicada, é a medicina popular que vem desde os primórdios da humanidade e que nunca desacompanhou o homem.

Procurou-se nesta síntese, dar uma ideia daquilo que é mais frequente em Barroso, em matéria de crenças e rezas e sua ligação à medicina popular, onde o endireita, o capador, o curandeiro, o bruxo e outros convencionais agentes desta infundável vivência humana, têm papel relevante. Esperamos que este despretençioso estudo abra o apetite a novos pesquisadores.

### SORCELLERIES, CROYANCES ABSURDES ET MEDICINE POPULAIRE

(Francês)

Les sorcelleries et les croyances absurdes sont toujours liées aux pratiques de la médecine populaire. C'est là qui s'impose une clarification scrupuleuse. D'une part ce sont les sorcelleries, d'autre part ce sont

les croyances absurdes. Et une troisième réalité, plus sérieuse et délicate, est la médecine populaire qui existe dès l'origine de l'humanité et qui n'a jamais abandonnée l'homme.

Avec cette synthèse, on a voulu donner une idée de ce est le plus fréquent en Barroso, en ce qui concerne les croyances absurdes et les sorcelleries et sa liaison à la médecine populaire, où le renoueur, le châtreur, le guérisseur, le sorcier et d'autres agents conventionnels de cette interminable «existence» humaine, jouent un rôle très important. On s'attend à ce que ce modeste étude donne de l'appétit à de nouveaux perquisiteurs.

### SORCERIES, SUPERTITIONS AND POPULAR MEDICINE

(Inglês)

The sorceries and the superstitions are always standing in with the practices of the popular medicine. It's there that a scrupulous clarification is absolutely necessary. In one hand we have the sorceries and in the other we have the superstitions. The third reality, a more serious and delicate one, is the popular medicine, that comes from the human's origin and that have never abandoned the man.

Our objective in this summary, is to give an idea of what is very typical in «Barroso» in what concerns superstitions and sorceries, connected with the popular medicine, where the bone-setter, the quack, the wizard and other conventional agents of this endless human experience, have an important role. We hope that this unprententions study whet appetite to some new seachers.

### BIBLIOGRAFIA

- COSTA; JOÃO GONÇALVES DA — Montalegre e Terras de Barroso, 1968.  
 FONTE; BARROSO DA, LOURENÇO FONTES E ALBERTO MACHADO — Usos e Costumes de Barroso, Gutenberg, 1972.  
 FONTES; ANTÓNIO LOURENÇO — Etnografia Trasmontana, 1974.  
 GUERREIRO; MANUEL VIEGAS — Pitões das Júnias, Lisboa, 1981.  
 WARING; PHILIPPA — Dicionário de Agouros e Superstições, 1978.

## O jogo dos Paus em Carrazedo (Bragança)

POR

**Valdemar dos Santos Roca \***

Licenciado em Filosofia. F. F. B. da U. C. P.  
Sócio da Soc. Portuguesa de Antrop. e Etnologia

Falar do «Jogo dos Paus» não é difícil. Ouvir falar do «Jogo dos Paus» a quem o joga, e sobretudo a quem já o jogou, é emocionante. É o resultado do confronto do presente com o passado que aqui trazemos, para que o futuro não os esqueça.

No «Jogo dos Paus» entram dois parceiros. Cada um deles atira uma bola aos nove paus colocados em cima da «pedra» que marca o meio do terreno. Jogo muito popular e muito antigo, que exige grande esforço e boa pontaria. Jogo que entusiasmava jogadores e assistência, sempre presente em qualquer desafio. Os tempos livres que a azáfama das lides do campo oferecesse, o «jogo dos paus» encarregar-se-ia de os ocupar. No entanto, eram e continuam a ser os dias de descanso, domingos, feriados, dias de feira e de festa, os ocupados no referido jogo, que tanto apaixonava os jogadores como a assistência.

Foi para presenciarmos o entusiasmo de uns, e a habilidade dos outros, que nos deslocamos a Carrazedo, uma das

---

\* S. Pedro — Meirinhos — 5200 Mogadouro.

várias aldeias do concelho de Bragança, onde ainda se jogam os paus.

Carrazedo é uma aldeia com fortes tradições no «jogo dos paus». Foram e continuam a ser de lá, os melhores jogadores da região. O local dos jogos situa-se no largo da aldeia, onde as modificações impostas pelo progresso em nada alteraram quer a prática quer a localização. Quando do calcetamento das ruas não permitiram que se mexesse, nem na «pedra» nem nas «malhas». No local dos «malhões» a calçada ficou com a configuração de cova resultante da queda do pé que acompanha o movimento do corpo na altura do lançamento.

Sempre se jogou o «jogo dos paus» em Carrazedo, dizia-me o Sr. Veiga, de 73 anos de idade. Já o seu pai e o seu avô o tinham jogado. Até onde recuará no tempo este «sempre» do Sr. José Veiga, não conseguimos saber. Ao falar de seu avô, termina o contacto directo com as gerações passadas. A partir deste momento, passamos das certezas às hipóteses.

Um elemento que penso nos ajudará o comprovar a antiguidade deste jogo é a utilização do passo e da mão como medidas de comprimento, largura e altura. Ainda hoje, as distâncias entre a «pedra» e as «malhas», e entre estas e as «raias» se fazem pela contagem de passos. Assim como para medir os paus e as bolas se recorre à mão travessa.

## A BOLA E OS PAUS

A bola apresenta a configuração de um pipo. É feita normalmente de um tronco de carrasco, madeira muito rija, necessária para resistir ao embate contra os paus.

Deve ser feita com madeira verde, e enterrada em terra húmida, para que ao mesmo tempo que «perde sumo» (seiva) ganhe peso e não rache durante o jogo. Em Carrazedo, conservam-nas na água do ribeiro que corre junto do campo de jogos.

O seu peso oscila entre 1,50 kg e 2 kg. Tem um diâmetro com cerca de 10 cm. e a altura de 18 a 20 cm. Será mais alta que os paus uns 10 cm.

A altura dos paus é uma mão travessa. Estes, são paus de carrasco ou freixo, com cerca de 400 g. de peso e 5 cm. de diâmetro.

### TERRENO

Área cuja dimensão mais importante é o comprimento, visto a largura estar condicionada pelo terreno.

É sensivelmente rectangular e delimitado pelas «raias», riscos no terreno, que desempenham papel importante na demarcação dos tentos, quer atribuídos aos paus quando as ultrapassam, quer anulando a jogada quando a bola, em certos casos não as ultrapasse.

O terreiro representado na (Fig. 1), é variável, no que diz respeito à sua delimitação. E isto porque a raia não tem limites certos, estando condicionada pela natureza do terreno.

Se o meio da «pedra» dista das «malhas» cerca de sete passos, e a «malha» dista também da raia transversal cerca de sete passos, isso já não acontece com a distância do meio da «pedra» às raias laterais. Estas exceptuando casos bastante raros, como o do terreiro da Senhora da Serra, na serra de Nogueira superfície plana, estão condicionadas pelos elementos naturais que o terreno apresenta.

Assim, o terreiro de Carrazedo, de que nos servimos como exemplo para a explicação do «jogo dos paus», apresenta «raias» naturais: um muro junto ao ribeiro, a todo o comprimento, parte do muro da casa do povo e parte do muro de um quintal, onde fica a *buraca do carteiro*.

O mesmo já se não pode dizer relativamente aos outros elementos que fazem parte do terreiro: a «pedra», os «paus» e as «malhas».

Todo o terreiro tem que ter a «pedra», onde se colocam os nove «paus», e duas «malhas» uma do lado de baixo e outra

do lado de cima, que formam um sistema rígido, onde o jogador coloca o pé para daí atirar com a bola aos «pauis».

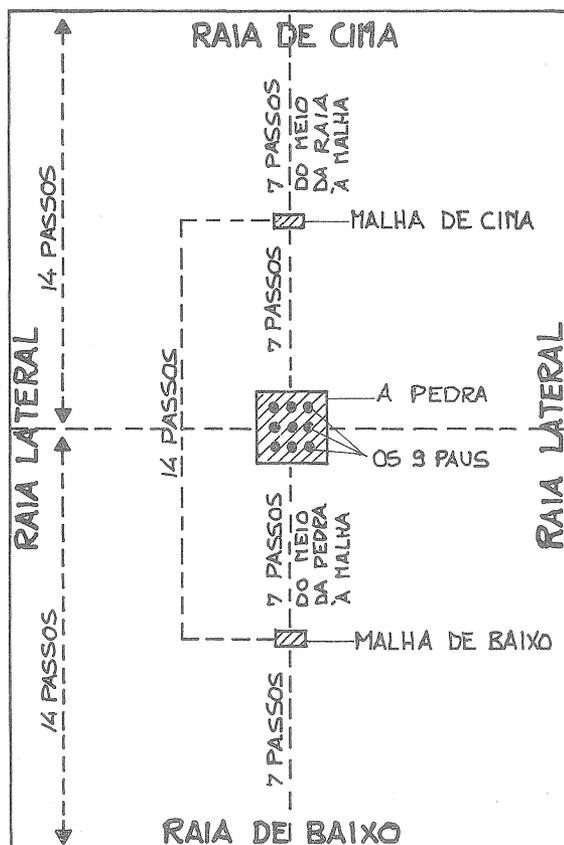


Fig. 1 — Esquema do terreno do jogo dos paus

O numero de paus é nove (Fig. 3 e 4). A sua posição na «pedra» varia de jogador para jogador. E porquê? Porque o jogador pode movimentar o pau do meio, da fila mais próxima do jogador, para um ou outro lado do pau que se encontra no meio da segunda fila. Ficam então, dois paus na frente,

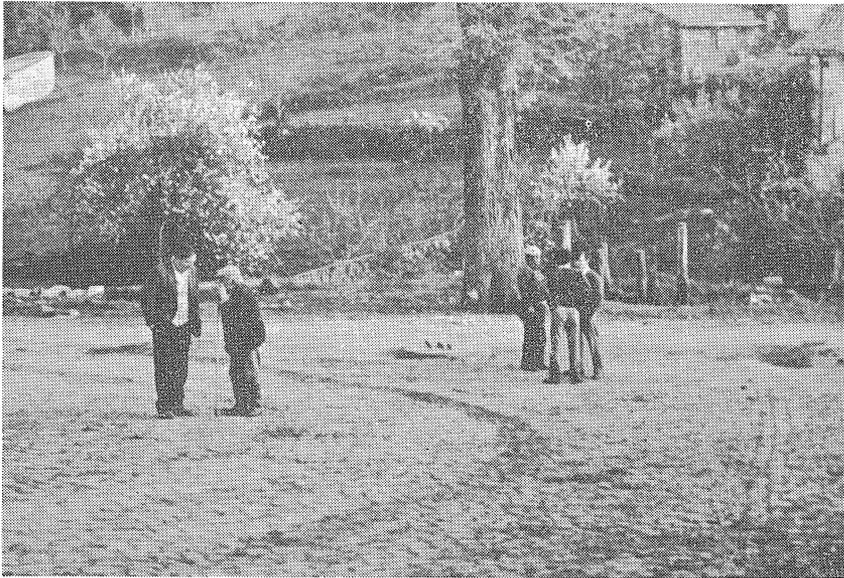


Fig. 2 — O terreno do jogo dos paus em Carragedo

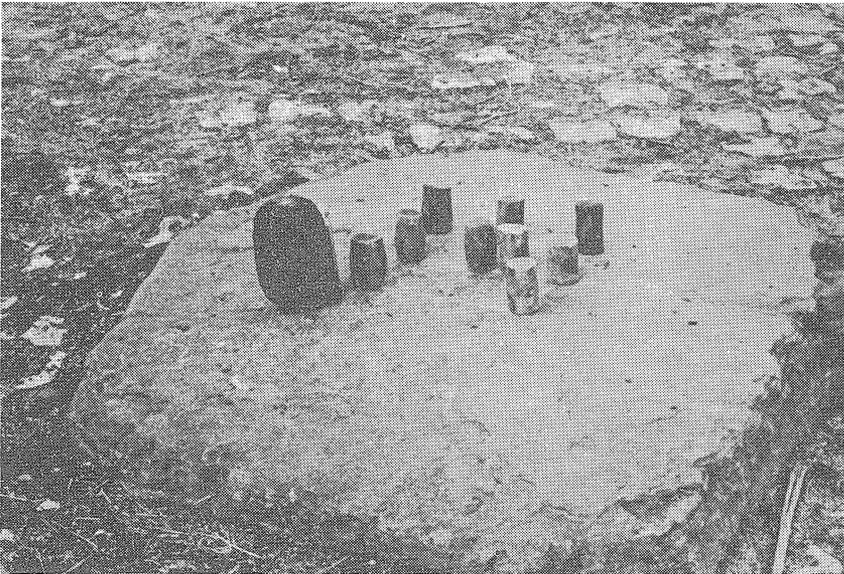


Fig. 3 — Bola e paus com o dianteiro da fiada média posto à direita

quatro no meio, e três na rectaguarda (Fig. 4). Esta possibilidade de deslocar o pau para a direita ou esquerda, é impor-

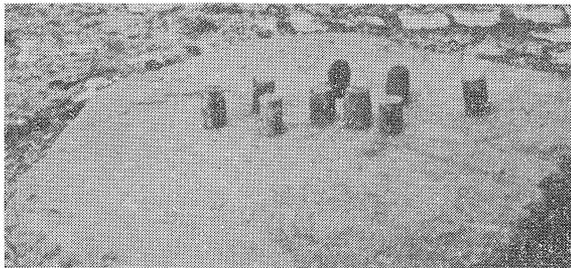
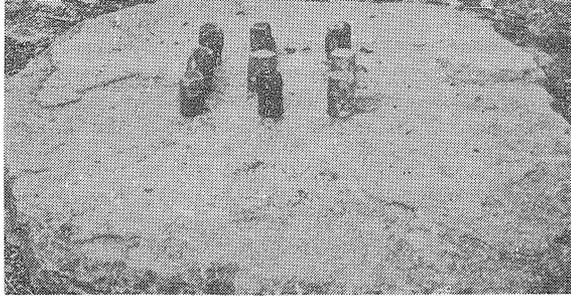


Fig. 4 — Em cima, pedra com os paus postos 3 a 3; a seguir duas posições com que sempre se inicia o jogo; 2 à frente 4 no meio e 3 atrás

tante para o jogador. Ao fazê-lo, está a ter em conta a sua pontaria; tendência mais para a esquerda ou para a direita, e,

a natureza do terreno; se se apresenta mais inclinado para um ou outro lado.

Além dos nove paus utilizados em cada jogo, existem sempre alguns de reserva. O número de bola é de duas, uma para cada jogador. Podem ou não existir algumas também de reserva.

As distâncias não são rígidas, podendo nos casos em que o terreno apresente uma inclinação acentuada, a «malha» de baixo ficar mais próxima da «pedra» que a de cima. São mesmo as inclinações ou dificuldades que o terreno apresente, que determinam qual o lado de baixo e o de cima. Em todos os jogos, o lado mais puxado é o de cima.

### COMO SE JOGA

Foi grande a popularidade do «jogo dos paus». Toda a gente o jogava. «Até os cegos o jogavam se os lá houvesse», dizia-me o Sr. Mário em Carrazedo. E continuava: «Ainda não se podia com a bola e já se jogavam os paus». Os mais pequenos não tendo direito à utilização do terreiro dos jogos este era propriedade dos mais velhos, entretinham-se a jogar os paus enquanto guardavam as vacas, improvisando quer nos caminhos quer nos lameiros o respectivo terreiro de jogos.

Julgo poder afirmar que toda esta popularidade, todo este entusiasmo, se deve à sua simplicidade, às suas regras de fácil apreensão, e ao facto de a disputa se fazer a vinho e a dinheiro.

Comecemos pelas regras. A bola que atirada do lado de baixo não ultrapasse as raias do meio do campo para cima, «sanca», perde o jogo. O mesmo não acontece se for atirada de cima para baixo. Neste lançamento não há «sancas», mesmo que a bola não passe além das raias, quer extrema, quer laterais.

Os paus que passem as raias vale cada um, dez tentos, os que fiquem tombados dentro da raia, vale cada um, um tento, e os que ficarem em pé na pedra não pontuam.

Na contagem dos tentos não têm o mesmo tratamento, a bola e os paus. O pau só vale dez tentos se ultrapassar a raia. A bola se chegar à raia já não «sanca». Nestas situações utiliza-se a expressão: «Pau que passe e bola que chegue».

Ao efectuar o lançamento, um pé tem que estar firme na *malha*.

O jogo termina quando um jogador totalizar quarenta pontos.

Quem inicia o jogo? Regra geral, começa aquele que desafia. São muito raros os casos em que acontece o contrário. Esta excepção só se verificará se o que desafia conhece o adversário, e o considera inferior.

O jogador coloca-se na *malha*. Os nove paus encontram-se na posição atrás indicada, em cima da pedra (Fig. 3). De posse de uma bola, faz o seu primeiro lançamento, que será efectuado sempre do lado de baixo. Pé esquerdo em cima da *malha* o direito escolhe a posição mais apropriada para ajudar no impulso que o jogador vai efectuar com a mão direita. Com a bola segura na mão, eleva-se o braço à altura do peito, puxa-se à retaguarda e dá-se um safanão brusco para a frente, atirando a bola em direcção aos paus. O corpo acompanha (Fig. 5), este movimento, saindo o jogador da *malha*. Na saída da *malha*, o seu pé direito ao cair no chão, faz uma poça em frente da *malha*, a que se chama «malhão».

Com este lançamento, que terá de levar força e pontaria, o jogador tentará fazer o maior número de tentos possíveis, podendo mesmo ganhar o jogo. Para que isso aconteça, é necessário que a bola não fique dentro das raias da metade de cima do campo, pois se isso acontecer, o jogador «sanca», perde o jogo, e que atire com pelo menos quatro paus para fora das raias, número suficiente para ganhar o jogo pois totaliza quarenta tentos.

Com um só lançamento, iniciar e terminar o jogo, normalmente só os bons jogadores. Um dos que me acompanhou a Carrazedo, o Sr. Nuno, já chegou a fazer em dez bolas seguidas,

sempre mais de quarenta tentos em cada uma, e na décima primeira, fazer trinta e cinco tentos.

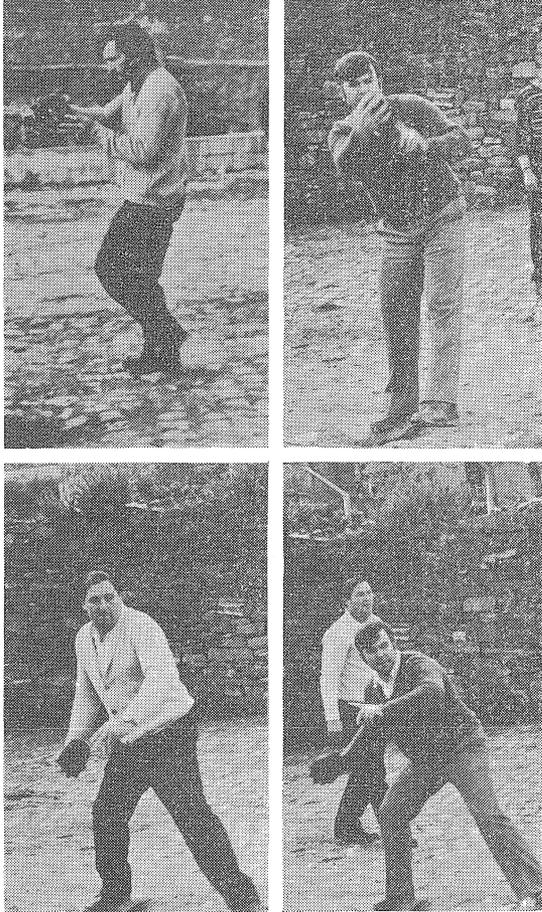


Fig. 5 — Sucessão de posições no lançamento da bola

### UMA PARTIDA

Dois jogadores A e B. A, que desafiou, faz no primeiro lançamento, de baixo para cima, 20 tentos. B, faz também no

seu primeiro lançamento, 20 tentos. Segundo lançamento, agora de cima para baixo. A, faz 15 tentos e B, faz 14. Totalizam na primeira mão: A, 35 tentos e B, 34.

Ainda nenhum terminou o jogo, pois não atingiram os 40 tentos. Continua-se o jogo. Agora os lançamentos são feitos de baixo para cima. Antes do início da segunda mão, se o jogador A perguntar ao jogador B «posso começar» e se o jogador B disser «começa», o jogador A executa novo lançamento que é feito de baixo para cima. Se fizer neste lançamento 40 tentos, ganha dois jogos; o que se estava a jogar que termina e outro, porque fez neste lançamento 40 tentos, o número necessário para ganhar um jogo.

Se fizer 10 tentos ganha o jogo e ficam os dez tentos para o jogo seguinte.

Se não fizer pelo menos 5 tentos, ou se não pontuar, joga B, pois ainda não terminou o jogo.

Ao jogador B pode acontecer o mesmo que a A. Se fizer 40 ou mais tentos neste lançamento, ganha dois jogos. Se fizer 7 tentos ganha 1 jogo e passam os 7 tentos para o jogo seguinte. Se não fizer pelo menos 6 tentos, continua-se o jogo. Efectua-se novo lançamento, primeiro A, depois B, somando-se os tentos aos que cada um já possuía. Termina o jogo, o que primeiro totalizar 40 tentos.

Vamos supor que nesta 2.<sup>a</sup> mão o jogador A que já tinha totalizado 35 tentos, faz o lançamento e não pontua. O jogador B que tinha totalizado 26 tentos, efectua o lançamento e faz 2 tentos. Embora continue com menos tentos que A, o jogador B passa, a partir de agora, a ter direito ao lançamento porque «ganhou a mão». No lançamento seguinte é o jogador B que começa, e não A, embora A continue com mais tentos que B.

Por mais bem feitas que as bolas estejam, devido ao seu fabrico manual, apresentam sempre alguma diferença. Por isso é necessário que os jogadores troquem de bolas. A mudança de bolas só se faz se o jogo terminar antes das duas mãos. Se o jogo não terminar em duas mãos não há mudança de bola.

Quando terminam os jogos? Se não for acordado no início entre os jogadores, o número de jogos que realizarão, estes podem prolongar-se pela tarde fora, chegando-se a realizar em Carrazedo 360 jogos seguidos.

Nos jogos a dinheiro, quando o jogador mais fraco começa a perder e vê que não tem possibilidades de virar o resultado propõe o fim do jogo, desistindo.

É ao que está a perder que compete desistir.

Por falar em dinheiro, julgo ser oportuno referir que o jogo dos paus se joga a dinheiro ou a vinho.

É de notar que em Carrazedo, se joga a dinheiro somente com os jogadores de fora. Entre os elementos da aldeia só se joga a vinho. Vinho esse, que é pago por quem perde, mas que é distribuído por um elemento da assistência a quem chamam «*carteiro*». A sua tarefa consiste em ir à buraca do muro (Fig. 6), buscar o vinho e fazer a respectiva distribuição.

Se o vinho congrega os elementos da aldeia em torno do jogo dos paus, e origina uma simbologia própria, onde o «*carteiro*», o homem da caneca, merece destaque especial; o dinheiro selecciona e faz vibrar jogadores e assistência. Só deverá jogar a dinheiro, quem tiver segurança no jogo e dinheiro na carteira.

Fenómeno muito curioso no jogo dos paus, é a existência de «*matas*» ou apostas. Neste jogo a assistência também joga apostando nos jogadores, com ou sem o conhecimento destes. Se o jogador é conhecedor da aposta, pode entrar também com a sua parte, dizendo: «*entro na mata com parte igual*».

O número de apostadores não é certo. O mais normal é aparecerem dois adversários. Quando forem dois ou três a quantia da aposta não muda. É sempre igual para todos os apostadores, independentemente do seu número. Se for de 100\$00 por exemplo, e se forem três os apostadores, entrará cada um com os seus 100\$00.

Pode também acontecer que entre a assistência apareça um apostador que não encontre na mesma adversário, e se apresente o jogador adversário daquele em que o assistente

aposte, como adversário também do apostador. Exemplificando. O jogador A e o B defrontam-se. Um elemento da assistência aposta 500\$00 no jogador A. Mas se não encontra na assistência adversário para a sua *mata*, o jogador B tomando conheci-



Fig. 6—Buraca no muro do quintal que margina o terreiro, com a caneca do vinho e o copo para o *carteiro dar de beber* aos assistentes

mento, entra ele na *mata*, e passa a ser ao mesmo tempo jogador e apostador. Nestas ocasiões, o jogador que entre na *mata* declina normalmente num elemento da assistência o controlo da sua *mata* dizendo-lhe: «Toma-me conta desta *mata*, são tantos jogos (número de jogos acordados na aposta), e tanto dinheiro (o combinado também na aposta)».

O declinar num terceiro o controlo da aposta, justifica-se pois o jogador necessita para além de força e habilidade, muita concentração para vencer o jogo.

Um elemento interessante, que surge nesta parte das *matas* prende-se com o facto de que, a maior parte das vezes, este terceiro elemento, o tomador da conta da *mata*, entrar na *mata* como parceiro do jogador que lhe solicitou os seus serviços.

Para que não se esqueça o número de jogos que cada jogador vai efectuando, utiliza-se a «escala de contagem». Arranja-se um pau limpo (liso). Num lado marcam-se os jogos que ganha um jogador, no lado oposto os que ganha o outro. A marcação é feita através de um entalhe na madeira no lado correspondente ao do jogador que venceu o jogo.

### CONCLUSÃO

O jogo dos paus, mais do que centenário nalgumas freguesias dos concelhos de Bragança e Vinhais, continua ainda bem vivo, não só na memória dos mais antigos mas também nas práticas desportivas actuais.

Jogo apaixonante, que exige dos dois jogadores força e muita habilidade, e, que leva a assistência a uma participação activa. Ela não nega o seu entusiasmo às boas jogadas, como ainda joga, fazendo as suas *matas* ou apostas.

Joga-se muitas vezes a vinho e mais vezes a dinheiro. Não raramente as apostas atingem alguns milhares de escudos.

É também frequente ultimamente o jogo por simples manifestação desportiva.

### SUMMARY

The bat game, more than centenary in some parishes in the council of Bragança and Vinhais, is still alive, not only in the memory of older people, but is also played nowadays.

The bat game is an enthusiastic game that requires strength and ability from the two players and that leads the public to an active participation.

The public is enthusiastic about the good moves and takes part in the game by making *matas* or bets.

It is many times played on wine and money.

Not seldom the bets reach some thousand «escudos».

Lately, the game is also played frequently as a simple sportive demonstration.

#### RÉSUMÉ

Le «Jogo dos Paus» plus que centenaire dans quelques villages de Bragança et Vinhais, il continue encore bien vivant, pas seulement dans la mémoire des gens plus âgés, mais encore comme un sport actuel.

C'est un jeu très passionnant, qui exige de la part des joueurs de la force et du savoir-faire, en plus, il attire les assistants à une active participation. On ne nie jamais un fort ravissement aux bons coups, en plus on joue des «matas» ou gages.

On joue souvent en buvant et aussi en dépensant de l'argent. Les gages atteint des milles d'escudos.

Actuellement on le joue aussi comme une simple manifestation sportive.

# As Retadas

POR

António da Eira \*

Sócio da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia  
Professor da Escola Preparatória de Vila do Conde

## AS RETADAS

(Prática comunitária na aldeia de Quintã (Marão))

As *retadas* <sup>(1)</sup> são permuta de trabalho comunitário de muito interesse e importância na vida da gente de Quintã, aldeia e freguesia do concelho e distrito de Vila Real.

Não era costume, no povo de Quintã, aí pela década de trinta, pagar-se ao longo do ano uma única geira a qualquer vizinho.

Havia serviços comunitários e não comunitários.

Ao grupo dos primeiros pertencia: a conservação da igreja, do cemitério, do moinho da Barroca, que é comunitário ou do povo, e dos caminhos públicos também; e desde meados de Abril ao fim de Maio, as *vessadas*, para as sementeiras do «milhão» e das batatas; e ainda o limpar ou «fazer» os regos uns dias antes da festa do «São João», pois, pelo S. João, começam as regas dos «renôbos»; as segadas dos centeios e

---

\* Bairro Agro Velho, 2 — Aver-o-mar — 4490 Póvoa de Varzim.

(1) *Retada* tem como sinónimo a palavra *bezada* (de vezada ou à vez). *Bezada* teria dado origem à palavra *bessada* (vessada).

*Bizeira* é da mesma família de *vessada* (forma popular de *vezeira*), actualmente quase desusada em Quintã onde os rebanhos comunitários ou *vezeiras* desapareceram no princípio deste século.

dos trigos em Julho; o *fazer os linhos*, isto é, arranque, ripar e empoçá-lo, bem como as malhadas, em Agosto; as estrigadas e espadadas do linho em Agosto-Setembro; as esfolhadas do «milhão» em Outubro; as quatro partilhas dos «toijos» ao longo do ano e a partilha da lenha da Mouta, no fim da ceifa, antes dos gelos do Inverno.

O «*São Miguel*» corresponde ao tempo da recolha do milhão, do vinho e das castanhas.

Aos serviços públicos preside a Junta, sendo obrigatória a presença de uma pessoa de cada casa; e a marcação do dia e hora para isso destinados, é feita por aviso do pároco, na Missa Dominical.

Para os trabalhos agrícolas de maior relevo, como por exemplo as *vessadas*, comparece geralmente uma pessoa de cada casa, homem ou mulher, e da maior parte dos fogos. Para isso, apenas se faz constar: Tal dia, «antes do mei-dia» ou à tarde, é a minha «bessada». E não sendo de igual duração, as mais pequenas fazem-se pelos «antes de mei-dias»; e as maiores de tarde.

O Maio é cansativo e esgotante: tirar estrume, espalhá-lo, ganhar retadas, tornar retadas, tirar terrões, fazer «imbelgas», plantar batatas, etc., etc... é sem dúvida cansativo e esgotante. Tardes há em que se fazem quatro *vessadas*, de vizinhos diferentes, tendo de se repartir o pessoal por todas elas, ou para ganhar retadas ora para as pagar e ainda para ir alguém com a junta de vacas ajudar a puxar à charrua (que em Quintã continua a chamar-se arado, pela força da tradição).

Na generalidade, as retadas contabilizam-se. É corrente ouvir, entre os habitantes de Quintã, conversas alusivas às retadas, a toda a hora e momento, tais como as seguintes frases: já ganhei vinte e duas retadas; fulano teve na primeira *vessada* vinte e nove «pessuas» a cavar ó rego, fora os dos «arreios», que são as pessoas ocupadas em lavrar e gradar; de toda a «bezinhança» só não devo retadas a quatro casas que me não vieram à «bessada» dos Chalinhos. Ou: De casa do compadre vieram-me dois; portanto, só se de todo em todo for impossível, senão... temos de ir dois também.

É inata ou espontânea a vontade de «botar ãa mão» ao serviço dos vizinhos, mesmo sem se esperar, muitas vezes, pela torna de igual retada.

Os casais mais abonados, em relação aos de menos terras, ficam todos os anos em dívida. Os mais pobres acabando mais depressa os seus trabalhos, desinteressadamente colaboram, dando a ajuda que aos mais ricos faz falta. E nos anos trinta era vulgaríssimo os de menos teres, em dias lembrados, receberem a visita da senhora fulana, da casa xis, a entregar «úas calças novas pró piqueno», em agradecimento pelo serviço prestado, e ãa blusa prà tia avó»...

... «E quando se te casar a filha, nós cá estaremos para lhe dar a ajuda que ela bem merece do povo todo».

As palavras geira ou salário não tinham usança em Quintã, apesar de se ouvir falar em ganhar o dia ou ganhar a tarde, ali nos povos limítrofes.

Nesses difíceis anos trinta, o desnível entre os moradores de Quintã não era grande. Os lavradores, mais pela falta de braços do que pela questão da diferença de teres, viam-se obrigados a contratar um moço ou ãa moça, ou um moço e ãa moça para todo o ano; e alguns, só para o mês das vessadas ou para o das vessadas e do sacho (Maio e Junho). No mês da *ceifa*, alguns arranjavam moça que desse ajuda «pra fazer o S. Miguel».

A retada existia e ainda existe hoje, em Quintã, apesar da grande transformação (em curso) da vida social no meu meio agrícola, onde já existem quatro tractores.

O moinho da Barroca é comunitário. Anda dividido em retadas. Estas, pelas constantes partilhas ao longo dos séculos, já não mostram facilmente a sua história de origem. Há retadas de dois dias, de um dia ou de horas.

Existem as ruínas do moinho dos Barreiros, que era só da minha família. Terminou há poucos anos o seu labor.

Hoje, vários moradores usam o familiar moinho eléctrico.

No moinho hidráulico, geralmente, a retada era de vinte e quatro horas, desde o nascer do sol de um dia ao nascer do sol do dia seguinte, e de quinze em quinze dias, tempo considerado como suficiente para moer o cereal necessário ao consumo do casal nesse período.

Havia alguns moradores que, não tendo parte no moinho, pagavam renda anual aos que tinham retadas de sobra ou por herança ou por partilha inicial ou por possível compra.

Também as águas de rega andavam divididas em retadas.

A água do rio começava no dia de S. João, dividida por horas relativas a cada propriedade. Hoje creio que já ninguém sabe do número de tais horas, e a rega vai sendo feita com motores.

As retadas da Poça Velha, bem como as da Poça Nova, também são ditas «poçadas».

Regam determinadas terras, pelos usos e costumes imemoriais, sendo as duas poçadas diárias, uma de manhã e outra à tardinha, em rotação constante, indo um dono abrir e o dono seguinte tapar a poça à hora própria. Abre-se de manhã cedo a poçada da manhã; e abre-se à tardinha a poçada da tarde, de modo a poder tapar-se ainda com a suficiente claridade do dia.

No bocal da poça regula-se a maior ou menor saída de água com o auxílio de uma estaca. Se a pessoa a quem cabe a vez de tapar a poça encontra ainda muita água, tira a estaca para que a poça se esvazie a tempo.

Curiosas são as retadas da Poça da Fonte, assim chamada, por ter sido ali a melhor fonte da aldeia, acima do quintal dos Barreiros.

Reza ainda hoje a tradição que esta poça era e é de cinco casais. Assim continua a ser dividida e usada, conservando-se a estrutura medieval.

Sabe-se dos terrenos de cada um dos casais, que ainda hoje são representados nos apelidos familiares em uso.

Há todavia uma excepção. O casal dos Ranhões, assim denominado, não tem pessoa alguma com tal apelido que o represente na actualidade.

Por sucessivas partilhas, as retadas da água da Poça da Fonte podem ser de um dia, meio, ou apenas de algumas horas, mas sob a medieval estrutura dos cinco casais, vinda dos confins dos tempos velhos.

Hoje certo vizinho pode ter uma retada de quatro horas de água no casal dos «Martinses», correspondente a um terço da propriedade da Veiga; e pode pertencer-lhe «meio-dia» no casal da Folgada, para o «Quinchouso da Porta»; e ainda mais tantas horas no casal dos Ranhões, para o Talho.

Estas retadas fazem-me crer que, de antigos tempos, o agro donde se arrancou o pão bendito com que fui criado, fora repartido por cinco povoadores iniciais. E se assim não foi, então surge outra hipótese:

«Quando se explorou a água da «Fonte de Cima», tendo em vista o incentivo das culturas regadas, e a distribuição da água de rega pela área, nessa hora foram apenas cinco os ousados a fazer a poça, ficando de fora outros que preferiram o tradicional milho miúdo — o dito milho alvo — e o painço. Sou pela primeira hipótese.

A Poça da Fonte foi buscar o nome à Fonte de Cima, que era a única fonte de água bastante bem canalizada. Pelo seu nome opõe-se à Fonte de Baixo, que é uma pobre nascente de mergulho quase expontânea, a brotar de sob o muro de suporte do «Quinchouso» das Aveleiras, à margem do caminho e sem condições higiénicas nem obra de arte a não ser três pequeninas pedras de xisto que lhe abrem uma rudimentar porta de saída. Para mais, seca quase todos os anos, em vindo o pino do Verão, ou quando: «em Agosto ardem os montes» ou «em Setembro secam as fontes» ou «em Outubro seca tudo».

O Milhão, em Quintã designa as várias qualidades de milho grosso que lá se cultivam, em oposição ao milho alvo. Este era usado como o arroz, em prato normal. Era descascado em moinho com as mós de cortiça.

Das várias espécies de milho, recorro que na década de trinta havia o milho amarelo, que amadurecia mais cedo; havia o milho branco do «piqueno», que se semeava nos terrenos mais pobres, e do milho grande sei que havia duas qualidades: o grande e o dente de velha, ambos de altura semelhante, avançando-se talvez coisa de um metro em relação ao milho pequeno, e semeado em terrenos mais produtivos e mais cuidados. O milho grande é branco. O dente de velha tem pintas pretas em alguns grãos da espiga.

### TRABALHOS NÃO PERIÓDICOS

Muitos dos serviços alheios ao ciclo rotativo anual, como por exemplo, fazer uma «carraria», constituem uma prova da união entre todos os vizinhos na entreatada que prestam sem excepção, jamais se recusando a colaborar para o bem comum.

Querendo fazer-se ou reparar-se uma casa, justam-se os pedreiros da Pena para o corte da cantaria destinada a janelas, cunhais e portas, pois o restante das paredes costuma ser cheio com a pedra de xisto, única existente na nossa área geográfica.

Os pedreiros marcam o dia para irem os carros de bois fazer a «carraria».

O dono da obra chama os vizinhos todos, se para todos houver carga. E ninguém se recusa.

O trabalho assume ares de festa. As melhores juntas de vacas levam ao pescoço os colares de múltiplas campainhas de metal, a dizerem do valor delas e do orgulho do seu dono a elevar-se tanto acima dos outros, quanto o som argentino a ferir os ares. <sup>(1)</sup>

É costume, de vez em quando, certo vizinho fazer uma «roçada».

Convida alguns homens para um dia irem cortar-lhe umas carradas da «toijos».

Vai-se gratuitamente, e de boa vontade, pois costumam ser feitas a pedido de um velho doente, ou de uma viúva

---

(1) O granito vai buscar-se à freguesia de S. Miguel da Pena.

sem filhos, ou de quem precisa de notório auxílio. Famílias que tenham mais do que um homem, certamente fazem os seus cortes de mato sem precisão da ajuda alheia.

Sempre houve a preocupação de prestar auxílio a quem de auxílio precisasse. Todavia, entrando no grande rito dos trabalhos, fazia falta respeitar certas normas. Por isso tem força e actualidade o rifão:

«Quem não tem vacas nem bois, ou antes ou depois».

Por força desta razão, a prudência era coisa exigida aos carecidos da ajuda dos outros. Até porque:

«Quem adiante não olha, atrás torna».

### AS RETADAS NO CASAMENTO

A Joaquina e o Augusto casaram-se no sábado.

Como o Augusto é do Pinhão, não está ao corrente dos usos e costumes. Por isso achou que oito dias depois de casados, seria tempo de irem conviver e confraternizar com todos os parentes dele.

— Não, — diz a noiva — não pode ser, Augusto.

— E porquê? Haverá nisso algum inconveniente?

Joaquina — Não é isso: oito dias depois do casamento, é o domingo das «visitas».

Tu não conheces; mas vais ouvir:

Todas as raparigas solteiras aqui do povo, e algumas parentes ou amigas até de fora do povo, é costume virem visitar os «esposados» e trazer uma prendazinha. São retadas que vêm ganhar. As casadas que eu visitei, essas vêm pagar as retadas ganhas por mim.

Nós, como é do costume, teremos de lhes oferecer a todas uns doces e vinho fino. E são muitas.

Vergonha seria nós não estarmos cá para receber as suas felicitações e as prendas.

Augusto — Já que assim é, vou pedir aos meus para virem cá nesse dia e trazerem o vinho fino.

E que prendas irás receber?

— Olha: Todas se regulam pelo valor das prendas que eu dei. Isto, quanto às casadas. As solteiras, essas é a amizade que pesa na acção: uma toalha de linho, bordada ou por bordar, uns paninhos bordados, uma saia, uma blusa, cousas de vidro ou de louça... E depois, também é conforme as posses de cada uma. Há quem ofereça um cobertor, uma coberta melhor ou pior, até uma cama de roupa bordada por si própria, para mostrar a muita amizade das famílias. A maior parte das prendas costumam ser de bragal.

E bragal que vem a ser?

— Já vejo por essa pergunta, que na tua terra não há linho...

Bragal é o tecido do linho que nós cultivamos e de que fazemos lençóis, colchões, travesseiras, almofadões, tualhas de limpar ou de mesa, guarda-pés, guardanapos, e muitas outras coisas; até o saco da farinha, o panal ou os próprios cueirinhos das crianças.

### CONCLUSÕES

Quintã era uma comunidade muito fechada em si, pouco comunicando com o exterior. Procurava bastar-se a si própria o máximo possível, dentro de um sistema económico sóbrio e rígido.

A tradição era algo sagrado que orientava tudo e todos na fiel observância dos usos e costumes.

Os trabalhos comunitários contribuíram para a estreita união de todos, fazendo dos seus quarenta fogos como que uma família patriarcal.

As «retadas» são janela por onde se espreitam as relações humanas dentro da comunidade.

Agro Velho — Fevereiro de 1985.

### SUMMARY

#### «Retadas»

The community tasks were a contribution for a strong union among them turning their forty humble homes into a patriarchal family.

The so-called «retadas» are the «window» through which the human relationships inside the community are observed.

## Bio-bliografia do Abade de Baçal, evocando os 120 anos do seu nascimento

POR

**António Maria Mourinho \***

Licenciado em História pela F. L. U. P.  
Sócio da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia  
Director do Museu da Terra de Miranda  
Correspondente da Academia Portuguesa da História

No dia 9 de Abril findo, perfez 120 anos que nasceu esse homem privilegiado que se exaltou a si mesmo, pela auto-disciplina e pelo estudo, pela inteligência e pelo saber, e, como coroamento destes predicados, pela obra grandiosa que construiu, as suas «*Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*», e que dá pelo nome de baptismo de fogo e de labor imenso de *ABADE DE BAÇAL*.

Baçal de Bragança é pequena aldeia do Nordeste Transmontano, localizada na planura, a nascente do rio Sabor, a 6 quilómetros da mesma cidade de Bragança.

Homem bom e magnânimo, trabalhador infatigável, até aos 83 anos, foi baptizado nessa aldeia e registado com o nome de *Francisco Manuel Alves*, com que sempre se assinou, acrescentando-lhe mais tarde por promoção superior: *Abade de Baçal*.

Antes de evocar alguns aspectos da sua vida e da sua notável operosidade, seja-me permitido referir as relações de amizade que teve, cultural e socialmente, durante muitos anos com

---

\* Museu da Terra de Miranda — 5210 Miranda do Douro.

o Sr. Prof. Santos Júnior, Presidente do Conselho Directivo da «Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia» e orientador da sua revista, «*Trabalhos da Sociedade de Antropologia e Etnologia*», que há muitos anos tem sede na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

Foi notável o intercâmbio e as relações de cultura (valha a redundância) entre o Prof. Santos Júnior, e o autor das «*Memórias Arqueológico-Históricas*» cita-o em muitos dos seus volumes.

Registamos com saudade amiga e sincera e mui grata satisfação esta data, em que ao lembrar o gigante das letras e da cultura bragançana, a marcamos também com uma carta sua inédita, datada de 20 de Março de 1945.

Deixamos aqui o nosso agradecimento à Exma. Senhora D. Maria Alcina Ribeiro Correia Afonso dos Santos, ilustre directora do Museu do Abade de Baçal, pela cedência da bela fotografia de Abade de Baçal que aqui se publica:

#### VIDA E OBRA DO ABADE DE BAÇAL

Habituará-me a falar com o bom Abade, sendo eu de mocidade ainda tenra, quase nos fins do curso teológico e nos primeiros do seu sacerdócio, já ele bordava pelos 80, continuei conversando com ele, mesmo de longe; quando o visitava, e, por escrito, até quase às vésperas do seu passamento, e só acreditei, porque então o tinha visto, e, conversando com ele já doente, e, ele mesmo, alma de gigante e de poeta, como que expressando uma franciscana e telúrica afeição pelas coisas simples e belas da natureza, «as suas flores e as suas pombas», duas lágrimas e caírem-lhe pelas faces aradas e trigueiras, me anunciou decididamente que «*partiria ao cair da folha*»!...

E interiorizando tranquilamente o pensamento e mirando-se exteriormente na doença que já o incapacitara de trabalhar, mas ainda o mantinha de pé, acrescenta, resignado e resolutivo: «Sei que vou partir, mas, estou preparado para aparecer diante de Cristo!»... Era em Outubro de 1947.



P.º Francisco Manuel Alves — Abade de Baçal, aos setenta anos.

E partiu! ... Mesmo ao cair da folha, a 13 de Novembro de 1947. E desde aquele fim de Julho de 1947, nunca mais eu tinha voltado a Baçal.

A campa e a lápide com a inscrição que ostenta, depois de quanto se tem dito e escrito nos jornais e revistas, certificam-me que de facto o Abade partiu e está com Cristo!

Nos assentos de Baptismo do livro correspondente desta paróquia de Baçal se vê que ele nasceu no dia 9 de Abril de 1865.

Fez 120 anos!, em 9-4-1985, que ele nasceu.

Antes de mais nada, eu quero pedir ao mundo perdão deste deabafo que é muito sincero ... quero dizer que o bondoso, o grande Abade, para mim ainda não morreu. Na humildade de um presbitério rural como o dele, de uma paróquia de entre Douro e Sabor, como esta paróquia, ele continuou a falar-me, e a dar-me conselhos de conduta humana e regras práticas da vida.

Continúa a falar-me de Etnografia, de Arqueologia e História; fala de Epigrafia, de credices e superstições populares, de numismática e literatura de contos e lendas, de rifões e genealogia, de todo esse tesouro cultural que viveu espontâneo em nossos campos e povoados, nos Arquivos e na alma da gente simples e laboriosa da nossa Terra — e distrito de Bragança que ele tão ternamente denominava o seu torrão — «os Meus Amores». (1).

Como que estou a vê-lo na sua varanda, consultando livros, ou à lareira, lendo o seu breviário, ou escrevendo os seus trabalhos! ...

E porque eu, sacerdote como ele, e porque estamos evocando a sua grandiosa obra e a sua memória gloriosa, recordemos com a liturgia católica dos mortos as suas palavras de certeza e esperança: *«Se a lei da morte certa nos entristece, também nos consola a promessa da imortalidade futura. Para*

---

(1) Abade de Baçal, Tomo V, «Os Judeus», XI.

os vossos fiéis, Senhor, a vida muda-se apenas, não acaba: quando termina a vida terreste, começa a vida eterna no Céu» (2).

### A VOCAÇÃO E O SÁBIO

Exemplarmente cumpriu dia a dia o seu munus sacerdotal como pastor das ovelhas que lhe foram confiadas e para além desse munus exercitou nas horas vagas do seu labor paroquial outra vocação que desde a adolescência sentia viver em seu espírito — que foi a de estudar e recolher todos os dados possíveis para a história da sua querida Terra de Bragança, mas de toda a vida passada e presente, em todas as idades, mesmo as mais remotas e em todos os seus ramos, no âmbito completo da Geografia Humana.

Para um empreendimento desta magnitude necessitará de ter boa vontade, preparação e auxílio. Tudo isto Deus lhe concedeu, para alcançar este fim em todos os seus anseios.

Este homem ímpar teve estatura e construção física alentada de atleta; saúde corporal correspondente; paz e tranquilidade no seu presbitério do qual fez o seu mundo entre os livros e a horta; aliviado e repartido pela faceira junto à residência; teve amigos dedicados que estimularam, preconizaram o publicaram, com o mesmo amor à ciência e à sua terra, num alto sentido de compeensão, o resultado dos seus estudos e investigações aos quais ele apelidou carinhosa e virgilianamente os seus «queridos Mecenas». Teve ainda uma vontade inabalável de aço para examinar e estudar e recolher *in loco* o monumento e o documento, e, finalmente, uma longa vida para que essa persistência e tenacidade, amparada por todos estes dons, fosse fecunda como foi.

A nossa vocação podemos dizer que nasce do berço. A vocação literária do Abade, não foi um caso fortuito nem tardio.

A vocação do Abade para os estudos históricos e etnográficos, segundo ele mesmo confessa, (Vol. X, 544) nasceu-lhe

---

(2) Missal Romano, Pref. Def.

da «curiosidade afiada pela santa e inteligentíssima velhinha minha tia Luzia Alves, nascida em Baçal a 8 de Maio de 1826 e aqui falecida, solteira, sem geração, a 5 de Fevereiro de 1890, a quem eu devo inicialmente o gosto pelas antiguidades, por constantemente espicaçar a minha curiosidade com lendas, contos, anedotas e factos históricos da guerra Peninsular, em que seu pai Bernabé Alves, nascido em Baçal a 5 de Junho de 1790 militara,... muitas vezes acalmou os meus dislates estouvados de rapaz sedento de miragens à filho pródigo». (Memórias Arq. Vol. X, 544) <sup>(3)</sup>.

Reconhecendo pois a sua vocação, em plena juventude, iniciou-se na paleografia, na epigrafia, na arqueologia e ainda não tendo atingido os 30 anos já frequentava os arquivos e decifrava documentos.

Do seu conhecimento profundo da paleografia, adestrado por longa prática, recolheu quanto encontrou pelos arquivos das Câmaras Municipais do Distrito, no primeiro quartel deste século, procurou as colecções nobiliárquicas das casas nobres, do Arquivo Nacional da Torre do Tombo e outros arquivos portugueses, quando ainda pouco ou nada havia ainda publicado, a não ser os trabalhos de Alexandre Herculano; e os pergaminhos e códices dormiam por vezes em caixotes arrumados a deteriorarem-se pelo pó e pela humidade.

Foram muitas as centenas de documentos que copiou e publicou com toda a meticulosidade e verdade possível, com a maior parte dos quais compôs exclusivamente o III e IV tomos das «Memórias ...».

Ao mesmo tempo ia recolhendo dados arqueológicos de pré-história, epigrafia, numismática, etnografia, cancionero etc., e este enorme espólio foi coligido nesses onze grossos volumes das «*Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*», mais um sobre «*A Restauração de Portugal no Distrito de Bragança em 1640*», incluído nos ANAIS da Acade-

---

<sup>(3)</sup> Em 1889, encontrou, as «Memórias» de Contador de Argote e «outros livros determinantes, do seu ingresso nos estudo arqueológicos, que muito havia o vinham namorando» excerto de um autógrafo seu datado de Baçal, 1 - XII - 1937.

mia Portuguesa da História, mais a «*Monografia do Concelho de Vimioso*», a sua última obra, além de mais de uma dezena de trabalhos monográficos publicados de mais pequeno vulto.

Ao Museu de Bragança que tem o seu nome e ao Arquivo que nele se guarda e onde se refugiava para investigar e escrever, deu durante muitos anos, como director, muitas horas de trabalho e dedicação.

Segundo me disse, já numa das visitas a Baçal, desejava se tivesse podido, concluir um «Dicionário Geográfico do Distrito de Bragança» que principiou e se ficou a meio da letra A, escrito em folhas de papel almaço de 35 linhas e deve estar entre os seus apontamentos manuscritos. Quando me mostrou os primeiros cadernos já escritos, acrescentou: «*Continua-o tu, se puderes, nestes cadernos fica apontada toda a bibliografia para a consulta*».

Já depois de o ter visitado naquele fim de Julho referido, e nos últimos meses da sua vida que se estiolava, ainda me escreveu: «*A Monografia de Vimioso*» está pronta; a impressão do XI volume vai a passo de boi velho. Estou a acabar o índice geral dos onze volumes para publicar no fim deste e depois, já não faço mais nada».

Tinha realizado o seu sonho enorme «de rapaz sedento de miragens à filho pródigo», na sua própria e feliz expressão, mas de uma maneira diferente do moço do Evangelho. De maneira inversa: Não saíra da sua Terra, empregara toda a legítima que recebeu, sem nada malbaratar, e acumulou.

Como Fernando Pessoa, podia dizer, ao partir para a eternidade:

...«Da obra é minha a parte feita,  
O por fazer é só de Deus...»

Em toda a sua vasta obra, a par da narrativa histórica ou da exposição documental, quer como preâmbulo, quer como complemento à longa exposição epigráfica, etnográfica, topográfica ou pré-histórica, abunda a sua nota pessoal, inconfundível, por vezes bizarra, mas profunda, verdadeira, plena de

saber adquirido em longa experiência de observação in loco, em farta consulta e estudo comparativo de largos anos e vastos caminhos percorridos.

Avaliemos que, para estudar o itinerário da estrada romana de Braga a Astorga, ele percorreu a pé, entre mil dificuldades e perigos (Tomo V, os Judeus, IX), a maior parte do seu velho traçado, em Portugal e Espanha, só para identificar e estudar os marcos miliários, e, por isso, cabe-lhe a glória entre os estudiosos da arqueologia romana peninsular, de ter conseguido a reconstituição do velho e autêntico traçado desta via.

A sua opinião só a formava e emitia depois de analisado o respectivo documento.

Não gostava do juízo imediato e da conclusão fácil, a não ser que fosse evidente. «Não tenhas pressa — dizia-me várias vezes — a ovelha que mais anda não é a que mais engorda».

Há trabalhos monográficos no IX, X e XI volumes que lhe levaram 40 anos a coligir, segundo me revelou noutra ocasião.

Destes podemos destacar um sobre Pré-história de 163 páginas, IX, 555-718; outro sobre Etnografia e feiticeiras, de 143 páginas, IX, 236-384; Toponímia geral do distrito 203 páginas, X, de 61-264; Crendices e superstições, 103 páginas, XI, de 14-117. Deixou-nos ainda um Mapa Arqueológico-Histórico do distrito que será indispensável a quem queira fazer qualquer trabalho monográfico sobre castros.

Apesar desta enorme economia cultural reunida, ficou longe de esgotar os assuntos, porque a terra nas suas entranhas, os arquivos nos seus imprevistos segredos, a vida e a sabedoria do nosso povo guardam um tesouro inesgotável de ciência em renovação permanente.

É verdade que os métodos de investigação, de estudo e classificação são já muito diversos do que eram há cinquenta anos e todos reconhecem que a obra do Abade precisaria ser revista e actualizada. Mas eu creio que é como ela está que tem todo o seu real mérito. Imutada e imutável, como em vida foi sempre a sua pessoa.

Alguns assuntos apenas no-los deixou enunciados. E reconhecemos que para se escrever a verdadeira e completa

história da nossa terra, há muito ainda por investigar e por encontrar.

Algo, bastante já se encontrou dessa história e dessa vida trasmontana que ainda não foi escrita e eu sei como ele exultaria de satisfação se tivesse tido ainda conhecimento das muitas dezenas de documentos medievais que se encontravam nos arquivos de Espanha sobre todo este Nordeste transmuntano e se este humilde discípulo lhe houvera podido dar a notícia autêntica das centenas de documentos que no Arquivo General de Simancas se guardam sobre a Guerra da Sucessão de 1762 e que a explosão pavorosa do Castelo de Miranda fora mera desgraça accidental e nunca qualquer traição e ali se cobrira de glória um honrado bragançano de origem mirandesa — Bento José de Figueiredo Sarmiento que antecipadamente se dispusera com todos os seus homens a defender a praça até à última gota de sangue!

#### O SACERDOTE E O APÓSTOLO ESCRITOR

Não podemos esquecer, neste dia 9 de Abril de 1985 os cento e vinte anos da Abade que o seu ministério católico, por ele sempre confessado com brio, foi emoldurado ao correr das obras, por uma forte mensagem legada em trabalho, exemplo e palavra, na sua prosa pessoal e massiça, com laivos de sotaque transmuntano de Entre-Douro-e-Sabor, por vezes ingénua e simples como a luz da madrugada, por vezes rica e opulenta como um altar grandioso da melhor talha barroca e por vezes ainda fulminante como uma espada de fogo.

Com quem o poderíamos comparar?...

Na sua peculiar maneira de dizer — quando escreve história — parece-nos o austero e «saboroso» Fernão Lopes.

Ao transcrever cenas da nossa vida quotidiana, campestre e quase bíblica afigura-se-me o genial e descontraído Cervantes e o P.<sup>o</sup> Juan Ruiz, Arcipreste de Hita.

No seu desapego à *Dolce vita*, este homem frugal, despreocupado no traje, franco e transparente nas atitudes e nas palavras, agarrado ao seu bordão, calcorreando a pé os

caminhos das serras, vadeando os rios e escalando as encostas, revela a melhor eloquência franciscana dum místico, enamorado da Dona Pobreza e parece-me confundir-se com o percursor João Baptista a prevenir os grandes da Terra, adivinhando em simplicidade e secura um Mundo Novo que se avizinhava: «Nem tudo é alma, nem tudo matéria; nem tudo é espírito, nem tudo é corpo; nem tudo há-de ser oração, nem tudo buscar pão». (Memórias..., IX, 425, Art. Frades).

Recorda-nos Jesus Cristo ao ensinar-nos a louvar o «Pai Nosso que estais no Céu, santificado seja o Vosso nome... que logo manda pedir também «O pão nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai-nos as nossas ofensas...».

É duro contra os salamaleques palacianos e os ôcos preciosismos amaneirados de alguns e, ao presenciar a mediocridade, a hipocrisia e a inveja piolhenta e inferiorizante de outros, afigura-se-me no corpo e na alma, na palavra e na pena, o grande e desassombrado S. Jerónimo, Solitário de Belém, o faiscante Doutor Máximo da Escritura, nas cartas ao presbítero Nepociano e a Marcela, Plautila e Eustóquia, que o bom Abade tanto admirava.

Ao mérito não regateava os louvores, quando a razão e a História lhos apontavam. Ouçámo-lo a saudar o espírito medieval que deu à nossa terra a crença e o pão: «Salvé crença medieva, em que os teus ministros, sensatamente equilibrados, irmanando com o povo no mesmo ideal cívico e religioso empunharam numa mão o Breviário e noutra a pena e o alvião civilizadores!». (Memórias... IX, 425, art. Frades).

Só mais outro breve apontamento sobre a sua rica personalidade que para mim é também apostólica e mais actual do que nunca: Examinem-se desapaixonadamente os seus apontamentos sobre problemas sociais e religiosos, vejam-se à luz dos ensinamentos de Leão XIII, Pio XII, João XXII e Paulo VI. — As suas ideias de então estão de acordo com as directrizes da «Quadragosimo Anno» e da «Rerum Novarum», da «Mater et Magistra» e de actual «Ecclesian Suam». «Que êles sejam um...». Non tollas eos do Mundo sed serva eos a mallo».

«Que eles sejam um... Não os tiréis do mundo, mas guardai-os do mal».

Atente-se neste laivo de ecumenismo que o grande Abade expressa em 1925, quando escreve o prefácio do tomo V das «Memórias... sobre os Judeus».

...«Alguém quererá ver neste trabalho dum sacerdote cristão, intuítos reservados de ódio sectário».

Em verdade, devo declarar que nenhuma paixão destas me move. Quando escrevo olho aos factos e não às pessoas ou colectividades.

Para mim, um protestante, um judeu, mahometano, bramainista, confucionista, zoroastrista ou outro de qualquer religião que seja, quando de boa fé, merece-me todo o respeito e veneração. Todos adoram a Deus e só no modo da adoração divergem, resta-me lamentá-los como cristão e orar por eles.

Odiar o Jeovista?... pois não é pela graça de Deus que eu sou cristão, por nascer e ser educado nesta religião como seria protestante, judeu, maometano, se nascesse noutra terra e e até indiferentista se assim me tivessem dirigido?..».

— Ele foi, em nossa terra, o único precursor altaneiro de alguns edeais definidos no Concílio Vaticano II.

E a sua humildade profunda é a sua maior grandeza. Como os valentes lutadores medievais, ergue as mãos para Deus e antes de partir, submete os seus juízos estritos e ditos ao juízo da Santa Igreja de que sempre se confessa ministro.

Foi grande em tudo este sacerdote bom, profundamente humano e singular:

Grande,  
na sensibilidade e na ternura,  
na simplicidade e na verdade,  
na sabedoria e no trabalho,  
na persistência tenaz e na realização,  
na saúde e na doença,  
no corpo e no espírito,  
na bondade e no amor.

— Foi grande na vida e continuará a ser grande para além da morte!

FINALMENTE — O MONGE POETA  
E O PASSARINHO!...

O último capítulo desta vida tão rica de beleza estranha é um maravilhoso e desconcertante poema lírico.

Este homem raro que ouvira e contemplara em oito dezenas de primaveras, as cotovias, os rouxinóis e as andorinhas nos beirais da sua casa e pelos bardos e silvados do agro circundante — verdadeiro poeta de Deus e da natureza — por estranha coincidência — é solicitado pela mesma natureza viva e simples encarnada na insignificante avezinha outonal, um porco-pisco, ao seu último diálogo nesta vida, durante os seus três derradeiros anos, como que a anunciar-lhe a grande jornada da Eternidade em Deus *«onde só se fala a linguagem do Amor»*, no dizer do saudoso Papa João ....

E eu vejo na linguagem comovida do Abade, em seu diálogo com o pisquinho, na sua expressão quase telúrica e sublimada de emoção e sinceridade — a antevisão da sua breve comparência diante de Cristo onde agora vive — e o nascimento de um novo cântico do Irmão Sol — transposto em beleza e amor das florestas medievais da Úmbria, setecentos anos depois, para aquela predestinada Aldeia de Baçal!...

Em 1987, faz quarenta anos que êle faleceu.

A 120 anos, depois do seu nascimento, e após quase quatro lustros da sua morte o Abade de Baçal continua vivo!...

CARTA DO ABADE  
« — MEU CARO MOURINHO :

«Causou má impressão o final da entrevista, (1) tenho recebido várias cartas de protesto e pessoalmente muitas me têm

---

(1) Esta entrevista foi publicada na página «Letras e Artes» em fim de Janeiro de 1945.

expressado a sua indignação chegando mesmo a vir a Baçal pessoas até desconhecidas para mim.

É possível que não se calem, que eu tenha de dizer algo mas de luva branca de maneira que nem fale em ti e fiquemos ainda de melhores relações do que tínhamos.

Quero-te bem, e sobretudo espero que serás o meu continuador na carolice pela nossa Terra.

Para o culto de N. Senhora na diocese tenho o santuário Mariáno que está ao teu dispôr. Agora pediu-mo o P.<sup>o</sup> Manuel Pires do Seminário <sup>(1)</sup> porque parece que da incumbência do bispo (sic) quiere fazer algo para as comemorações quatricentenárias.

Em tempo o bispo também me pediu para fazer a história disso; mas escusei-me por falência de linguagem mística adequada e porque me metem nojo aquelas milagreiras sem critério atribuidas pelo Santuário às aparições de N. Senhora:

Publica a lápide de Palaçoulo, mas quanto à leitura não digas nada, porque a leitura é difícil.

ATTE LUCI, são dois nomes próprios e não um só, como dizes, devendo portanto intender-se ATTE LUCI, mas isto tem as suas dificuldades que agora não posso tratar, em podendo direi. Entretanto se, em vez de ATTE fosse ATTO, as dificuldades abrandavam um pouco.

No Mirandês nada te posso ajudar porque não sei mas em conversa com três padres do seminário que me falaram no caso, disse-lhe que tu estavas no bom campo.

Saúde e paz te deseja o teu dedicado,  
Baçal, 20 - 3 - 1945

*Francisco Manuel Alves»*

---

(1) Actualmente D. Manuel António Pires, Bispo resignatário de Silva Porto em Angola, Varão digno, sempre estudioso e letrado a quem Deus conserva.

Meu caro M. de Baçal  
 Causou-me impressão o final da publicação. Também não  
 cabido tantos contos de fada e favelas, muito me  
 temo referir a dar indignação dos jovens mesmo e não as  
 boas pessoas ali descuidadas. Foi assim.  
 É possível, a não se calar, que se tenha de dizer algo  
 mais de nova maneira de maneira que não seja só  
 a ligamos ainda de melhores relações de que tinhamos  
 Lembro-te bem e sobre tudo a parte que deixas o meu  
 conteúdo me caridade sobre minha terra.  
 Pace e Culto à N. Senhora me diga tudo o  
 Santissimo Mariano que está ao teu dispor. O povo  
 não tem mais o P. Me. Antonio Pires, de S. Joazeiro  
 não porque houve que de incumbência do bispo quem  
 fazer algo com as comemorações aqui anteriores.

Fig. 1 — Fotocópia da carta do Abade de Baçal

Eu tenho o Grego também em pedras para fazer a his-  
 tória da: mas concorre-me por falarem a língua  
 minha e de modo a fazer me matar logo aqueles  
 milagres sem outros até uns pelo S. Antonio  
 os apóstolos de N. Senhora.

História e habido de Palacou, mas quanto à letra  
 na mão diga mais porque a letra é difícil.

ATTE LUCI São São meus filhos e não um só  
 como disse, sendo bastante também a ATTE LUCI  
 mas isto tem duas dificuldades em agora não posso  
 tratar em pedras de lá. Entretanto de em vez de  
 ATTE fosse ATTO as dificuldades abandonaram o  
 nome.

No meu jardim não tem mais porque não sei,  
 mas em conversa com três filhos do Seminário que me  
 falaram no caso diga-me em que estado me tem sempre  
 saúde e paz.

2013-11-15 Francisco Manoel Alves

Fig. 2 — Fotocópia da carta do Abade de Baçal

## NOTAS

1 — Está fazendo 40 anos que esta carta foi escrita pelo saudoso Abade.

Têm-se dito por aí, privadamente e em sessões públicas e outros o têm escrito em jornais, em revistas e em livros que eu sou o *sucessor do Adade de Baçal*. Como se pode ler acima foi o próprio Abade que escreveu essa esperança de que eu seria o seu continuador na carolice pela nossa Terra. Na carolice pela nossa Terra, sim tenho continuado, carola e amigo da nossa Terra, até o limite das minhas forças — sucessor na sua obra, é empreendimento impossível. A obra do Abade é um monumento enorme e único, sui generis, que engloba a ciência e o amor pela terra, a erudição pasmosa e o tesouro enorme da sua sabedoria colhida no campo, no povo e nos livros; Mestre na investigação, na interpretação, e na intuição do próprio saber. Eu nunca passei, nem passarei de um simples pigmeu, junto d'ele, que era gigante em tudo.

2 — Quanto à leitura da lápide de Palaçoulo, o Abade estava à altura da investigação em meados deste século e a par da onomástica romana aparecida na Península; porém laborava em equívoco, pois o Tomo III (de Hübner) do C. I. L. <sup>(1)</sup> datado do ano 1869 já regista na epigrafia Ibérica de nomes ATTA f. (2683 e 2684 pág. 273 — «Licínie ATTE uxori, e Minície ATTE», em termos e forma iguais à lápide de Palaçoulo. Essas duas lápides aparecem na cidade de Leon, na Hispania Tarraconense. E é bastante comum registá-la em as inscrições, *Licínie-ATTE — por Licíni(AE) — ATT(A)E uxori*) em dativo. Em Espanha, hoje os epigrafistas interpretam facilmente estes casos communs. Escreviam como pronunciavam — «Se comian la A' Y la N iotros mas» — (Diz uma autoridade espanhola em epigrafia Latina).

---

(1) Corpus Inscriptinum Latinarum, II.

No n.º 2673 do mesmo Tomo do C. I. L., aparecia na mesma cidade de Leon, outro caso bem definido noutra lápide nas mesmas condições :

D. M.	Aos deuses Manes
AEBUTI	AEBUTIA
AE ATTE- (Aliás ATT(A)E	ATTA (filha de EBUTIO)
AEBUTI (F.)	falecida de XXV. anos
A XXV	

Noutra carta adiante o Abade fala-me novamente na lápide de Palaçoulo e ele publicou depois no Vol. XI págs 432 das suas «Memórias».

O caso está hoje esclarecido já o estava naquele tempo, pois o C. I. L. (²) é sempre básico para o esclarecimento da onomástica latina epigráfica, apesar de já existir vasta investigação e bibliografia específica, ao mais alto nível.

---

(²) Corpus Inscriptinum Latinarum. II — respeitante à Hispânia Citerior e Tarraconense.

## V Á R I A

---

### A Propósito de um Crânio Africano e Antropofagia

Quando se estudou a «Colecção Silva Telles», vinda de Angola, nos primórdios deste século, detectámos alguns crânios, que se destacavam dos restantes pela sua originalidade — apresentavam sinais de terem sido objecto de certos ritos e além disso tinham dentro uma antiga indicação (papel), dizendo serem oriundos do Centro Sul de África.

Todo o material osteológico referido pertence à Sociedade de Geografia de Lisboa, encontrando-se, porém, em depósito, no Centro de Antropobiologia.

Especialmente um dos crânios (2/1) chamou-nos a atenção, não só porque ostentava certos aspectos de gracilidade, mas também porque provavelmente o indivíduo a que pertencera fora vítima de morte violenta, acrescida da destruição completa da região occipital.

Mais, mostrava um traço avermelhado sobre o osso frontal, que parecia ter sido pintado com ocre (que, como se sabe, aparece aliado a cerimónias rituais), e também algumas fibras de cânhamo, penduradas com nó no malar direito entretanto já caídas.

Na verdade, o alargamento do buraco occipital e a raspagem de tecidos moles em certas zonas cranianas, levaram-nos a pensar na utilização de algo de precioso que o crânio guardava em vida e antes de se haver iniciado o processo de decomposição — no encéfalo e, em consequência, na antropofagia.

De resto, a região geográfica de onde provinha o crânio e os outros aspectos já citados e complementares concordavam com tal hipótese.

Na realidade, esta prática, embora muito antiga (Paleolítica), tem sido citada, ainda em nossos dias, na África, nomeadamente Central, América do Sul, Ásia e Oceania. É que as populações que ingerem, quer o cérebro, quer o coração, etc., fazem-no para aumentar as suas forças físicas e anímicas, adquirindo, assim, as virtudes e as qualidades do morto.

#### RÉSUMÉ

*Sur un crâne africain et Anthropophagie:* Les auteurs étudient un des crânes mélangés dans la «Collection Silva Telles» qui montre des signes d'avoir été object des signes d'anthropophagie. Il vient du Centre-Sud d'Afrique.

#### SUMMARY

*An African Skull and anthropophagie:* In this paper one skull from South Center Africa, of the Collection «Silva Telles», is studied. This particular skull shows marks of anthropophagy.

#### BIBLIOGRAFIA

- CASTRO E ALMEIDA, Maria Emília (s/d) — Antropologia. Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, Volume 2.º, Editorial Verbo. Lisboa.
- CASTRO E ALMEIDA, Maria Emília, NETO, Maria Cristina Santos, LOPES, Luís (1983) — Y a-t-il des vestiges d'anthropophagie dans la Collection Silva Telles? 66ème Congrès de l'Association des Anatomistes de Langue Française, Barcelona.
- CASTRO E ALMEIDA, Maria Emília e NETO, Maria Cristina Santos (1984) — Brève note sur un crâne africain mutilé. Comunicação apresentada ao VI Simpósio Internacional de Ciências Morfológicas. Lisboa.
- NETO, Maria Cristina Santos (em publicação) — Notícia história da Coleção Antropológica Silva Telles. Arqueologia e História, Volume de Homenagem ao Professor Doutor Dom Fernando de Almeida. Lisboa.

MARIA EMÍLIA DE CASTRO E ALMEIDA \*

MARIA CRISTINA SANTOS NETO \*

\* Centro de Antropobiologia do Instituto de Investigação Científica Tropical — Av. Óscar Monteiro Torres, 34-1.º Esq. 1000 Lisboa — Telef.: 766670.

### Campanha de trabalhos no Castro de Sabrosa em 1984

Mais um pequeno trabalho de restauro na muralha principal do Castro de Sabrosa, em continuação dos trabalhos realizados nas campanhas dos anos anteriores.

Tínhamos projectado concluir o restauro de todo o troço da muralha principal no flanco sul do castro. Porém, tal não foi possível porque os subsídios reunidos para o efeito não deram senão para seis dias de trabalho.

O flanco sul do castro era o que apresentava a muralha mais destruída, certamente por ser mais próxima da Vila e o de mais fácil acesso à rapina das pedras faceadas.

Toda esta pedra, que constituía a face externa da muralha, foi dali levada, inclusivé a dos alicerces, restando apenas o aglomerado de pedra informe, do enchimento, que nos permitiu deduzir o alinhamento inicial da muralha.

Com o auxílio de três pedreiros e quatro ajudantes, conseguimos restaurar a maior parte da muralha neste seu troço sul, numa extensão de 30 metros de comprimento por 1,60 m de altura média (Fig. 1 e 2). Pela parte de dentro do castro, o topo da muralha corre ao nível do solo.

O trabalho foi bastante moroso por não se encontrar a pedra necessária, ali à mão. Quando a muralha cai naturalmente, é fácil e rápido o seu restauro porque a pedra permanece no chão, amontoada junto a ela. Porém, quando a muralha é desfeita pelo homem, com o fito de roubar as suas pedras, torna-se por vezes necessário ir buscá-la bastante longe.

No caso presente, os auxiliares dos pedreiros tiveram que procurar a pedra pela vertente do morro, abaixo da linha da muralha, e carregá-la na padiola, ou ao ombro, pelo morro acima.

Na próxima campanha de trabalhos, caso consigamos os subsídios que esperamos receber, concluiremos o restauro desta muralha e iniciaremos o restauro da segunda.

Os trabalhos deste ano foram realizados graças a um subsídio de 50.000\$000 concedidos pela Câmara Municipal de Sabrosa, que muito se agradece.



Fig. 1 — Panorâmica do castro, colhida de SW. Observa-se a muralha principal no flanco poente e sul do castro, restaurada nos últimos anos. No interior, e virada a sul, destaca-se a 2.<sup>a</sup> muralha, parcialmente restaurada em 1970.

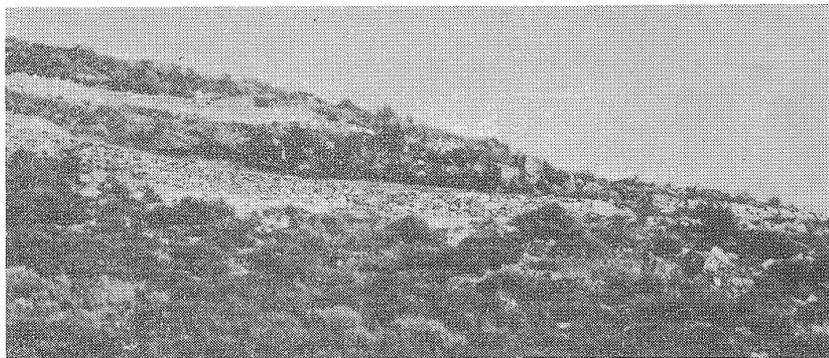


Fig. 2 — No primeiro plano da fotografia observa-se o troço da muralha principal que foi restaurado no flanco sul do castro durante a campanha de 1984. No segundo plano, um troço de 2.<sup>a</sup> muralha do castro.

CARLOS ERVEDOSA \*

Investigador do IUTAD e sócio da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

\* 5060 Sabrosa.

### Ara votiva a Júpiter encontrada em Sabrosa

Há cerca de sete anos, durante os trabalhos de restauro da casa da Sr.<sup>a</sup> D. Maria Margarida Barros Cruz, na rua do Bairro, em Sabrosa (do Douro), foi encontrada uma curiosa «pedra escrita» pelos pedreiros que ali trabalhavam.

Fizeram-na saltar duma janela da cozinha que se pretendia alargar e, se não fossem os cuidados daquela senhora, teria sido de novo incorporada na parede, perdendo-se, assim, um documento que poderá ser de alguma importância para o estudo da romanização em Trás-os-Montes.

No mês passado, fomos alertados pelo professor António Manuel Soares, natural de Sabrosa e de há muito vivamente interessado pela cultura do seu concelho, para a existência daquela ara. Imediatamente a procurámos observar, no que fomos pronta e simpaticamente atendidos pela sua possuidora.

Tratava-se, efectivamente, de uma pequena ara talhada num granito de grão grosso e dedicada a IOVI, ou seja, a Júpiter, o deus supremo dos romanos. Fizémos dela um rápido desenho, copiámos a epigrafia e, por nossa vez, informámos do achado o Prof. Doutor Santos Júnior, nosso estimado mestre e companheiro de lides arqueológicas, nestes últimos vinte anos, tanto por aqui como por terras de Angola.

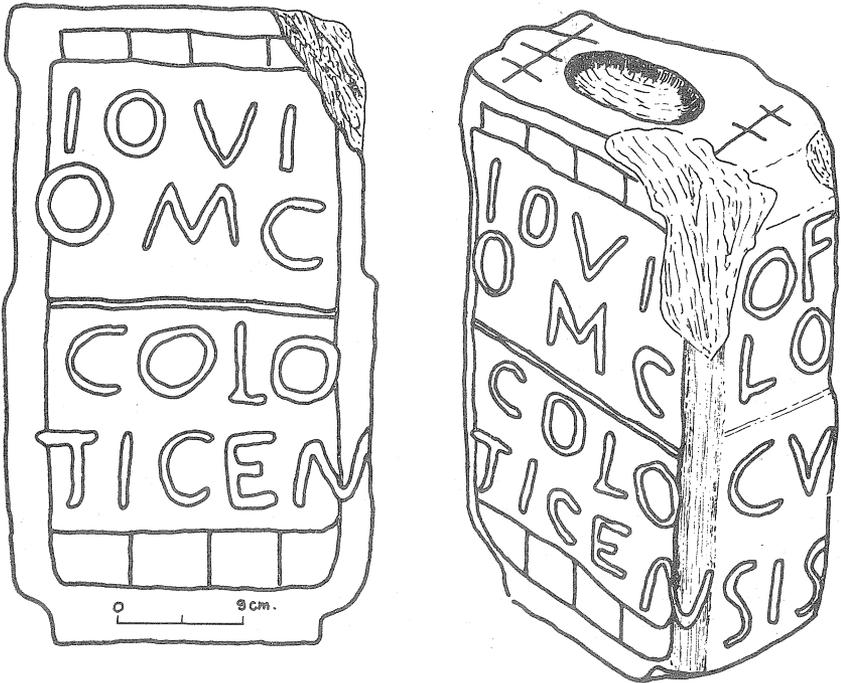
A ara tem, à primeira vista, a forma simples de um paralelepípedo de secção rectangular com 46 x 27 x 13 cm de dimensões, com duas faces gravadas, a anterior e a lateral do seu lado esquerdo.

As letras gravadas são todas maiúsculas do alfabeto latino, com alturas variando entre 5 e 9 cm.

No topo superior a face apresenta-se escavada no centro, formando um *foculus*, de forma elíptica, com 10 cm de comprimento e 6 cm de largura, e 1 cm de profundidade. Este *foculus* tem, de cada lado, como motivo ornamental, dois sulcos incisos

de frente para trás e interceptados por três pequenos traços incisos perpendicularmente aos primeiros.

O vértice esquerdo deste topo sofreu qualquer pancada que o trincou parcialmente.



O topo inferior, ou base, tem um «pé» de secção rectangular, com 3 cm de altura e que serviria para fixar a ara ao chão.

As faces laterais da ara não são rectilíneas como pareciam de início. Um pouco abaixo do topo superior inflectem para dentro e a ara adelgaça ligeiramente, mas antes de se chegar ao meio da sua altura, inflectem novamente para fora, aumentando novamente a largura da ara. Já perto do topo inferior

as duas faces laterais inflectem para dentro e continuam-se na base rectangular, ou pé, atrás mencionado.

A face anterior apresenta na periferia um rebordo ou moldura que enquadra o campo epigráfico. Este rebordo ou moldura tem em cima quatro riscos incisos verticalmente e, em baixo, apenas três, também verticais, que se destinam, certamente, a embelezar a face principal da ara.

O campo epigráfico desta face está dividido em duas partes iguais, por um sulco transversal.

Na parte superior com 16 x 21 cm, lê-se perfeitamente

I O V I  
O M C

com o «O» da segunda linha parcialmente inciso no rebordo do lado direito.

Na parte inferior, igualmente com 16 cm de alto por 21 cm de largo, também se pode ler perfeitamente

C O L O  
T I C E N

estando o «N» encavalitado no rebordo do lado esquerdo, dando a entender que o lapicida concluiu a palavra na face adjacente.

Na face lateral esquerda da ara, com um campo epigráfico medindo 38 cm de alto por 13 cm de largo, vêem-se gravadas, de alto a baixo, as seguintes letras

O F  
L O  
C V  
S I S

Nesta face lateral não existe qualquer sulco transversal que divida a face da pedra numa parte superior e numa infe-

rior. O que se nota é apenas o vinco resultante do ressalto da superfície da ara naquela face, que perto do meio da sua altura inflecte um centímetro para o lado de fora.

A ara pareceu-nos votiva a Júpiter, com os seus epítetos O(ptimo) M(aximo) C(onservatori). Porém, o P.<sup>o</sup> João Parente, delegado do IPPC em Vila Real e arqueólogo de reconhecido mérito, a nosso pedido fez o seguinte estudo da epigrafia:

Inscrição:

IOVI OF  
OMC LO  
COLO CV  
TICENSIS

Leitura:

IOVI O(*pimorum*) F(*eretrio*)  
O(*ptimo*) M(*aximo*) CLO(*dus*)  
COLO(*nus*) C(*oloniae*) V  
TICENSIS.

Interpretação:

A Júpiter, Ferétrio dos *spolia opima*  
Optimo Máximo (dedica) Clodius  
Colono da colónia u-  
ticense.

O P.<sup>o</sup> João Parente justifica a sua interpretação do seguinte modo:

«Uma vez que na última linha se lê indubitavelmente TICENSIS, também as anteriores devem, por mais insólito que pareça, ter igual leitura, considerando-as prolongadas nas duas faces da lápide.

«Assim, OF são abreviaturas, ou de *opus fecit*, ou de *opimorum Feretrio*, referindo-se, na segunda hipótese, que parece mais lógica, a um dos epítetos de Júpiter Capitolino

relacionado com a família *Clodia*, representado na figura de um guerreiro carregando despojos de guerra, aludindo ao famoso *Marcus Clodius Marcellus*, que matou em combate singular o chefe gaulês *Virdomarus* e entregou os despojos do vencido a Júpiter Ferétrio. Com esta interpretação concorda o nome do dedicante — *Clodius* — escrita alternativa de *Claudius*.

«Na terceira linha aparece claramente a palavra COLO, uma das várias abreviaturas de *colonus*, aliás confirmada pelo C subsequente, abreviatura de *coloniae*, redundância não rara na epigrafia latina, por sua vez em claro contexto com a palavra seguinte, que nos dá o gentílico *uticensis*.

«Útica, fundada pelos tírios em 1.100 a.C., foi a cidade mais antiga do Norte de África e a mais importante, depois de Cartago, constando na lista das 101 colônias romanas (1).

«Augusto conferiu-lhe as honras de *civitas* e tornou-se colônia no tempo de Adriano.

«Não é de admirar que um colono uticense viesse lá da longínqua *Zeugitana* à procura da famosa terra do ouro e do mais apreciado vinho. Com efeito, outra lápide encontrada na igreja de Santa Maria da Ribeira, perto da Estação do Vesúvio, também na região duriense (2), ou segundo outros, achada na aldeia da Torre do Pinhão, do próprio concelho de Sabrosa (3), foi dedicada por três irmãos à *Deusa Tutela Tiriense*, uma das divindades protectoras da antiquíssima Tiro, cidade metrópole de Útica.

«Parece que estas duas lápides se relacionam e nos falam das relações então havidas entre as florescentes províncias de África e a região meridional da Galécia, intercâmbio aliás demonstrado pelas moedas cunhadas em Cartago e Alexandria que por aqui aparecem».

É natural que outras leituras se possam fazer. Ficamos à espera que os especialistas se pronunciem.

Esta ara de Sabrosa, votiva a Júpiter, é a 18.ª descoberta em Trás-os-Montes. Até aqui tinhamos 15 dedicadas a *Jupiter Optimo Máximo*, encontradas nos seguintes locais: Castanheira, Tronco, Chaves, Travanco, Vinhais, Friães, Vila Pouca

de Aguiar, Babe, Vilarelho de Três Minas, Ribeira de Pena, Vilar de Maçada, Sant'Ana de Riba Longa, Mouçós, Moncorvo e Val-Telhas.

A *Jupiter (Optimus Maximo) Conservador*, conservador ou protector dos homens, existia uma ara encontrada entre Carviçais e Martim-Tirado (Moncorvo) e a árua de Lagoaça (Freixo de Espada-à-Cinta).

1. Cf. Eckhel e Mionnet, *apud Seth William Stevenson, F. S. A., A Dictionary of Roman Coins*, London, 1964, pág. 228.
2. Cf. Mário Cardoso, *Catálogo do Museu de Arqueologia da Sociedade Martins Sarmiento*, 2.ª edição, Guimarães, 1972, pág. 41.
3. Cf. José d'Encarnação, *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*, Lisboa, 1975, pág. 294 e segs.

CARLOS ERVEDOSA \*

Investigador do IUTAD e sócio da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

\* 5060 Sabrosa.

### 33.ª Campanha de trabalhos no Castro de Carvalhelhos Agosto — 1984

No dia 6 de Agosto abalei do Porto às 8 horas e meia, cheguei a Carvalhelhos à meia tarde.

Persiste a dificuldade de se conseguir pessoal jornaleiro. Nem na aldeia de Carvalhelhos nem na de Bêça, tampouco na de Lavradas consegui pessoal jornaleiro, para trabalhar no Castro duas semanas.

No dia 9 consegui dois rapazes para continuarem a escavar o fosso n.º 1 da vertente do lado poente, que corre paralelo à 2.ª muralha.

A Empresa de Carvalhelhos cedeu-me dois homens, seus empregados, para pôr em cima da muralha as pedras do para-

mento do mesmo que na campanha de 1983 tinham aparecido no decurso da escavação do fosso, e tinha sido arrumada à borda do fosso na base da muralha.

Eram mais de 300 pedras de granito com uma face apicotada, prova que a muralha foi derruida para entulhar o fosso. Foi a eliminação concomitante de duas linhas de defesa, muralha e fosso.

A abundância das pedras de granito com uma face bem apicotada, com boas condições para fazer parede, por terem sido deixadas, permite crer que não foram os habitantes de Carvalhelhos que derruíram aqueles pedaços da 2.<sup>a</sup> muralha, pois a tê-lo feito arrancariam as pedras da muralha, e, em carro de bois, as teriam levado para fazer muros ou paredes de qualquer projectadas construções.

Julga-se que é mais um elemento a juntar à hipótese, que puz em trabalhos anteriores, de que aquele castro teria sido arrasado aquando das invasões romanas.

Um dos rapazes, estudante de curso superior, ainda assentou algumas das pedras de granito da face apicotada sobre o que foi possível refazer com as pedras tombadas e mais ou menos enterradas no entulho pedregoso que marcava o alinhamento da muralha e tapava o pouco que delas restava; por assim dizer o seu alicerce.

Como nos mais anos há sempre trabalhos de limpeza e conservação.

Se bem que com as pulverizações do herbicida Roundup e do arbusticida Monticida grande parte do mato tenha secado, alguns tufos maiores de carquejas ou por terem sido insuficientemente pulverizados ou por a concentração do pesticida ser fraca, em consequência do excessivo grau de diluição, embora quase todos secos ainda mostravam algumas pontas verdes.

Há 3 anos que venho ensaiando o uso dos pesticidas referidos não só no Castro de Carvalhelhos, mas também no Castro

da Curalha, onde em 9 e 10 de Julho deste ano de 1984 se procedeu a mais uma pulverização dos pesticidas Roundup e Monticida.

Não pude voltar à Curalha. Por informação do Dr. Adérito Medeiros Freitas, de que fui companheiro nos trabalhos das últimas 9 campanhas ali feitas, soube que a acção dos pesticidas foi notória, porquanto até o carvalho também secou.

Há que ajustar o diluição dos pesticidas de acordo com a maior ou menor resistência das plantas que se pretende eliminar.

Não me foi possível fazer a habitual campanha em Outubro de 1984 que tenho feito nos anos anteriores.

Campanha que tenha sido projectada para completo isolamento da casa, a poucos metros e a sul do pinheiro manso, que descobri, retirando as muitas pedras e alguma terra que recobriam as suas paredes.

Pelos pedaços de cerâmica que descobri ao isolar as paredes é de crer que com prosseguimento do trabalho deve aparecer bastante cerâmica, muito provavelmente como é de norma, muito fragmentada.

É nosso propósito quer da minha parte quer do companheiro Dr. Adérito Medeiros prosseguir no estudo dos castros trasmontanos nomeadamente no de Carvalhelhos, no da Curalha e do Mau Vizinho.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»  
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto  
Outubro de 1984

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR \*

Presidente da Soc. Portuguesa  
de Antropologia e Etnologia

\* Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4445 Ermesinde.

### Ruínas de ponte romana no Itinerário de Chaves a Vinhais

Os estudiosos destes assuntos nem sempre conseguem elementos que lhes removam dúvidas, já que a memória humana facilmente esquece aquilo que se vai dispensando do uso habitual.

Fala-se em duas saídas de Chaves para nascente. Uma é por São Lourenço, bem assinalada, com a sua calçada romana ainda visível, e com a ponte minúscula ao cimo da dita aldeia, e a pouco distância da ponte actualmente em uso.

Foi lá mostrar-ma o senhor Engenheiro Bento Morais Sarmiento há uns anos atrás. Dali, alvitram alguns que a via seguiria por Vilarandelo.

Não falta quem defenda, como segunda possibilidade, outra via por Faiões e Assoreiras, subindo o Souto Bravo para a vila e castelo de Monforte de Rio Livre, continuando por Noselos, cujo pontão existente e em uso, parece não ser romano.

Os interessados nestas andanças não tiveram certamente oportunidade de subir à aldeia de Tortomil, situada na linha directa da via, desde São Lourenço, por Tinhela e Fiães, onde recolhi o dizer dos homens mais velhos daquela terra. Eles me afirmaram que ali passava a estrada romana vinda de Chaves por São Lourenço, Tinhela e Fiães, descendo depois pela *Quinta de Picões*, até ao rio Rabaçal. Há tantos anos se perdeu essa via, que ninguém dava relações da ponte romana ao fundo da referida *Quinta de Picões*.

É que o trânsito fora desviado há muito para norte. Por isso existiram as pontes ditas de Vale de Armeiro junto à confluência dos rios Mente e Rabaçal, uma em cada rio a montante da junção,

O tráfego passou a orientar-se por Lebução, até próximo da aldeia de Vilartão, tomando o monte desta, pela face de norte, a caminho das referidas pontes de Vale de Armeiro.

São bem visíveis os fundos trilhos pelo monte. Lá passei há doze anos. Hoje estão sem tabuleiros, que arderam.

A velha ponte romana perdeu-se entre o mato e os fragedos, apenas conhecida dos pescadores das trutas, que por ali vão passando e sem raciocinarem sobre o significado das pedras em que se sentam, tomados pela paixão desportiva.

Quem viaja na estrada que hoje liga Chaves a Vinhais, encontra, sobre o Rabaçal, a ponte de Rebordelo, alta, elegante, bem lavrada, e bem segura.

O Rabaçal, pela sua extensa bacia, desde os picos da serra da Sinábria, em ocasião do degelo das neves e de grandes temporais, leva grandes cheias.

Ora a menos de um quilómetro para montante desta ponte actual, existem os restos da ponte romana que teria três arcos, em sítio estreito, de molde a facilmente abraçar as duas margens.

A zona é de difícil acesso, com as margens rochosas e de acentuado declive, com afloramentos graníticos em profusão. O próprio leito do rio mostra-se juncado de rochedos arredondados a emergirem acima do nível das águas.

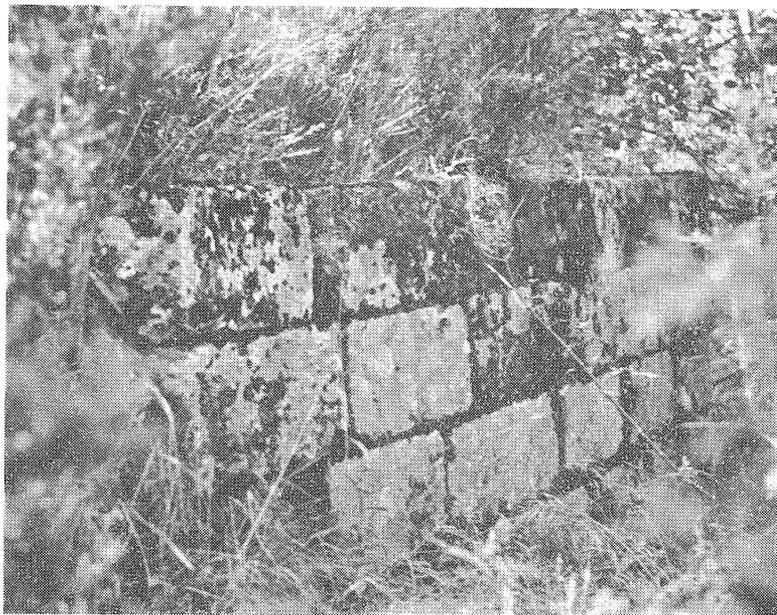
Um destes rochedos foi escolhido pelos romanos para ser desbastado, em parte, acima do nível da água, e sobre ele nasceu o pegão principal da ponte.

O seu corta-mar começou acima do nível da corrente, mas depois, para a ponta, as pedras foram assentes em níveis cada vez mais baixos, sob a água.

Na margem esquerda do rio, o paredão da ponte começa sobre uma rocha, a cerca de metro e meio acima do nível da água, emoldurando uma escarpa, aproveitada muito curiosamente para enchimento do seu interior. Ainda nos mostra algumas fiadas bem firmes.

Na margem direita nasce outro pegão, também, mais ou menos, à altura de meio metro acima do nível da água.

O último suporte, o quarto a contar da margem esquerda para a direita, assenta numa plataforma, na cota dos dois metros acima do nível da água.



Restos do pilar da ponte romana, na margem direita do Rio Rabaçal.



Restos do muro da ponte romana na margem esquerda do Rio Rabaçal.

As medidas, da margem esquerda para a direita são 10 m de vão, 3,60 m de pilar, mais 15,50 m do segundo vão, mais 3,60 do outro pilar e ainda 9 m do último vão.

A largura da ponte, medida na parede existente na margem direita, é cerca de 4,50 m.

O segundo pegão, ainda bem sólido, mostra o corta-mar, tanto a montante como a juzante, em sentido oblíquo, à busca da rocha marginal, aonde se vai apoiar. Por cima houve obra humana à toa, especialmente na plataforma que envolve o último muro ainda existente do lado direito, para aproveitamento do terreno circundante, povoado de oliveiras abandonadas hoje entre o espesso matagal.

Ao nível do tabuleiro, deste lado em causa, o solo é em grande declive, de terra mole e fértil, e semeado de rochas.

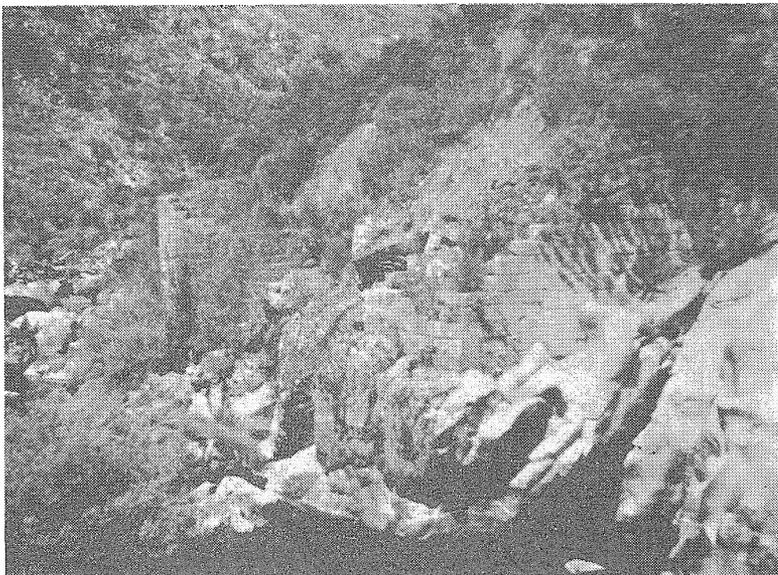
Não é fácil adivinhar, nestas circunstâncias, o trilho da via, que deve ter sido desfeito para o cultivo das oliveiras ainda existentes. Estas não mostram idades propectas. Terão, quando muito, trezentos anos ou quatrocentos.

No cima do declive sobranceiro à ponte, ainda do lado direito do rio, nota-se entre os pinheiros uma rodeira de carro que desce para o lado de juzante. Todavia, parece mais fácil e mais provavelmente o acesso à ponte ser por montante.

A margem esquerda do rio, junto ao tabuleiro, é muito alcatilada uma face granítica a elevar-se muitas dezenas de metros, onde deve ter sido difícil abrir o caminho de acesso. A pedra para a ponte teria sido cortada pelo sítio onde iria sendo aberto o caminho.

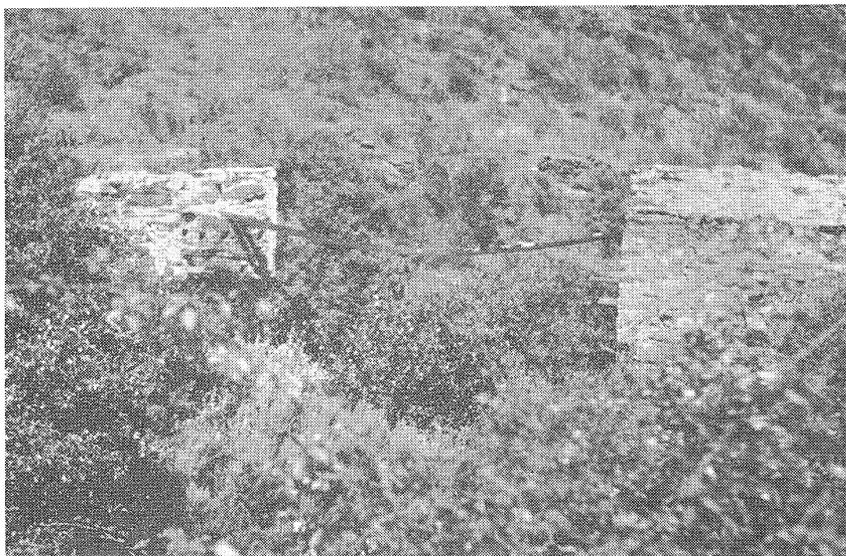
Também deste lado se podem admitir duas hipóteses: Uma saída para nordeste, mas com forte subida, ou então a (mais provável?) via para noroeste, ao longo da margem do rio, ladeando o monte para seguir por Vale de Armeiro.

As margens rochosas naquela área mostram o tom diferente da sua fronte: rosto lavado e corado até ao nível das enchentes, contrastando com a tiz morena na face superior, onde os líquenes espreitam amedrontados, o referver das águas impetuosas e ameaçadoras, nas horas de grandes cheias.



Fotografia tirada para o lado nascente do rio

Restos das duas pontes, na margem esquerda do Rio Rabaçal, às quais se faz alusão no texto, vendo-se o leito pedregoso.



Restos da ponte de Vale de Armeiro, cujo tabuleiro foi queimado há poucos anos, a qual era sobre o Rabaçal, poucas dezenas de metros acima da confluência do Mente.

A uns vinte e cinco metros de distância dos restos da ponte romana, outros restos de outra ponte existem, para montante.

Esta segunda ponte mostra ainda um muro de suporte na margem esquerda, com cerca de sete metros de altura. A face deste muro, voltada para a corrente, é arredondada. Esta forma convexa deixa-me intrigado. Ali não podia nascer um arco. Por isso penso que a ponte seria com tabuleiro de madeira. As fiadas das pedras são de medidas irregulares, ao contrário da outra ponte. São assentes em calços de xisto com argamassa. Na outra ponte, são assentes em rigorosa junta seca e leito primoroso.

Na margem direita, o muro de suporte desta segunda ponte é sobre enorme fragão; mas já só mostra um restinho de pedras bem assentes, vendo-se enormes quantidades delas amontoadas no chão. A distância de um muro ao outro, será de uns vinte e quatro metros; e o leito do rio, semeado de rochedos pequenos e arredondados, não mostra sinais visíveis de obra humana. Por isso não há hipótese de um pilar de pedra a meio do rio.

Um singular aparelho de carpintaria, — à semelhança do que ainda vi uns dez quilómetros acima, na ponte que sobre o rio Mouce ligava a aldeia de Segirei (concelho de Chaves) com Sandim (concelho de Vinhais) e outras aldeias de Lomba — poderia ter existido, para vencer tal distância entre as duas margens.

Esta ponte rudimentar teria sido a sucessora da ponte romana, para garantir o tráfego naquela região, dando continuidade aos usos estabelecidos e aproveitando os trilhos existentes.

A meio do rio, sob o tabuleiro, um rochedo de dimensões não grandes, dá a ideia, pelo orifício que tem, de haver sido preparado para nele introduzir forte tronco de árvore que se erguesse como atlante para, ao menos, ajudar ao lançamento das traves.

Ambas as pontes teriam igual altura para atingir o mesmo nível do caminho.

Mais para norte, do lado esquerdo do rio, existem lanços de muros de suporte que, apesar de irregulares e imperfeitos, parecem ser do caminho para Vale de Armeiro. Correm ao lado do rio, para montante, e a curta distância da margem. Nada garante a sua origem, mas tudo leva a crer que seja da via romana.

A cerca de um quilómetro para norte, também a montante destes restos destas duas pontes em causa, outro muro existe, perto da água, num local em que o leito do rio é muito largo, em relação ao sítio estrangulado da ponte romana.

Esse muro encontrava-se, no dia em que o vi, no meio de tão espesso matagal, que não me foi possível verificar qualquer pormenor acerca da sua razão de ser.

Ali poderá ter existido um pontão a substituir a falha das pontes em baixo arruinadas, obra talvez popular e de emergência para o inverno, já que no verão ali se passava muito bem o vau. Ambas as margens dariam bom acesso ao caminho e até a encurtar a distância do zigiguezague no desfiladeiro para alcançar a ponte.

Era um dia de Agosto, quente, sem pé de vento. Tentei chegar às pontes de Vale de Armeiro. Tive dificuldades em alcançá-las, pois os fragões são muitos e difíceis de ultrapassar, assim como as silvas e os arbustos. Sentindo o perigo da insolação, pela hora de sesta, e só, fotografei ao menos o resto da ponte sobre o Rabaçal, acima da confluência do rio Mente. A ponte deste, já não consegui dirigir-me, abrasado e febril como me sentia.

Regressei a custo até ao carro que ficaria junto à ponte de Rebordelo, para ir ao povo em busca de remédio que me ajudasse naquelas circunstâncias, já que estas investigações, às vezes nos deixam um sabor amargo...

ANTÓNIO DA EIRA

Professor na Escola Preparatória de Vila do Conde  
Sócio da Soc. Portug. de Antrop. e Etnologia

### Contribuição para o estudo dos jogos populares de Quintã (Campeã) — Vila Real

Quintã é uma aldeia trasmontana onde se vive do cultivo da terra e da criação de gado bovino. Situada na zona planáltica de entre Marão e Albão, faz parte da região de Campeã. Sofreu a influência dos costumes minhotos, porque o Marão não impedira a boa vizinhança da gente de «Trás da Serra». Também ali se sabe alguma coisa da vida dos durienses, pela relativa proximidade e intercâmbio.

A cultura tem asas e cinge os povos com um muito amplo abraço.

Na sequência de alguns trabalhos que sobre os jogos populares de Quintã publiquei in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, no fascículo II e III do Vol. XXIII, pág. 289, *Notas Etnográficas de Quintã*, onde se fala do jogo do Nicho; no fascículo I do Vol. XXIV, pág. 172, — *Como se joga o fito em Quintã*; no fascículo III, Vol. XXIV, pág. 548, *O jogo da bola em Quintã*, que por seu cunho especial de verdadeiro espectáculo cheio de movimento e arrebatador do público, merece não se deixar cair no olvido.

Surge agora a ocasião de escrever acerca de mais um jogo.

#### O JOGO DO MALHÃO

Este *Jogo do Malhão* tem sido um dos desportos mais usados em Quintã.

E é, nada mais, nada menos, do que uma modalidade do lançamento do peso.

Cada terra tem seu uso, e cada roca tem seu fuso.

De jogo universal, passa em Quintã a ter de singular, pelo menos, a nomenclatura.

Neste Jogo do Malhão, o mais usual, em Quintã é a utilização de uma simples pedra, por ser elemento sempre à mão.

Dá este jogo servir de entretenimento a qualquer hora, em qualquer sítio onde a disponibilidade dos trabalhos do campo o permita.

A bola de ferro também se usa.

O ferro é no entanto considerado o elemento primacial, quando se juntam os melhores atiradores, aos domingos de tarde, para, a sério e a valer, experimentarem forças, beberem uns copos de vinho e mostrarem ao público as suas habilidades.

O ferro é uma barra cilíndrica, com cerca de um metro de comprimento e o peso de quatro a cinco quilos.

## O JOGO EM SI

Marca-se no chão o lugar onde se devem assentar os pés para dali atirar o que vai ser arremessado.

Esse lugar marcado denomina-se «o posto».

Ali o jogador, de pernas abertas e os pés bem assentes e afastados 60 a 65 cm, procura ajustar-se a posição bem firme e perfeitamente equilibrada.

Depois balanceia o ferro, agarrando-o bem no meio, tanto pelo lado direito como pelo esquerdo.

O balanço é feito uma ou mais vezes, para em seguida o ferro ser atirado a toda a força, equilibradamente e com toda a prudência devida, para não fugir às normas do jogo, que são as seguintes:

O arremesso deve ser feito mantendo-se o jogador na sua posição correcta bem equilibrada.

Não deve mexer-se os pés e muito menos pisar o risco do posto ou tocar com os pés na vara que tem moedas postas em cima.

Os dois pés, geralmente, ficam firmes, parados, ou quase nada mexidos com as biqueiras do calçado a razar o risco do posto sem o pisar.

É de regra no lançamento, não perder o equilíbrio do corpo. Se alguém tocar com a mão no chão, já o lançamento não vale.

À frente do posto coloca-se uma vara com moedas sobre ela. No caso de se tocar na vara com os pés, o lançamento fica invalidado, desde que alguma das moedas caia ao chão.

Embora em algumas regiões se usem outras modalidades deste desporto, por exemplo o seu lançamento por entre pernas, aqui foi sempre feito de pé, a toda a força de extensão do braço acompanhada de torção do tronco.

Os intervenientes vão «atirando» à vez, uns em seguida aos outros:

«Agora sou eu a «atirar»...

Quando são muitos, demoram bastante tempo a «correr a roda» e ninguém gosta de perder a sua vez de atirar.

Tardes inteiras se passam neste agradável desafio.

Quando a competição desportiva envolve o apuramento do melhor «jogador do malhão» de toda a área regional, então a preceito se fazem as coisas.

As moedas são o fiel do toque.

Numa competição destas, usa-se, como objectos do lançamento, o ferro. Este deve ter aproximadamente um metro, que se for mais comprido pode magoar as pernas de quem o atira.

O ferro é agarrado com a mão direita e bem a meio, jogando-se ou lançando-o com a preocupação de ele seguir a sua trajectória a prumo, cair de bico e tombar ao para lá.

Para a medição do «ponto» feito, isto é, da distância alcançada, conta ao cair no chão, a ponta do ferro que ficar mais recuada.

Cada concorrente marca com uma pedrinha ou um pauzinho espetado no chão, o ponto do seu melhor tiro.

Não há dúvida de que a força muscular é importante; mas o jeito tem a sua especial influência.

O melhor atirador do malhão, de que fala a tradição local, é o António Augusto Clemente, de Quintã. Começou logo de

pequeno a apaixonar-se por este desporto. Já o seu pai era um bom desportista, dotado de força e jeito.

O António Augusto assim conta as suas vitórias.

«A primeira vez que ganhei o prémio, foi na Feira da Campeã, no leilão que os mordomos da festa da Santa Ana fizeram, aí pelo Maio, no domingo em que ergueram o mastro. Era mordomo o António Dias de Pepe. Foi em 1951.

Eram mais seis concorrentes ao prémio: O Jaime de Beçãozinho, o Manuel Grande de Vila Cova, que já morreu, o Nelson Goivinhas também de Vila Cova, o José Frutuoso de Beçãozinho e o Cantoneiro da Granja, que, na ocasião morava em Pousada. O prémio foi um galo.

Logo adiante, pela festa da Senhora da Serra, em Julho, houve outra disputa em Pousada.

Voltei a ganhar, ficando em segundo o Grande de Vila Cova. Também concorreu o Cantoneiro da Granja e o Chico Augusto de São Miguel da Pena. Era o segundo galo que ganhava.

No lugar da Foz, noutra competição, ganhei outro galo.

Era eu, o Albertino, o Mário da povoação de Currais e o Luziário de Gontães.

Em Serarelhos, voltei a ganhar, sendo mais os seguintes concorrentes: o Albertino de Quintã, o Mário de Currais, o Joaquim Bogalhoça da Pena e Angelo Barroia, também da Pena. Lesto em Maio de 1960.

Juntei três galos na capoeira a cantar ao desafio.

Na Granja o prémio que ganhei foi um cabrito. Pagou-o a Comissão de Festas.

Era eu, o Eduardo Martins de Gontães, o Chico Martins de Gontães, e o Silvestre de Arrabães.

Com um ferro de quatro quilos e meio, fiz um lançamento de vinte metros. Agora, com cinquenta anos, só... doze metros!

Em Beiriz era costume experimentarem a força com um rebole de pedra que estava à porta da Capela. Quem o levantasse do chão um nadinha, já fazia vantagem.

Eu ia lá todas as noites experimentar forças.

Levanteio-o quase até ao ombro. Pesava onze arrobas com cinco quilos, ou seja: 170 quilos.

Como a gente andava sempre nisto, não custava nada».

### CONCLUSÕES

Além de servir de passatempo, o *Jogo do Malhão*, que é um excelente exercício muscular, presta-se a desafios de competição.

O exemplo dos homens arrasta os mocitos e até as próprias crianças que de pequeninas se vão treinando naquilo que vêem fazer à gente grande.

De passatempo, não deixa de transitar a renhida competição para o apuramento do mais valente.

A tradição popular conserva nos anais da memória a lembrança dos grandes atletas aos quais sempre se rendeu um certo culto de veneração.

Esses valentões, não tendo entre o povo quem os premeie, sentir-se-ão recompensados pela coroa dos louros da sua fama. Aí residirá para eles, a melhor e a única paga. Um certo temor e respeito os envolve numa espécie de aura de gigantes, transportando-os ao nível dos homens consagrados pela lenda.

A felicidade de alguns homens pode estar dependente destas pequenas — grandes coisas, com o natural orgulho de serem dos primeiros.

### SUMMARY

The Play of the Malhão is a sportive activity used at Quintã, a small village of Vila Real district.

This game, called Malhão is similar to putting of theweight.

One use the iron a cilindric bar. Astone is sometimes used instead, or, more rarely, an iron ball.

The rules are very simple.

ANTÓNIO DA EIRA \*

\* Bairro do Agro Velho, casa n.º 2 — Aver-o-Mar — 4490 Póvoa de Varzim.

**Abdicação do Prof. Santos Júnior  
de Presidente da Sociedade de Antropologia**

No Fasc. II, Vol. 24 dos Trabalhos de Antropologia e Etnologia, Porto, 1982, intercalou-se uma notícia convocatória da Assembleia-Geral da nossa Sociedade Portuguesa de Antropologia, para 12 de Dezembro de 1983, que se reproduz a seguir:

AOS SÓCIOS DA SOCIEDADE DE ANTROPOLOGIA

Há já alguns anos, e pelo menos há 7 ou 8, que venho insistindo, com os companheiros do Conselho Director da nossa Sociedade de Antropologia, na promoção de uma Assembleia-Geral, para, além do mais, se proceder à eleição de novos corpos gerentes, tendo principalmente em vista a minha substituição, elegendo um novo Presidente. Por decisão do Conselho Director da Sociedade, a Assembleia-Geral é já anunciada para as 18 h, do dia 12 de Dezembro de 1983, no anfiteatro da Zoologia da Faculdade de Ciências do Porto. Reunirá com qualquer número dos sócios presentes. (Art.º 8.º dos Estatutos da Sociedade).

Apesar de ano após ano ter realçado as vantagens da minha substituição por pessoa capaz e em pleno vigor, este meu parecer não tem sido concretizado por desacordo dos componentes do Conselho Director, certamente por carinhosa amizade pelo seu velho professor e velho amigo.

Os anos passam. Os homens envelhecem perdendo muitas das capacidades inerentes ao bom desempenho dos lugares de comando. Por isso impõe-se a substituição.

Para o prosseguimento de alguns projectos pendentes e resolução de problemas em via de concretização, poderei, se Deus me der vida e saúde, continuar na Direcção da Sociedade de Antropologia neste ano de 1983. Na certeza porém de que na Assembleia-Geral de Dezembro apresentarei a minha abdicação como Presidente do Conselho Director da nossa, e para mim muito querida, Sociedade de Antropologia.

S. J.

Como se vê, ao mesmo tempo que se indicava a data da Assembleia-Geral, manifestava-se o propósito de eu abdicar da qualidade de Presidente da Sociedade.

Naquela Assembleia-Geral as coisas correram de tal modo que, de acordo com o princípio, ou norma, de que como sócio de qualquer Sociedade, especialmente de agremiações científicas, nenhum sócio deve recusar-se ao desempenho do cargo para que fôr eleito, acedi ao parecer da Assembleia que manifestou o desejo de que eu continuasse Presidente da Sociedade.

Em 1984 na convocatória para a Assembleia-Geral voltei a realçar a conveniência de eleger novo Conselho Director, tanto mais que o Vice-Presidente Prof. Abel Sampaio Tavares, não acedia a ser o novo Presidente, como aliás era de prever, dado o rotativismo, Anatomia — Antropologia, que desde 1918, data da fundação da Sociedade, tem sucedido.

Em 1918 foi eleito Presidente o Doutor Luís Viegas, Prof. de Anatomia da Faculdade de Medicina, e Vice-Presidente o Doutor Mendes Correia, Prof. de Antropologia.

Por falecimento do Prof. Viegas, o Vice-Presidente Prof. Mendes Correia foi eleito Presidente, e entrou como Vice-Presidente o Doutor Hernâni Monteiro, Prof. de Anatomia.

Com o deslocamento do Prof. Mendes Correia para a Universidade de Lisboa foi eleito Presidente o Prof. Hernâni Monteiro e eu, Prof. de Antropologia, entrei como Vice-Presidente.

Quando o Prof. Hernâni Monteiro deixou de ser Presidente, fui eu eleito Presidente e como Vice-Presidente o Doutor Abel Sampaio Tavares, Prof. de Anatomia.

Com a minha abdicção, e cumprindo o rotativismo referido, o novo Presidente seria o Prof. Abel S. Tavares, que se reformou antes de atingir o limite de idade, e por várias razões, que evo-

cou, pediu para não fazer parte do novo Conselho Director que fosse presente à votação da Assembleia-Geral.

A observar-se o rotativismo, reflexo das intimas relações dos referidos departamentos da Antropologia e da Anatomia, em face da retirada do Prof. Abel S. Tavares, e da escusa dos demais Professores da Anatomia, competia fazer parte da lista do novo Conselho Director a apresentar à votação, e como seu Presidente, o Prof. de Antropologia, que era o Doutor Machado Cruz.

Abordado repetidas vezes procurou-se conseguir que o colega Machado Cruz anuisse ao propósito do Conselho Director da minha presidência que, por unanimidade, entendia ser conveniente que fosse ele o novo Presidente. Entre outras razões, havia, por assim dizer, obrigação do cargo de Prof. de Antropologia e Director do Instituto de Antropologia, e ainda o facto de a Sociedade de Antropologia, há muitos anos ter vivido irmanada com o referido Instituto.

Dado o propósito formal de eu abdicar da Presidência da Sociedade decidiu-se promover uma Assembleia-Geral extraordinária para o dia 15 de Março de 1985 que foi anunciada no fascículo, o último a ser distribuído.

Além da convocatória-geral, feita com a distribuição do fascículo, resolveu-se solicitar a comparência de um pouco mais de uma centena de sócios residentes no Porto e no norte do País, em terras não muito distantes da sede da Sociedade. E assim é que foram enviados um pouco mais de 100 postais, lembrando que a Assembleia-Geral iria reunir em 15 de Março.

Nesse postal acentuava-se que, como é de norma, far-se-ia, a apresentação de contas e acrescentava-se. «Há que eleger uma nova Direcção, fazer algumas alterações aos Estatutos,

nomeadamente quanto ao valor da quota anual e abordar alguns aspectos inerentes à vivência da Sociedade de Antropologia».

Esta convocatória por via postal foi baldada, porquanto àquela Assembleia extraordinária só apareceram 20 sócios além de 4 membros do Conselho Director em exercício.

Foi apresentada só uma lista para o novo Conselho Director assim constituída:

Presidente — Victor Oliveira Jorge

Vice-Presidente — Eduardo Jorge Lopes da Silva

Secretário — José Viale Moutinho

Tesoureiro — Domingos Cruz

Vogal — Mário Barroca

Posta à votação foi aprovada por 14 votos, com 6 votos contra e 4 abstenções.

Entre a Direcção cessante e a recém-eleita houve troca directa de impressões quanto à sede da Sociedade na Fac. de Ciências, e quanto à já importante Biblioteca da Sociedade, que, desde o tempo da presidência do Prof. Mendes Correia, foi incorporada na Biblioteca do Instituto de Antropologia, que, por proposta minha ao Conselho da Faculdade de Ciências, e aprovada por unanimidade, tem hoje o nome de Instituto de Antropologia Dr. Mendes Correia.

Acentuou aquela Assembleia que a orientação da publicação do fasc. 1.º do Vol. 25 ficaria a cargo do Conselho Director cessante até ao remate da impressão, já então iniciada.

Quanto às verbas que foram concedidas para trabalhos expressamente designados, nomeadamente estudo e valorização de castros trasmontanos, ficariam cativas e a cargo da Direcção

cessante, até ao remate dos mesmos trabalhos e sua publicação.

Alguns dias após a realização da Assembleia-Geral extraordinária de 25 de Março, um nosso consócio disse-me estar na disposição de requerer a anulação daquela Assembleia Geral Extraordinária, ilegal e antiestatutária; chamou a minha atenção para o § 1.º do art. 9.º dos Estatutos da Sociedade, que se transcreve.

«§ 1.º As assembleias gerais extraordinárias não reunirão sem estar presente a maioria dos sócios residentes no Porto, excepto quando se tratar de uma segunda convocação, porque neste caso a assembleia funcionará com qualquer número de sócios».

Pedi ao referido consócio que se abstivesse e que iria levar ao Conselho Director à sua pretensa ideia.

Houve acordo unânime do Conselho Director cessante em não dar seguimento à ideia apresentada pelo sócio que chamou a nossa atenção para o art. 9.º dos Estatutos, e que àquele Conselho não parecia oportuno criar embaraços.

No entanto em carta por correio simples que enviei ao Prof. Vítor Oliveira Jorge comuniquei-lhe o facto, e o parecer do Conselho Director cessante quanto ao não cumprimento do art. 9.º dos Estatutos, que àquele Conselho parecia oportuno não criar embaraços.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»  
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto  
24 de Junho de 1985

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

Prof. jub. de Antropologia e de Sociologia  
da Fac. de Ciências da Univ. do Porto

## Subsídios

Para 1985 foram concedidos à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, para actividades—trabalhos de campo e de gabinete — e para publicações, em especial de «Trabalhos de Antropologia e Etnologia, revista da Sociedade, os seguintes subsídios:

Instituto Nacional de Investigação Científica (4-Fevereiro-1985) . . . . .	100.000\$00
Fundação Calouste Gulbenkian, «para comparticipação de um fascículo das revistas da Sociedade de Ornitologia e da Sociedade de Antropologia 250.000\$00 que poderão atribuir-se ao fascículo da Sociedade de Antropologia (11-Julho-1985) . . . . .	125.000\$00
Câmara Municipal de Chaves, para trabalhos no Castro da Curalha (13-Fevereiro-1985) .	100.000\$00
Empresa de Águas de Carvalhelhos para trabalhos no Castro de Carvalhelhos (10-Maio-1985) . . . . .	25.000\$00

As entidades que atenderam os pedidos de ajuda para actividades na realização de trabalhos de campo e de gabinete, e sua publicação, nomeadamente deste 1.º fascículo do vol. 25 da revista da S. P. A. E. e distribuição pelos sócios e cerca de 500 entidades nacionais e estrangeiras com que mantemos permuta, são devidos agradecimentos em nome da Soc. Portuguesa de Antropologia e Etnologia e em meu nome pessoal.

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

## REVISTA BIBLIOGRÁFICA

---

ANTÓNIO FRAGUAS FRAGUAS — **Aportacion ó cancionero de Cotobade**, Publicación da Fundación Otero Pedrayo, Trasalba (Orense), Junho 1985, 114 págs.

O A. geógrafo e etnógrafo de assinalados méritos, atestados por muitos e valiosos trabalhos, publicados ao longo da sua já longa vida de catedrático do Liceu Rosalia de Castro, de Santiago de Compostela, e de investigador apaixonado pela sua terra natal, a mimosa e encantadora Galiza.

No Seminário de Estudos Galegos, desde novo, trabalhou ao lado de Otero Pedrayo, de Risco e de Cuevillas, nos vastos campos da Geografia e da Etnografia, e, como não podia deixar de ser, em Arqueologia.

Este livro é do cancionero de Cotobade, especialmente do lugar de Loureiro, onde o A. nasceu e passou a sua meninice. Dali fez o seu curso liceal até à entrada na Universidade de Santiago.

O conhecimento da terra de Cotobade e da sua gente, em estreito contacto e convívio, levaram-no a, amorosamente, estudar, vivendo-os, os usos e costumes da terra natal tantas vezes referidos em muitas das suas publicações.

No trabalho que se analisa faz judiciosas considerações sobre a criação, vivência e difusão das cantigas populares. Na sua

quase totalidade são formadas por quadras de versos de 7 sílabas, que se cantavam de dia em todos os trabalhos agrícolas, e nas caminhadas para os campos e para os montes. De noite, cantava-se no *fiandeiro*, *serão* ou *ruada*, sala gratuita ou alugada, com bancos improvisados com tábuas onde se sentavam as raparigas tocando as pandeiretas e os rapazes ao redor,

Cantavam todas as noites desde o dia de todos os Santos, época dos magustos, até à terça-feira de Entrudo.

O A. publica uma série de 982 quadras e mais 10 composições poéticas, entre elas as de *Parrafeo*, ou seja quadras contadas em diálogo sequente por rapaz e rapariga.

Entre outras judiciosas considerações, diz a pág. 14 que as quadras publicadas no seu cancioneiro, «son reflexos de tempos passados, de episódios do século XIX. Cantaronse todas, pero non volveran a cantar-se mais».

E na pág. 18 escreveu: «As cántigas son vellas manifestacións dum mundo desaparecido, transformado; hoxe non se entenderiam moitas delas, que oídas entonces nunha leira ou no serán seriam moitas as que se decatasen do que queria decir quen as cantara».

O introito ou «Limiar», pág. 7 a 9 feito por Xaquin Lorenzo Fernandez, outro grande galego e um dos maiores etnógrafos entre os maiores, aprecia em termos laudatórios a personalidade do A. e exalta-a, com inteira justiça, na sua amorosa dedicação ao estudo da terra mãe, a Galiza.

SANTOS JÚNIOR

## ESCLARECIMENTO

A Assembleia Geral da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia que foi convocada para a noite de 15 de Março de 1985, e se realizou, tinha, em vista a abdicação do Presidente do Conselho Director da S.P.A.E., a discussão e votação das contas do ano findo e proceder à eleição do novo Conselho Director (Vid. pág. 187 deste fascículo).

A Assembleia foi considerada pelo Conselho Director cessante como Assembleia Extraordinária, porque, em Dezembro anterior é que deveria ter tido lugar a Assembleia Ordinária, como mandavam os Estatutos vigentes no tempo.

Parece, no entanto que tal Assembleia foi por nós indevidamente considerada «extraordinária».

Num encontro recente (6-1-1986) com o Prof. Victor Jorge, Presidente do Conselho Director da S.P.A.E. eleito na mesma noite de 15 de Março, abordaram-se vários assuntos inerentes à transmissão de poderes, e, entre eles, a natureza da Assembleia de 15 de Março, que tínhamos proposto e considerado Assembleia Extraordinária, e que o Prof. Victor Oliveira Jorge, baseado em preceitos jurídicos e legais afirmou tratar-se de Assembleia simplesmente ordinária.

Convencidos que o Prof. Victor de Oliveira Jorge tem razão, verifica-se que da nossa parte teria havido lapso, e nada mais temos a fazer do que penitenciarmo-nos.

26 de Janeiro de 1986

Pelo Conselho Director cessante

*Prof. J. R. dos Santos Júnior*

# Trabalhos de Antropologia e Etnologia

da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

VOL. XXV — FASC. I

## SUMÁRIO:

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR e ADÉRITO MEDEIROS FREITAS  
O Castro da Curalha — 10.<sup>a</sup> Campanha de escavações (Chaves)

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR  
A cultura dos berrões proto-históricos fundamente radicada em  
Trás-os-Montes

AGOSTINHO CAMPOS FERREIRA  
A Anta da Capela da Senhora do Monte — Contribuição para o  
estudo do megalitismo da freguesia de Penela da Beira

GUILHERME FELGUEIRAS  
Rotineirismo na suinicultura popular (Resenha histórica, arqueo-  
lógica e etnográfica)

BARROSO DA FONTE  
Rezas, Crendices e Medicina Popular em Terras de Barroso

VALDEMAR DOS SANTOS ROCA  
O jogo dos Paus em Carrazedo (Bragança)

ANTÓNIO DA EIRA  
As Retadas

ANTÓNIO MARIA MOURINHO  
Bio-biografia do Abade de Baçal, evocando os 120 anos do seu  
nascimento

Vária: — A Propósito de um Crânio Africano e Antropofagia, (MARIA EMÍLIA DE CASTRO E ALMEIDA & MARIA CRISTINA SANTOS NETO) (págs. 161 e 162); Campanha de trabalhos no Castro de Sabrosa em 1984, (CARLOS ERVEDOSA) (págs. 163 e 164); Ara votiva a Júpiter encontrada em Sabrosa, (CARLOS ERVEDOSA) (págs. 165 a 170); 33.<sup>a</sup> Campanha de trabalhos no Castro de Carvalhelhos — Agosto — 1984, (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR) (págs. 170 a 172); Ruínas de ponte romana no Itinerário de Chaves a Vinhais, (ANTÓNIO DA EIRA) (págs. 173 a 179); Contribuição para o estudo dos jogos populares de Quintã (Campeã) — Vila Real, (ANTÓNIO DA EIRA) (págs. 180 a 184); Abdicação do Prof. Santos Júnior de Presidente da Sociedade de Antropologia, (J. R. DOS SANTOS JÚNIOR) (págs. 185 a 189); Subsídios (pág. 190).

Revista Bibliográfica: — ANTÓNIO FRAGUAS FRAGUAS, (págs. 191 e 192).